

ESCOLA BÍBLICA - GRUPOS PEQUENOS - ESTUDOS BÍBLICOS

Prêmio Areté
de Literatura, 2002



A CRUZ DE CRISTO



17 lições baseadas
no livro de John Stott



série
Doutrinas 4

ADULTOS

Prêmio Areté
de Literatura 2002



ESCOLA BÍBLICA - GRUPOS PEQUENOS - ESTUDOS BÍBLICOS

A CRUZ DE CRISTO



17 lições baseadas
no livro de John Stott

A CRUZ DE
CRISTO

Copyright © 2009,
Editora Cristã Evangélica

Todos os direitos nacionais e internacionais desta edição reservados.

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Editora Cristã Evangélica (lei nº 9.610 de 19/02/1998), salvo em breves citações, com indicação da fontes

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), exceto indicações de outras versões.

Editora filiada à
Associação de Editores Cristãos



Rua Goiânia, 294 – Parque Industrial
12235-625 São José dos Campos-SP
comercial@editoracristaevangelica.com.br
www.editoracristaevangelica.com.br
Telefax: (12) 3202-1700

diretor
Abimael de Souza

consultor
John D. Barnett

editor-chefe
André de Souza Lima

assistentes editoriais
Isabel Cristina D. Costa
Regina Okamura
Selma Dias Alves

autores
Jessé Ferreira Bispo
João Arantes Costa

John D. Barnett
José Humberto de Oliveira

revisores
Aydano Barreto Carleial
Leheni Lino de Oliveira Ferreira

autora do guia
Mércia Madeira e Silva

projeto gráfico
Patrícia Pereira Silva

diagramação
André de Sousa Júnior

capa
Henrique Martins Carvalho

A CRUZ DE CRISTO

Todas as religiões e ideologias têm seu símbolo que exemplifica algum aspecto importante da sua crença. O judaísmo moderno emprega como símbolo a estrela de davi; o islã é representado pelo crescente ou meia-lua; o comunismo, pelo martelo e a foice.

Desde os primeiros séculos da era cristã, os cristãos perseguidos têm escolhido a cruz como o símbolo do cristianismo. Eles não escolheram uma manjedoura na qual o menino Jesus foi colocado; nem uma mesa de carpinteiro onde trabalhava com Seu pai, enquanto jovem; nem um barco que Ele usava para ensinar a multidão; nem uma toalha empregada numa lição de humildade; mas sim uma rude cruz de vergonha. Os primeiros cristãos ecoaram o grande desejo de Paulo: *“Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Gl 6.14). cremos que a cruz é o centro da fé cristã. Sem ela, não temos nenhuma mensagem. Sabemos que *“a palavra da cruz é loucura”* para os incrédulos, mas *“para nós, que somos salvos, poder de Deus”*. Por isso Paulo resolveu pregar somente *“a Cristo crucificado”* (1Co 1.18,23). Qual tem sido o lugar da cruz na pregação em nossas igrejas?

Martyn Lloyd-Jones, depois de um dos seus sermões, foi desafiado por um pastor, que lhe disse parecer *“que a cruz e a obra de Cristo”* ocupavam um pequeno lugar em sua pregação. Imediatamente Lloyd-Jones comprou algumas obras teológicas sobre o assunto e começou a estudar. Ele se entregou totalmente ao estudo, recusando almoço e jantar. Quando saiu da reclusão, dizia ter encontrado *“o verdadeiro coração do Evangelho e o segredo do significado interior da fé cristã”*. A partir daí, a sua pregação mudou, e com essa mudança, o seu impacto. Nas próprias palavras dele, a questão básica não era a pergunta de Anselmo *“por que Deus Se tornou homem?”*, mas *“por que Cristo morreu?”*

As lições foram adaptadas da magistral obra *A Cruz de Cristo* (Prêmio Areté 92), de John Stott, com a devida permissão da Editora Vida. Vale a pena adquirir essa obra magnífica, em livraria de sua cidade ou diretamente na Editora Cristã Evangélica.

Terminamos com estas palavras de Stott: *“Só podemos nos aproximar da cruz com a cabeça curvada e em espírito de contrição. E aí permaneceremos até que o Senhor Jesus nos conceda ao coração Sua palavra de perdão e aceitação, e nós, presos por Seu amor, e transbordantes de ação de*

graças, saíamos para o mundo a fim de viver a nossa vida no serviço Dele”.

“No Calvário se ergueu uma cruz contra o céu, como emblema de afronta e de dor,

Mas eu amo essa cruz: foi ali que Jesus deu a vida por mim, pecador.”

(Hino 110, *Salmos e Hinos*)

Que depois de estudar esse grande tema, possamos afirmar também – “Sim, eu sempre amarei essa cruz”!

John D. Barnett

– Sumário –

- 1** Profecias a respeito da obra salvífica de Cristo no AT
- 2** A centralidade da cruz de Cristo
- 3** Por que Cristo morreu?
- 4** Olhando abaixo da superfície
- 5** O problema do perdão
- 6** A cruz satisfaz a todos
- 7** A autossubstituição de Deus
- 8** A salvação mediante a cruz
- 9** A revelação de Deus
- 10** A conquista do mal
- 11** A comunidade da celebração
- 12** Autocompreensão e autodoação
- 13** Amando nossos inimigos
- 14** Sofrimento e glória
- 15** A influência da cruz (1)
- 16** A influenciada cruz (2)
- 17** O túmulo vazio valida a cruz de Cristo

1

Profecias a respeito da obra salvífica de Cristo no AT

texto básico	2Pedro 1.19-21
versículo-chave	Hebreus 11.39-40

“Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de conhecer as formas como Deus preparou a história do homem no Antigo Testamento para a obra da cruz.

leia a Bíblia diariamente

seg	Is 11.1-10
ter	Is 7.14; 9.6
qua	Is 53.1-12
qui	Is 61.1-3
sex	2Pe 2.19-21
sáb	Gl 3.23-29
dom	Hb 11.39-40

Sugestão Inicial

Chame dois ou três alunos à frente. Peça que cada um, em rápidas palavras, fale de sua experiência de salvação. Você poderá ajudá-los com algumas perguntas.

Quem falou de Jesus, pela primeira vez, para você?

O que mudou em sua vida, depois que Cristo o salvou?

Encerre este momento perguntando: Vocês sabem que a salvação de cada um de nós foi preparada por Deus, desde o Jardim do Éden?

Fale que este será o tema central do estudo..

Uma das boas lembranças que muitos guardam da infância é o presente de Natal tão esperado, principalmente aquele alcançado em recompensa por metas atingidas.

A lição de hoje nos leva a pensar a respeito de um longo período da história em que o homem esperou por um presente de Deus, a sua salvação.

Vamos analisar alguns pontos das Escrituras, neste sentido, e algumas aplicações que eles nos oferecem.

Orientação Didática

É bom que o primeiro estudo do quadrimestre seja expositivo. Lembre-se de acompanhar a exposição com perguntas que permitam a participação de todos. O tema do estudo é muito interessante e possibilita que cada um trabalhe com as próprias experiências. Para facilitar, estamos oferecendo um pequeno esboço que poderá ser seguido. Escreva apenas os tópicos no quadro, num cartaz, numa transparência ou *slide* para projetor multimídia (o que está entre parênteses é para você, professor).

1. As profecias revelam Deus como agente ativo da salvação
 - Deus tomou uma atitude logo após a queda do homem. (Quando o homem ainda estava no Éden, Deus, ao verificar que ele pecaria, prometeu que enviaria Jesus.)
 - Deus mesmo apresentou a solução para o pecado humano. (O homem seria incapaz de conseguir, por si mesmo, a salvação, por isso Deus providenciou a solução.)
 - A salvação é um ato exclusivo de Deus. (Somente Deus pode providenciar a salvação, por causa da Sua santidade.)

I. Revelam Deus como agente ativo

Em todo o processo preparatório para oferecer ao homem a salvação, Deus foi o coordenador para lhe dar uma oportunidade de restituir o relacionamento com Ele.

Assim, vemos o Senhor trabalhando desde o primeiro contato após a queda do homem, ainda no Jardim do Éden, quando afirma sobre a vinda de um salvador (Gn 3.15). Posteriormente, na chamada de Abraão para ser uma bênção às nações, e por meio de sua descendência, Deus preparou o povo hebreu para ter entendimento da necessidade de um Messias. Esse conceito amadureceu a partir da aliança com eles no Sinai.

No período dos reis, observamos Saul que, mesmo em um momento de declínio de sua conduta, vê em Deus o seu agente de libertação (1Sm 14.38-39). Sem dúvida, Davi tinha compreensão da completa incapacidade do homem em sua autorredenção (Sl 14.1-3) e entendeu ser Deus o único capaz de fazê-lo (Sl 3.8).

Não podemos ler o Antigo Testamento sem ter esta compreensão: sem uma ação exclusiva de Deus, não havia nada que o homem pudesse fazer para reconhecer seus pecados, livrar-se dos seus inimigos ou enxergar algum caminho para reconduzi-lo a Deus.

Foi por instrução divina que os profetas pregaram sobre o grande amor que existe no coração de Deus para oferecer ao homem um ato redentor, seja na particularidade com Israel ou entre povos pagãos, como no caso de Nínive nos dias de Jonas.

aplicação

Temos compreendido que, se não for pela misericórdia de Deus, não temos nenhuma condição de desfrutar as bênçãos oferecidas na cruz?

2. As profecias são reforçadas através de várias figuras que apontam para a cruz

- A arca de Noé. (A salvação é para todo o que crer: “*Quem crer... será salvo*”).
- A obediência de Abraão. (Diante da resolução de Abraão em sacrificar Isaque, Deus apresentou o cordeiro do sacrifício: Jesus, “*o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*”).
- A saída do povo, do Egito. (Assim como o povo de Deus foi liberto da escravidão do Egito, o povo eleito foi liberto da escravidão do pecado. No AT, o agente foi Moisés; no NT, Jesus.)
- A experiência de Jonas, que ficou três dias no ventre do peixe. (Esses três dias apontaram para os três dias em que Jesus ficou sepultado, antes de ressuscitar.)

II. Revelam a eficácia da cruz por meio de diversas figuras

Diversos acontecimentos na história registraram evidências da cruz e foram

instrumentos importantes para dar ao homem a compreensão da justiça de Deus e da oportunidade de salvação oferecida por Ele, por exemplo:

1. A arca de Noé

Vemos uma família que acreditou na palavra de Deus e entrou em um abrigo salvador, oferecido por Deus.

2. A libertação de Israel do Egito

Quando vemos o povo recebendo a providência de Deus para a redenção da escravidão do jugo egípcio.

3. A obediência de Abraão em ir ao monte Moriá,

Quando Deus apresenta uma vida ou seja, um cordeiro em favor de Isaque.

4. A formação de um povo

Faz-nos entender que Deus quer que tenhamos um relacionamento familiar com Ele.

Se você fizer uma leitura minuciosa do Antigo Testamento, poderá ver a cruz em muitas outras figuras.

aplicação

Meus olhos estão vendo gestos demonstrados por Deus que revelam o Seu amor por mim?

3. As profecias revelam a necessidade de uma aliança definitiva entre Deus e o homem

- No Sinai. (Deus fez uma aliança com o povo, através de Moisés. Logo o povo a quebrou.)
- Através da Lei. (A Lei exigia sacrifício para o perdão dos pecados. Era muito dura, e as pessoas não podiam cumprir suas exigências.)
- Através da cruz. (Jesus, sem pecado algum, assume nossa culpa, morre na cruz e abre o caminho da salvação para todo o que crer.)

4. As profecias apontam para Jesus

- Elas falam do nascimento virginal de Jesus.
- Jesus – o Cordeiro que sofre em nosso lugar.
- Jesus - o próprio Deus, segunda pessoa da Trindade.
- Jesus – Seu ministério sob a ação do Espírito Santo.
- Só Jesus poderia estabelecer um reino de paz e de justiça num mundo de pecado.

Durante a exposição da lição, procure tirar as dúvidas dos alunos sobre as questões que forem sendo apresentadas. Lembre-se de promover a participação de todos. Não fique falando sozinho!

III. Revelam a necessidade de uma aliança definitiva

A aliança estabelecida com Israel, no Sinai, permitiu que o povo entendesse que conduta deveria ter para um bom relacionamento com

Deus. A Lei determinava que tipo de sacrifício deveria ser feito em favor daquele cuja comunhão com o Senhor estivesse interrompida. Porém ninguém podia cumprir a Lei integralmente. Isso demonstra a fragilidade da Lei.

Paulo, escrevendo aos Gálatas, disse: *“A lei veio como um tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé”* (Gl 3.24 NVI). Esse texto ensina que a aliança do Sinai foi apenas um guardião para os que creram naquele concerto. A obediência à Lei era apenas um caminho para a salvação. Ensina também que a plena estabilidade da relação do homem com Deus só se daria na cruz de Cristo.

aplicação

Encontro na cruz de Cristo a paz que ela se propõe a me oferecer?

IV. Revelam que a salvação será realizada por um Messias

Sem dúvida, o profeta que descreveu com maior exatidão a pessoa do Messias e a Sua obra na cruz foi Isaías. Vamos concluir esta lição meditando sobre algumas verdades preciosas anunciadas por ele.

1. O Messias nasceria de uma virgem (Is 7.14).
2. O Messias deveria sofrer em favor de muitos (Is 53).
3. O Messias é a própria divindade (Is 7.14).
4. O Messias faria Seu ministério pelo poder do Espírito Santo (Is 61.1-3).
5. O Messias estabelecerá um reino de paz (Is 11).

Conclusão

O escritor aos Hebreus afirmou que os crentes do passado não seriam aperfeiçoados sem nós (Hb 11.39-40). Como é bom saber que Deus cuidou tão detalhadamente da nossa salvação desde o Antigo Testamento

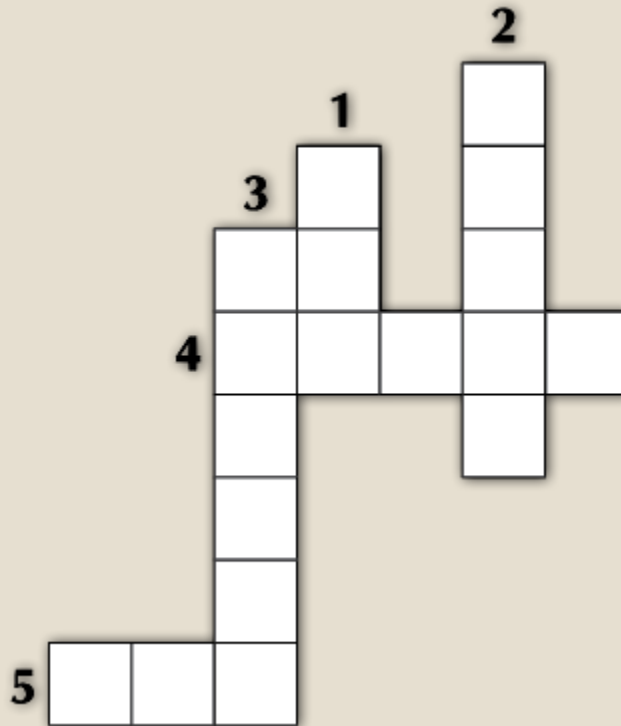
Sugestão Final

Coloque numa folha de cartolina esta cruzadinha. Chame dois ou três alunos para resolvê-la.

1. Não podia representar uma aliança definitiva porque era muito dura e as pessoas não

conseguiam cumpri-la.

2. Representou o sepultamento e a ressurreição de Jesus.
3. Representa o filho que é dado pelo pai, em sacrifício.
4. A aliança estabelecida lá logo foi esquecida pelo povo.
5. Representa todo aquele que é salvo porque crê.



Peça que os alunos recitem juntos João 3.16. Explique que esse texto é a síntese de todo o processo de salvação, conforme os planos de Deus. Depois de rápidas palavras, peça que todos recitem o mesmo versículo, substituindo a palavra mundo pelo seu próprio nome. Por exemplo: "Porque Deus amou "João" de tal maneira...". Faça isso por duas vezes e depois pergunte a dois ou três alunos como se sentiram, falando o versículo dessa maneira. Quando isso é feito com sentimento e conscientização, a pessoa fica extremamente sensibilizada.

2

A centralidade da cruz de Cristo

texto básico	Gálatas 6.14
versículo-chave	Gálatas 6.14

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de reconhecer a cruz como o ponto central da vida cristã.

leia a Bíblia diariamente

seg	Jo 6.22-40
ter	At 4.8-12
qua	1Co 1.18-25
qui	Ap 1.9-18
sex	Ap 5.1-14
sáb	1Pe 2.21-25
dom	Gl 6.11-17

	O aluno será capaz de
saber	identificar a cruz no Antigo Testamento;
sentir	apreciar a providência de Deus em relação à salvação do ser humano, desde o AT;
agir	buscar conhecer Sua vontade e obedecer a Ele, em resposta ao cuidado de Deus.
Sugestão Inicial	

Sugestão Inicial

Prepare alguns pequenos cartazes com sinais ou símbolos e peça que os alunos os identifiquem.

Pela ordem, os símbolos representam:

	Judaísmo		Marxismo
	Perigo		Sala de oração
	Islamismo		Cristianismo
	Feminino e masculino		

Ao final da identificação, fale que símbolo é um sinal para representar algo, material ou imaterial. Pergunte.

- Por que a cruz é o símbolo do cristianismo?
- Qual deve ser a importância da cruz para o cristão?

Permita que a classe se expresse, mas controle o tempo e procure evitar que somente alguns tenham oportunidade de falar.

No dia 11 de setembro de 2001, dois aviões foram lançados contra as duas torres gêmeas em Nova Iorque. Terroristas chamaram a atenção do mundo para presenciar, minutos depois, uma das maiores tragédias da história.

Os olhos do mundo se voltaram para essa tragédia e suas consequências, mas, na verdade, deveriam estar voltados para a cruz de Cristo, a maior marca de nossa fé.

Orientação Didática

Vamos usar para este estudo a estratégia de perguntas. Os alunos perguntam e você responde. Assim, você promove participação, integrando até mesmo os mais tímidos. Prepare tiras de papel com somente as questões numeradas e entregue uma a cada aluno. Começando com a pergunta número um, o aluno fica em pé e a lê para que você responda (explorando o conteúdo da lição do aluno – não esqueça de fazer as aplicações que estão nas molduras!), e assim sucessivamente. A seguir, algumas sugestões. A estas, acrescente outras que achar necessárias e adequadas à realidade de sua classe.

1. Por que no início do cristianismo a cruz não foi aceita como símbolo? (A cruz era repugnante porque era usada pelos romanos para executar judeus condenados à morte.)
2. Por que a cruz passou a ser adotada pelos cristãos como o seu símbolo? (Ela é o centro da mensagem – Cristo morreu na cruz para nos salvar.)
3. Por que os evangélicos deixaram de praticar o sinal da cruz? (O sinal da cruz passou a ser usado por hereges e supersticiosos.)

I. O sinal e o símbolo da cruz

Diversas religiões e ideologias possuem um símbolo que as identifica.

- **O islamismo** usa uma meia-lua.
- **O judaísmo** moderno, a estrela de davi.
- **O marxismo**, o martelo e a foice.
- **O cristianismo** também adotou um símbolo para identificá-lo: a cruz.

A história da igreja informa que houve algumas tentativas antes de os cristãos elegerem a cruz como sua referência. Uma bem conhecida é a figura de um peixe, por esconder nesta marca as iniciais, em grego, do nome Jesus Cristo.

Nos primeiros anos da história da igreja, a cruz era algo extremamente repugnante por ser o instrumento utilizado pelos romanos para executar escravos e estrangeiros. Já os judeus julgavam estar sob a maldição de Deus todos os que fossem pendurados em madeiros (Dt 21.23).

Paulo observou como o incrédulo de seu tempo abominava a mensagem da cruz (1Co 1.18). Houve alguém que desenhou um homem com cabeça de burro, crucificado, a fim de ridicularizar a fé evangélica.

Entretanto, mesmo com riscos e afrontas que os cristãos sofriam pelo símbolo da cruz, essa figura foi adotada por ser o centro da mensagem por eles anunciada.

Durante um grande período, os cristãos também faziam o sinal da cruz com a mão para identificar-se e lembrar uns aos outros constantemente da sua fé. Hoje, a igreja evangélica deixou de praticar esse ritual, em razão de muitos hereges usarem essa prática como superstição.

aplicação

Visto que o justo viverá pela fé, a melhor maneira que temos para conservar o símbolo que nos identifica é uma lembrança permanente do sofrimento do Senhor na cruz e da vida que temos a partir dela.

4. O que Jesus falou para Maria, em Caná, que demonstra consciência de Sua missão? (Jo 2.4 – Jesus Se refere à Sua hora – Sua morte.)
5. Como Lucas fala da consciência de Jesus sobre Sua missão? (Lc 22.37 – “*Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito*”.)
6. O que Jesus falou acerca do Seu próprio sofrimento? (Mc 9.31 – “*O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão*”.)

II. A perspectiva de Jesus

Quando Jesus, ao iniciar Seu ministério em Caná da Galileia, afirmou a Maria que ainda não era chegada a Sua hora (Jo 2.4), deixou claro que sempre teve consciência da natureza de Sua morte.

Lucas descreveu a clareza que Jesus tinha a respeito do que as Escrituras expunham a Seu respeito (Lc 24.27). Jesus reconhecia que Nele se cumpriria a palavra de Isaías, de que seria contado como um malfeitor (Lc 22.37), para que todo o que Nele cresse tivesse a vida eterna (Jo 3.14-15). Sabia que os religiosos buscavam a Sua morte, assim como tinham buscado a dos profetas (Lc 4.28-29).

Diversas vezes, durante o Seu ministério, Jesus fez menção ao Seu sofrimento (Mc 9.31; 8.21,32 e Lc 18.31-32), expressando que faria o ato redentor em obediência ao Pai (Jo 6.38), mas também de Sua própria vontade (Jo 10.17-18).

Fazendo uma leitura cuidadosa dos evangelhos, veremos a clareza que Jesus tinha da Sua missão.

aplicação

Busco saber a vontade de Deus e obedecer-Lhe, assim como Jesus o fez?

7. Como Paulo expressa a importância da cruz? (1Co 15.3 – Falando da ressurreição de Jesus.)
8. Como Pedro relaciona o sofrimento presente com a cruz do Senhor em 1Pedro 4.13? (Falando das alegrias que o cristão terá na glória.)
9. Por que há um entendimento tal entre os apóstolos acerca da cruz que esta mensagem se sobrepõe à da ressurreição? (A ressurreição só existiu por causa do sacrifício da cruz.)

III. A ênfase dos apóstolos

Nada nas mensagens pregadas e nos escritos dos apóstolos é tão enfatizado como o sacrifício do Senhor na cruz.

Para eles, como podemos ver em 1Coríntios 15.3, na cruz se cumprem os

propósitos divinos. Entendiam que os sofrimentos presentes eram uma maneira de compartilhar do cálice do Senhor (1Pe 4.12), e que na cruz estava a Sua glória

(Gl 6.14) em confronto com a vergonha que conservava o incrédulo (1Co 1.18). Em sua doutrina, viam claramente que a maldição de Deus estava plenamente satisfeita no Calvário (Gl 3.13).

Até mesmo o apóstolo João, em sua majestosa visão do Apocalipse, identificou o glorioso Senhor como Aquele que foi morto (Ap 1.18). Mais adiante, reconheceu o Cordeiro que foi morto, O qual possui autoridade para abrir os selos (Ap 5.5).

Assim, nem mesmo a ressurreição que foi algo tão motivador, predominou na mensagem apostólica. Os apóstolos entenderam que a vitória sobre a morte só ocorreu por causa do sacrifício de Jesus na cruz.

aplicação

Estudo os ensinamentos dos apóstolos vendo na cruz o ponto central para minha vida e vendo as bênçãos que ela me oferece?

10. A mensagem da cruz hoje é pacífica ou enfrenta oposição? (Há pessoas que ainda hoje, em pleno século 21, morrem por causa da mensagem da cruz.)
11. Como as pessoas costumam lutar contra a fé? (Procurando desmerecer o gesto de Jesus, não colocando Nele sua fé e explicando os fatos através da ciência.)

IV. A persistência da igreja apesar da oposição

A verdadeira igreja tem preservado, no decorrer dos anos de sua história, a fidelidade à genuína fé, mesmo em momentos, tanto do passado como do presente, em que é preciso comprová-la com a oferta da própria vida.

Logo após a ressurreição de Cristo, já havia, como registram os evangelhos, aqueles que buscaram corromper a realidade da vitória do Senhor sobre a morte. E a partir dali, esta tem sido uma luta permanente de muitos contra a fé.

Conclusão

Hoje, um dos desafios ao crente está em preservar a fé cristã diante de um mundo pós-moderno que se manifesta com a penetração de uma falsa

mensagem cristã. Esta leva seus adeptos a acreditar na prosperidade, quando afirma que a cura de um dente cariado deve ser evidenciada, não com a cura da dor, mas com a presença do ouro; que o pecado nem sempre é culpa do desejo do homem caído, mas de uma entidade maligna, que deve ser rejeitada para alcançar o conforto. Enfim, verifica-se, em diversas tendências que se apresentam como cristãs, o esfriamento da fé, priorizando o conforto e o prazer.

Através da história da igreja, verificamos que a verdadeira mensagem da cruz é demonstrada somente por aqueles que têm sua fé fundamentada na Bíblia.

aplicação

A vida exige que o homem defina prioridades. Qual a posição que a cruz ocupa em minha vida?

Sugestão Final

Pergunte a dois ou três alunos.

- Você aceita plenamente a cruz como símbolo do cristianismo?
- O que você acha de igrejas evangélicas que têm a cruz na parede?

Entregue a cada aluno um pequeno cartão assim:

**QUAL A MELHOR MANEIRA DE
SE CONSERVAR A CRUZ DE CRISTO
COMO SÍMBOLO?**

Viver uma vida de obediência a Jesus.

Conclua a aula dizendo que a maneira mais eficaz de se falar da cruz é mostrar os efeitos de Jesus na própria vida.

3

Por que Cristo morreu?

texto básico	João 10.11-18
versículo-chave	Gálatas 2.20

“Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de refletir sobre a morte de Cristo, que foi determinada pelo Pai, pela vontade do Filho e por amor de nós.

leia a Bíblia diariamente

seg	Jo 3.14-18
ter	Rm 2.25-29
qua	Is 52.10-15
qui	1Co 15.1-6
sex	Gl 5.1-6
sáb	1Tm 6.1-8
dom	Tg 1.12-17

	O aluno será capaz de
saber	entender que só o amor perfeito de Deus o moveu a dar Seu filho em favor de pecadores;
sentir	refletir com gratidão sobre a morte de Jesus a seu favor;
agir	viver coerentemente sob a proteção da cruz.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Chame à frente dois alunos e faça uma pequena entrevista. Use as questões que estão na introdução da lição. Faça perguntas iguais aos dois alunos.

- Quem foi responsável pela execução de Jesus?
- Jesus morreria de qualquer maneira, mesmo que Pilatos não O tivesse condenado?
- Qual é a sua parcela de responsabilidade na morte de Jesus?
- Deus planejou a morte de Jesus tal como ocorreu?
- Poderia ter sido diferente?

Deixe que os entrevistados respondam. Depois pergunte à classe: Vocês se sentem responsáveis pela morte de Jesus? Por quê?

Geralmente quando há um crime, a Justiça determina que se faça um trabalho de investigação para que sejam encontrados os responsáveis. Façamos uma investigação nas Escrituras para descobrir quem são os responsáveis pela morte de Cristo.

Por que Cristo morreu? Quem foi o responsável pela Sua execução? Quem são os suspeitos? E nós, quanto estamos envolvidos com a Sua morte? Qual é a nossa responsabilidade? Olhando pelos olhos de Deus, vejamos a nossa participação. A morte de Jesus foi um acidente? Ou será que fazia parte dos propósitos de Deus Pai? Conheçamos os responsáveis.

Orientação Didática

Apresente um cartaz assim:

QUEM É O CULPADO?			
Pilatos?	Sacerdotes?	Judas?	Jesus?
POR QUE JESUS MORREU?			

Fale que o estudo vai responder a estas duas perguntas. Comece por Pilatos.

PILATOS?
CULPADO OU INOCENTE?

Deixe que os alunos deem opiniões acerca dessa questão, depois continue o estudo.

1. Mostre que Pilatos tomou algumas atitudes que o tornaram culpado pela morte de Jesus. Escreva no quadro, conforme o texto do aluno.

- Como governador romano, ele queria agradar aos judeus.
- Ele não atendeu ao pedido de sua esposa para que não se envolvesse com Jesus.
- Preferiu contentar a multidão.
- Fez sua escolha entre honra e ambição.

2. Chame a atenção para o fato de que, em alguns momentos, Pilatos agiu de modo a transferir sua responsabilidade aos outros.
 - Enviou Jesus para ser julgado por Herodes.
 - Lavou as mãos, indicando que não queria envolvimento com o problema.
 - Tentou transferir a responsabilidade para o povo.
 3. Chame a atenção para o fato de que Pilatos em nenhum momento se mostrou disposto a livrar Jesus da morte. Fale que Pilatos preferiu agir covardemente e da maneira mais conveniente para ele.
 - Ao entregar Jesus, ficou bem perante o povo.
 - Ao enviar Jesus para Herodes, ficou bem diante do imperador.
- Abaixo do quadro de Pilatos, coloque uma placa.

Conveniência

I. Pilatos, o governador: por conveniência

1. Era governador romano na província da Judeia. Ele quis agradar aos judeus, entregando-lhes Jesus (Mc 15.15).
2. Estava convicto da inocência de Jesus (Lc 23.4; Jo 18.38; 19.4-5)
3. A mulher de Pilatos o havia avisado: *“Não te envolvas com esse justo”* (Mt 27.19).
4. Tentou libertar Jesus. Vejamos como:
 - enviando-O a Herodes (Lc 23.5-12);
 - usando meias medidas (Lc 23.16-22);
 - tentando soltá-Lo através de voto popular (Lc 23.20);
 - tentando protestar a Sua inocência (Mt 27.24).
5. Pilatos, por fim, cedeu à pressão e entregou Jesus para ser crucificado (Lc 23.23-25). Quis contentar a multidão (Mc 15.15).

“É fácil condenar a Pilatos e passar por alto nosso próprio comportamento igualmente tortuoso. Ansiosos por evitar a dor de uma entrega completa a Cristo, nós também procuramos subterfúgios. Deixamos a decisão para alguém mais, ou optamos por um compromisso morno, ou procuramos honrar a Jesus pelo motivo errado (como mestre em vez de Senhor), ou até mesmo fazemos uma afirmação pública da lealdade a Ele, mas ao mesmo tempo O negamos em nossos corações” - Stott.

Depois coloque no quadro outro pequeno cartaz.

SACERDOTES

CULPADO OU INOCENTE?

Fale que os sacerdotes, em nenhum momento, fizeram qualquer tentativa para livrar Jesus. Use as respostas que estão no texto do aluno, falando que a atitude de Jesus incomodava os sacerdotes.

- Jesus era Mestre – eles se julgavam pessoas superiores.
- Jesus comia com os publicanos – eles menosprezavam os publicanos.
- Jesus curava aos sábados – eles eram servos do sábado.
- Jesus denunciava a hipocrisia – eles eram extremamente hipócritas.
- Jesus deixava-os sem argumentação – eles faziam perguntas a Jesus, procurando deixá-Lo em situação delicada.
- Jesus tinha autoridade para curar, expulsar demônios e perdoar pecados – os sacerdotes não tinham esse tipo de poder.

Pergunte: Vocês sabem que nome se dá a esse comportamento dos sacerdotes? Inveja. Abaixo do quadro dos sacerdotes coloque a palavra

Inveja

II. Os sacerdotes judeus: por inveja

1. Os sacerdotes entregaram Jesus a Pilatos

Eles O acusaram de subversivo e exigiram a crucificação. Jesus destacou a culpa deles (Jo 19.11).

2. Jesus incomodava os sacerdotes

- Deixava-Se chamar de Mestre (Mt 19.16; 26.49).
- Festejava com publicanos (Mt 9.10-11).
- Curava no sábado (Mt 12.1-8).
- Denunciava a hipocrisia (Mt 23.27).
- Causava inveja (Mt 27.18).
- Encurralava os sacerdotes, deixando-os sem saída (Mc 11.28-30).
- Tinha autoridade para ensinar, expelir demônios, perdoar pecados e julgar o mundo, mas os sacerdotes não tinham essa autoridade.

Os sacerdotes decidiram eliminá-Lo (Mt 27.20).

“A mesma paixão maligna influencia nossas atitudes contemporâneas para com Jesus. Ele ainda é, como O denominou C.S.Lewis, ‘um interferidor transcendental’. Ressentimo-nos de Suas intrusões à nossa vida privada, Sua exigência de nossa homenagem, Sua expectativa de nossa obediência. Por que é que Ele não cuida de Seus próprios negócios, perguntamos petulantemente, e nos deixa em paz? A essa pergunta Ele instantaneamente responde dizendo que nós somos o Seu negócio e que jamais nos deixará sozinhos. De modo que nós também vemo-Lo como um rival ameaçador, que perturba nossa paz, mina autoridade e diminui nosso autorrespeito. Nós também queremos eliminá-Lo” - Stott.

Coloque no quadro o cartaz de Judas.

JUDAS

CULPADO OU INOCENTE?

Fale que, à semelhança dos sacerdotes, nada existe na atitude de Judas que possa beneficiá-lo ou inocentá-lo em relação à morte de Jesus. Com base no texto do aluno, escreva no quadro.

- Judas traiu Jesus – a traição é um ato odioso.
- Judas traiu por dinheiro – a traição por dinheiro é mais odiosa ainda.

Pergunte: O que levou Judas a trair Jesus? Mostre a faixa que será colocada abaixo do cartaz de Judas.

Dinheiro

III. Judas Iscariotes: por dinheiro

1. A traição de Jesus por Judas

(1Co 11.23)

- a. Judas seria um escolhido para o mal? (Lc 22.3; Jo 17.12; At 1.15-17). Entretanto nada disso exonera Judas. Ele era um agente livre. Podia não ser ele.
- b. Ele se expôs à vontade de Satanás (Jo 13.25-30). A traição foi odiosa (Mc 14.21).

c. O suicídio de Judas foi um atestado de culpa.

2. Qual o motivo da traição? Ganância

a. Judas vendeu Jesus (Mt 26.6-16; Mc 14.3-11).

b. Judas amava o dinheiro (Lc 12.15; 1Tm 6.10 NVI).

aplicação

Não é por acaso que Jesus disse que devemos nos acautelar de toda a cobiça, ou que Paulo declarou que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (Lc 12.15; 1Tm 6.10 NVI). Muitos se deixam subornar (Am 2.6). Mas o cristão não deve ser amante do dinheiro (1Tm 3.3,8; Tt 1.7).

Pergunte: Por que Jesus morreu? Quem é responsável pela morte de Jesus? Depois que os alunos apresentarem suas sugestões, fale: O AMOR. À medida que você for falando, vá colocando no quadro as ilustrações a seguir (você pode preparar em cartolina ou em transparência - a informática pode ser grande aliada na preparação de visuais).

Prepare seis cruzes ou seis pequenos cartazes, e dentro de cada um escreva as frases sugeridas abaixo.

Jesus identificou-Se com os pecadores.	Jesus nunca Se desviou da cruz.
Jesus sabia da Sua morte e por que morreria.	Jesus deu a vida.
Jesus Se entregou por pecadores.	Deus deu o Seu Filho por amor.

Pergunte: Qual a atitude de Jesus em relação a Sua própria morte? Vá até o quadro e faça um X sobre as palavras – CONVENIÊNCIA – INVEJA – DINHEIRO. Se tiver quadro branco, use pincel vermelho próprio. Coloque no quadro uma cruz vermelha com letras brancas, assim:



Pergunte: Por que Jesus morreu? Dê um tempo para os alunos e responda: Jesus morreu porque nos amou.

IV. O próprio Senhor Jesus: por amor

1. Jesus Se identificou com os pecadores o tempo todo.

2. Jesus Se recusou a desviar-Se da cruz.
3. Jesus predisse a Sua morte (Mt 17.23).
4. Jesus deu a Sua vida (Jo 10.11,17-18).
5. Jesus Se entregou por nós (Gl 2.20; Ef 5.2,25).
6. Deus O entregou por amor (Rm 8.32).

“É essencial que conservemos juntos estes dois modos complementares de olhar a cruz. No nível humano, Judas O entregou aos sacerdotes, os quais O entregaram a Pilatos, que O entregou aos soldados, os quais O crucificaram. Mas, no nível divino, o Pai O entregou, e Ele Se entregou a Si mesmo para morrer por nós. À medida que encaramos a cruz, pois, podemos dizer a nós mesmos: ‘Eu O matei, meus pecados O enviaram à cruz’; e: ‘Ele Se matou, Seu amor O levou à cruz’. O apóstolo Pedro uniu as duas verdades em sua admirável afirmativa do dia de Pentecostes: ‘Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mão de iníquos’ - At 2.27. Assim, Pedro atribuiu a morte de Jesus simultaneamente ao plano de Deus e à maldade dos homens. Pois a cruz, que é a exposição da maldade humana, como temos considerado em particular neste capítulo, é ao mesmo tempo a revelação do propósito divino de vencer a maldade humana assim exposta” - Stott.

Conclusão

Por que Cristo morreu? Morreu pela responsabilidade de Judas, dos sacerdotes e de Pilatos. Contudo, o que se conclui é que Jesus foi à cruz voluntária e deliberadamente. Ele Se consagrou a esse destino. Ele Se identificou com os pecadores e morreu por eles. De fato, o bom Pastor dá a Sua vida pelas ovelhas (Jo 10.11). Grande deve ser a nossa gratidão.

Sugestão Final

Faça algumas perguntas, deixando a classe à vontade para responder.

- Por que Pilatos não queria assumir a responsabilidade da morte de Jesus?
- Por que os sacerdotes sentiam inveja de Jesus?
- Qual é o fator agravante na culpa de Judas, em relação à traição?

Use o momento da aplicação para refletir com os alunos. Conduza da seguinte maneira: peça que todos abaixem a cabeça e faça as perguntas sugeridas, lentamente; oriente-os para que, refletindo sobre as perguntas, respondam silenciosa e sinceramente o que é perguntado.

- Tenho procurado assumir um compromisso sério com Jesus ou meu compromisso tem sido apenas superficial?
- Tenho aproveitado todas as oportunidades possíveis para testemunhar de Jesus?
- De 0 a 10 qual é o meu grau de lealdade ao Senhor?
- Tenho procurado aceitar, sem contestações, o senhorio de Jesus em minha vida?
- Até que ponto o meu posicionamento em relação ao dinheiro interfere no meu relacionamento com Cristo?
- Jesus entregou-Se por mim; eu me entregaria por Ele?

4

Olhando abaixo da superfície

texto básico	Mateus 27.33-44
versículo-chave	Romanos 5.8

“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de valorizar o alto preço pago por Jesus para conduzir-nos a Deus; de retribuir tão grande amor.

leia a Bíblia diariamente

seg	Mt 27.33-44
ter	Mt 27.45-56
qua	Lc 22.39-46
qui	Lc 23.44-49
sex	Rm 6.1-14
sáb	Fp 2.5-11
dom	Hb 7.20-28

Sugestão Inicial

Chame à frente quatro ou cinco alunos, pedindo que cada um relate, em breves palavras, qual o momento da vida em que passaram por um grande sofrimento. Após o relato, faça perguntas, como:

- O que lhe causou maior dor neste fato que você narrou?
- Houve um momento em que você pensou que não aguentaria mais o sofrimento?
- Que lição você tirou desse momento?

Em seguida, fale: Qualquer coisa que venhamos a falar ou imaginar não será suficiente para expressar o sofrimento de Jesus por nós e é sobre isso que vamos pensar um pouco.

Na lição anterior, vimos que a morte de Cristo ocorreu devido à maldade humana, mas foi também por desígnio de Deus e vontade de Seu Filho. Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (Rm 5.8). O Bom Pastor deu a Sua vida pelas ovelhas (Jo 10.15). Ele morreu para conduzir-nos a

Deus (1Pe 3.18). O Seu sangue derramado nos purifica de todo pecado (1Jo 1.7). De fato, o salário que Cristo recebeu por causa de nossos pecados foi a morte e morte de cruz (Rm 6.23; Fp 2.8). Ele nos amou até ao fim, Ele sofreu a nossa morte, visto que morreu pelos nossos pecados, sendo que Ele mesmo nunca pecou (Hb 4.15).

John Stott nos convida a penetrarmos mais profundamente na razão, moralidade e eficácia da morte de Cristo na cruz. Ele nos convoca para examinarmos as últimas 24 horas da vida de Jesus e descobrirmos as verdades teológicas implícitas em cada parte do Seu último dia. O que devemos observar quando analisamos os últimos momentos da história de Jesus entre nós?

Orientação Didática

Lembre a seus alunos que Jesus Se entregou por amor. Pergunte: O fato de Jesus ter-Se entregue por amor diminui a intensidade do Seu sofrimento? Por quê?

Apresente um quadro que ilustra a última ceia de Jesus.

Há vários quadros da última ceia de Jesus, e você poderá encontrar um com facilidade. Ao apresentar o quadro, tente com a classe identificar os apóstolos. Qual destes é Pedro? João? Tiago? Tomé? Judas?

Com o quadro na mão, faça algumas perguntas.

- O que este quadro representa?
- Qual o significado da Páscoa para os judeus? (A libertação da escravidão egípcia.)
- Que palavras Jesus usou ao entregar o pão a Seus discípulos? ("Isto é o meu corpo oferecido por vós" - Lc 22.19.)
- Que Jesus disse ao distribuir o vinho? ("Isto é o meu sangue,... derramado em favor de muitos" - Mc 14.24.)
- Jesus deseja ser lembrado por Sua vida ou morte? Por quê? (Pela morte, razão de Sua vinda ao mundo.)
- Qual o propósito da morte de Jesus com derramamento de sangue? (Fazer uma nova aliança com Seu povo.)
- Por que foi necessário o derramamento de sangue? (Porque sem derramamento de sangue não há remissão de pecados.)
- O que a ceia do Senhor nos ensina? (Que Jesus morreu por nossos pecados e que devemos aceitá-Lo como Salvador e Senhor.)

Ao fazer estas e as próximas perguntas, vá indicando quem deverá responder, para que todos possam participar. Se o aluno não der resposta satisfatória, passe a pergunta a outro. Fique atento para que não haja respostas duvidosas ou incompletas.

I. A última ceia

(Mt 26.26-28; Mc 14.22-26; Lc 22.17-19)

Podemos imaginar Jesus junto de uma mesa baixa, reclinado sobre almofadas, no chão. Ali, Ele proferiu palavras tremendamente reveladoras sobre o significado e propósito de Sua morte.

1. A centralidade da Sua morte

O pão e o vinho distribuídos aos discípulos deveriam simbolizar para sempre a Sua morte. Era por Sua morte que Ele desejava, acima de tudo, ser lembrado. Se a cruz não for o centro da nossa religião, a nossa religião não é Jesus.

2. O propósito de Sua morte

O sangue de Jesus deveria ser derramado para perdão dos pecados (Mt 26.28). Deus, em Cristo, estava fazendo uma “*nova aliança*” com Seu povo. Estava se cumprindo o que foi dito por meio do profeta Jeremias (Jr 31.31-34), que Jesus iria morrer a fim de levar o Seu povo a um novo relacionamento de aliança com Deus.

3. A necessidade de nos apropriarmos pessoalmente de Sua morte

Assim como os discípulos deveriam comer o pão e beber o vinho, era necessário que eles participassem pessoalmente dos benefícios da Sua morte. O comer e o beber eram, como ainda o são, uma parábola viva de como recebermos a Cristo como nosso Salvador crucificado, e nos alimentarmos Dele, pela fé, em nosso coração.

Apresente o quadro de um jardim. Se você tem acesso à internet, poderá ampliar e imprimir a foto do próprio Jardim do Getsêmani. Lembre aos alunos que foi nesse jardim que Jesus passou momentos de intensa dor. Faça as perguntas abaixo. Procure seguir as orientações que já foram dadas.

- Que significa o cálice ao qual Jesus Se refere? (O sofrimento pelo qual passaria.)
- Qual o sinal físico demonstrativo do sofrimento de Jesus, enquanto orava no jardim? (Suor como gotas de sangue.)
- Que peso Jesus sentiu diante da morte? (O peso dos pecados do mundo.)
- Qual a atitude de Jesus, diante da vontade de Deus? (Ele bebeu o cálice.)

Lembre-se que a cada resposta você deve fazer um rápido e conciso comentário.

II. A agonia no Jardim do Getsêmani

(Mt 26.36-46; Mc 14.32-42; Lc 22.39-46)

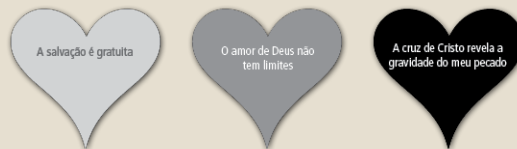
No jardim, Jesus orou, primeiro por Si mesmo e depois pelos discípulos, para que se mantivessem na verdade, santidade, missão e unidade.

Foi ali que Jesus fez menção ao “*cálice*” que Ele haveria de beber. Que cálice era esse? Segundo Stott, o cálice não simbolizava nem a dor física de ser açoitado e crucificado, nem a aflição mental de ser desprezado pelo Seu povo, antes, a agonia espiritual de levar os pecados do mundo, de suportar o juízo divino que esses pecados mereciam. O cálice era o símbolo da ira do Senhor (Jó 21.20), por amor a nós, Jesus bebeu. Jesus começou a oração dizendo: “*Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!*” e terminou: “*Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres*” (Mt 26.39-42). Jesus disse: “*Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?*” (Jo 18.11). Sim, Ele o bebeu.

Apresente o terceiro cartaz com a figura de uma cruz com o seguinte texto escrito abaixo: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

- Por que Jesus, mesmo estando sob a vontade de Deus, sentiu-Se desamparado na cruz? (Ao ter sobre Si os pecados da humanidade, experimentou separação de Deus.)
- O que Jesus expressou com Seu grito? (Desespero pela separação do Pai.)

Em seguida, conclua o estudo apresentando três corações como as sugestões a seguir.



Ao apresentar cada um desses corações, faça um rápido comentário a partir do texto do aluno. Cante com a classe o hino sugerido (A Mensagem da Cruz). Antes de cantar, porém, chame a atenção para a profundidade da letra, a fim de que possam cantar com sentimento.

III. O grito de desamparo na cruz

(Mt 27.46; Mc 15.34)

Vamos ao fim da história. Jesus foi levado ao matadouro; *“como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”* (Is 53.7). Na cruz, Jesus grita: *“Eli, Eli, lamá sabactâni?”* O que quer dizer: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”* (Mt 27.46) Qual a importância dessas palavras na boca de Jesus?

Jesus experimentou uma separação real de Seu Pai. Ele expressou esse horror citando o único versículo da Escritura que corresponde àquele momento (Sl 22.1). Ele levou os pecados do mundo. Deliberadamente, livre e perfeitamente em amor, Ele suportou o juízo em nosso lugar. Ele nos conseguiu a salvação, estabeleceu uma nova aliança entre Deus e os homens e tornou disponível o perdão dos pecados.

Conclusão

No final desse relato, chegamos a algumas conclusões.

1. Nosso pecado é extremamente horrível

Nada revela a gravidade do pecado como a cruz. Só quando vemos a severidade de nossos pecados é que enxergamos o Senhor Jesus como o Salvador de quem precisamos urgentemente.

2. O amor de Deus é ilimitado

Deus podia, com justiça, ter-nos abandonado, mas Ele não nos abandonou. Por causa de Seu amor por nós, Ele veio procurar-nos em Cristo. Na cruz, Jesus levou o nosso pecado, a nossa culpa, o nosso juízo e a nossa morte.

3. A salvação é um dom gratuito

Após o que Cristo fez na cruz, o que nos resta pagar? Nada! Visto que tudo está consumado. Essa cruz não nos deixa livres para pecar, pelo contrário, ela é o incentivo mais poderoso a uma vida santa. Temos que nos humilhar ao pé da cruz, confessar nossos pecados e agradecer a Deus o que Ele fez por nós. Devemos fazer sempre a declaração descrita no hino “A Mensagem da Cruz”, que diz:

“Eu aqui, com Jesus, a vergonha da cruz

Quero sempre levar e sofrer.”

Sugestão Final

Dirija perguntas a três alunos.

Ao aluno nº1:

- Qual o significado da ceia do Senhor para nós hoje?

Ao aluno nº2:

- Qual deve ser a nossa atitude diante de um “cálice de dor”?

Ao aluno nº3:

- Que devemos fazer pelo Senhor que morreu por nós?

Entregue a cada aluno um conjunto de cinco corações. Escreva neles Eu pequei; Deus me ama; Estou salvo; Jesus morreu por mim na cruz; Eu O aceitei.

Essa é a síntese do plano de salvação.

Desafie cada aluno a procurar um amigo, durante a semana, e falar sobre o plano de salvação preparado por Deus. Eles deverão usar os corações nesse contato pessoal.

5

O problema do perdão

texto básico	Romanos 5.1-11
versículo-chave	Romanos 5.6

“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de compreender que o perdão nos foi oferecido gratuitamente em Cristo e custou muito para Deus.

leia a Bíblia diariamente

seg	Rm 5.1-11
ter	Rm 5.12-21
qua	Rm 6.1-14
qui	Rm 6.15-23
sex	Hb 12.18-19
sáb	1Pe 1.13-21
dom	1Jo 2.1-6

	O aluno será capaz de
saber	entender que a salvação é gratuita para nós, foi caríssima para Jesus;
sentir	empatizar com Jesus no aspecto do perdão;
agir	propagar as duas mensagens fundamentais: o ser humano é completamente pecador; Deus é completamente santo.

Sugestão Inicial

Pergunte:

- Quantos de vocês já foram ofendidos por alguém? (Espere que se manifestem.)
- As pessoas que ofenderam vocês voltaram para pedir perdão? Diante do pedido de perdão, qual a reação de vocês? (É importante que respondam.)
- Vocês já ofenderam alguém e pediram o perdão necessário?
- Como foi essa experiência?

Depois das respostas, apresente uma cruz com a seguinte frase; O perdão que vem da cruz.

E pergunte: Por que a cruz de Cristo é o único fundamento sobre o qual Deus perdoa os pecados? (Deixe que a classe apresente sugestões.)

Por que Jesus teve de morrer na cruz para que nossos pecados fossem perdoados? Deus não poderia nos perdoar como nós perdoamos os outros? Não é um método muito rústico e primitivo que uma pessoa tenha de morrer para que Deus nos perdoe? A resposta a essas perguntas é: *A cruz de Cristo é o único fundamento sobre o qual Deus perdoa pecados*. O perdão para o homem é o mais claro dos deveres; para Deus é o mais profundo dos problemas. Na cruz de Cristo, há uma colisão entre a perfeição divina e a rebeldia humana. A cruz de Cristo é fundamental para que Deus nos perdoe pelos motivos que expomos nesta lição.

Orientação Didática

No quadro, coloque uma grande folha de papel pardo, onde estará desenhada uma tabuleta em que se faz o treinamento de tiro ao alvo.

Fale que este quadro representa a vontade de Deus. O alvo de todo cristão dever ser acertar no centro da vontade de Deus. Quando a pessoa não acerta o alvo, peca. Conclua: pecar é errar o alvo. Acrescente que pecar é também: cometer iniquidade, degenerar, ir além do limite, desrespeitar a lei de Deus, estar independente do Senhor e ser hostil a Ele.

Chame à frente quatro alunos e faça a cada um deles uma pergunta, conforme sugestão abaixo.

Aluno 1: Por que o ser humano peca? Você acha que temos certo prazer em pecar?

Aluno 2: Por que o pecado é tão sedutor? Por que o ser humano se sente tão atraído pelo pecado?

Aluno 3: Por que as pessoas se escondem atrás do “todo mundo faz” para justificar seus atos pecaminosos?

Aluno 4: Que é possível fazer para evitar o pecado?

I. O homem é pecador demais

1. O que quer dizer “pecar”?

Há cinco palavras no grego para descrever a palavra “pecar”.

- a. Pecar é errar o alvo (*hamartia*);
- b. Pecar é cometer iniquidade (*adikia*);
- c. Pecar é ser degenerado (*poneria*);
- d. Pecar é ir além do limite (*parabasis*);

e. Pecar é faltar com a lei (*anomia*).

2. Que é o “pecado”?

- a. Pecado é a quebra da lei de Deus e a do nosso próprio ser (Rm 2.15).
- b. Pecado é a tentativa de ser independente de Deus; é a ocupação de uma posição que só a Deus pertence.
- c. Pecado é uma hostilidade contra Deus (Rm 8.7).

As pessoas tentam tirar a palavra *pecado* do vocabulário comum.

O Dr. Karl Minninger observou que a palavra pecado está em desuso. Ele diz: “Muitos pecados antigos têm-se transformado em crimes, de modo que a responsabilidade pela sua solução passou da igreja para o Estado, do sacerdote para o policial, ao passo que outros se dissiparam em doenças, ou pelo menos nos sintomas de doenças, de forma que nesses casos os tratamentos substituem o castigo. Um terceiro e conveniente artifício chamado “*responsabilidade coletiva*” capacitou-nos a transferir a culpa de nosso comportamento desviado de nós mesmos como indivíduos, para a sociedade como um todo ou para um dos seus muitos agrupamentos”.

A Bíblia, no entanto, não cede em sua definição de pecado. Todo homem é pecador e está em rebeldia contra Deus (Rm 3.23).

Herdamos uma natureza pecaminosa que produz toda sorte de pecados (Mc 7.21,23). O pecador é escravo do pecado (Jo 8.34). Somente o Espírito Santo pode convencer o homem da gravidade do seu pecado (Jo 16.7-8).

Apresente um cartaz assim

Deus - Quem é?

Chame à frente quatro outros alunos e faça a cada um deles as perguntas sugeridas a seguir.

Aluno 1: Por que a glória de Deus é capaz de perturbar as pessoas?

Aluno 2: Por que Deus, apesar de ser Deus Altíssimo, inclina-Se ao clamor de um servo?

Aluno 3: O que irá acontecer com aqueles que realmente se distanciarem de Deus e nada fizerem para Dele se aproximar?

Aluno 4: Pode alguém olhar para Deus, sem que olhe para Jesus?

Você deve ter percebido que todas as questões têm respostas no texto do aluno, mesmo que algumas apresentem algo de subjetivo. É importante que você esteja atento às respostas dos alunos para que não retenham conceitos errados.

Ao final, pergunte: É possível que Deus, santo como é, venha a irar-Se? Deixe que respondam. Com base em Romanos 1.18, fale que a “deterioração moral do homem” faz com que Deus venha a irar-Se. Peça ajuda aos alunos para fazer uma lista de atitudes do ser humano que provam sua degradação moral e que, em consequência, desagradam profundamente a Deus, levando-O a irar-Se.

ATITUDES IMORAIS DO HOMEM QUE DESAGRADAM A DEUS

1. Perversão sexual
2. Desonestidade nos negócios
- 3.
- 4.

Acredito que vocês possam fazer uma lista bastante grande. Pergunte: Qual a solução para um homem que, através de sua atitude, ofende a um tão grande Deus? Espere que ofereçam sugestões, e continue a perguntar.

- Podemos, com nossos próprios recursos, fazer tal acerto de contas?
 - Nossas boas obras serão suficientes para apagar nossos pecados diante da santidade de Deus?
 - Quem pode satisfazer a Deus? (O próprio Deus, na Pessoa do Deus-Homem, Jesus.)
- Apresente um pequeno cartaz, assim:

**A cruz revela Deus ao homem pecador.
A cruz revela a misericórdia de Deus.
A cruz revela o amor infinito de Deus.**

II. Deus é Santo demais

1. Deus é Santíssimo

Este é o fundamento da religião bíblica (Is 59.1-3; Hb 1.13):

- a. Ele não pode contemplar iniquidade (Êx 33.20-23; Jz 13.22);
- b. quem O contemplou ficou perplexo (Êx 3.6; Is 6.1-5; Jó 42.5-6; Ez 1.28; Dn 10.9);
- c. os que se defrontaram com a glória de Jesus sentiram-se incomodados (Lc 5.8; Ap 1.17).

2. Deus Se ira

É uma reação santa ao mal:

- a. revelada na deterioração moral da humanidade (Rm 1.18);
- b. é como um vômito – não se tem controle (Ap 3.15-16);
- c. a santidade de Deus expõe o pecado, e a Sua ira se opõe a ele.

3. Deus é Altíssimo

Ele está assentado em um alto e sublime trono (Is 6.1). Ele é alto e exaltado, entretanto, Se inclina ao clamor de um servo (Sl 40.1).

4. Deus está distante

A Bíblia fala que pecador não pode chegar-se a Deus, e que Ele não tolera o pecado. No Antigo Testamento, muitos foram os mandamentos para que o povo mantivesse distância de Deus (Êx 3.5; Js 3.4). Os que não aceitarem a Cristo terão que se afastar Dele (Mt 25.41).

5. Deus é luz e fogo

Deus é fogo consumidor, ninguém pode suportar o Seu calor e o Seu brilho (Jo 1.5; Hb 12.29). Sem olhar para Cristo, jamais poderíamos ver a glória de Deus.

Que aconteceria se houvesse uma colisão entre o Deus santo e o homem pecador? O homem seria aniquilado da presença de Deus.

A única maneira de Deus ter a Sua justiça satisfeita é através da morte de Cristo.

Conclusão

1. Se o homem é pecador demais e Deus é santo demais, como pode haver reconciliação? Somente através de Cristo, que é Deus e homem ao mesmo tempo. Ele é o único Mediador (1Tm 2.5).
2. Só poderíamos ser aceitos por Deus se pagássemos o que devemos a Ele. Somos incapazes de fazê-lo. Jesus satisfaz a justiça de Deus.
3. Nem a nossa obediência, nem as nossas boas obras podem nos reconciliar com Deus (Ef 2.8-10).
4. Não há ninguém que pode trazer satisfação a não ser o próprio Deus. Mas

ninguém deve fazê-lo a não ser o homem; de outra forma, o homem não oferece satisfação. Portanto, é necessário que alguém que seja Deus-Homem o faça. É preciso que a mesma pessoa seja perfeitamente Deus e perfeitamente homem, uma vez que ninguém pode fazê-lo sem ser perfeitamente Deus e homem. Jesus é essa pessoa visto que Nele Deus, o Verbo, e o homem se encontram (1Tm 2.5; Is 53.11; 1Co 15.20-22).

5. Assim, pois, a cruz de Cristo “é o evento no qual Deus simultaneamente torna conhecida Sua santidade e Seu amor, em um único evento, de um modo absoluto. A cruz é o único lugar em que o Deus amoroso, perdoador e misericordioso é revelado. Na cruz percebemos que a Sua santidade e o Seu amor são igualmente infinitos” - Stott. Na cruz, Deus Se revelou Justo e Salvador (Is 45.21).

Sugestão Final

Divida a classe em dois grupos e dirija a cada grupo uma pergunta.

Grupo 1: Por que o ser humano é completamente pecador?

Grupo 2: Por que Deus é completamente santo?

Fale que essas duas mensagens devem ser levadas às pessoas que ainda não aceitaram Jesus como Salvador. Entregue a cada aluno um evangelho de João e peça que, durante a semana, procure um amigo não crente e fale de Jesus para ele. Diga à classe que na próxima aula você irá pedir um relatório dessa atividade.

6

A cruz satisfez a todos

texto básico	Isaías 53.1-12
versículo-chave	1Coríntios 1.18

“Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de certificar-se do conceito bíblico de “satisfação”, através da cruz.

leia a Bíblia diariamente

seg	Jo 12.37-50
ter	Jo 14.1-15
qua	Jo 15.1-11
qui	Jo 16.7-24
sex	Jo 18.12-27
sáb	Jo 19.17-30
dom	Jo 20.19-31

	O aluno será capaz de
saber	compreender que salvação verdadeira somente recebemos de Jesus;
sentir	almejar ser digno do sacrifício de Jesus;
agir	estudar o que significa “satisfação”, por meio da cruz.

Sugestão Inicial

Procure gravuras ou fotografias bonitas e coloridas de carro, casa, jardim, mar, família, flores, dinheiro, enfim, coisas que costumam ser objeto de satisfação das pessoas em geral. Cada gravura deverá ser colada em cartolina (use ¼ da folha de cartolina para cada uma das gravuras que conseguir). Prepare um cartaz, em separado, com a gravura de uma cruz. No início do estudo, apresente quadro por quadro e pergunte aos alunos por que as pessoas buscam satisfação em tais coisas. Por exemplo: Por que a pessoa se sente satisfeita quando adquire uma boa casa? E assim por diante. Seja criativo em relação às perguntas que dirigir à classe. Elas irão variar de acordo com a gravura que você mostrar. Ao findarem as gravuras, apresente o quadro com a cruz e observe a reação dos alunos. Diante do que disserem, fale que a cruz satisfaz a todas as pessoas.

Pergunte se entendem o que significa essa afirmação e diga-lhes que é sobre isso que a lição tratará. Convide-os a cantar o cântico.

Conclua este momento, dizendo: A cruz satisfaz a todos, porque através do sacrifício de Jesus alcançamos a paz real, verdadeira.

Deus escolheu a cruz como modo de perdoar os pecadores e reconciliá-los com Ele. Certamente não havia outra forma de responder a todos os questionamentos da teologia, senão através da cruz. A cruz foi a resposta de Deus ao diabo, à Lei, à Sua honra ofendida, à ordem moral do mundo e ao Seu amor por nós.

Simultaneamente, Deus expressou Sua santidade sem nos consumir, e o Seu amor sem tolerar os nossos pecados, salvando-nos na cruz.

Observe esta ilustração:



Nesta lição, vamos tratar cada uma das direções para onde a cruz aponta, segundo o capítulo cinco da obra *A Cruz de Cristo* de John Stott.

Orientação Didática

Ressalte para a classe que a lição a ser estudada requer muita atenção, pois seu tema pode parecer um pouco difícil. Esclareça que será uma aula expositiva, mas que você conta com a participação de todos, lembrando-lhes que não devem permanecer dúvidas. O conteúdo da lição é bastante teológico e ela deve ser desenvolvida de modo lento e sistemático (como segue) para que o aluno tenha o seu raciocínio conduzido para a compreensão da mesma.

Faça uma ampliação da ilustração que está no texto do aluno. Mostre que cada uma das extremidades da cruz aponta para um nível de satisfação. Leia quais são esses níveis.

Diga: Há pessoas que ainda acham que a cruz foi necessária por causa do diabo. No próprio texto do aluno, você encontra argumentos para rebater esta afirmação. Mostre que pensar assim é dar ao diabo mais poder do que ele tem; é como se Satanás tivesse poder para levar Jesus à cruz.

Peça que um aluno leia Atos 2.23-24. Feita a leitura, pergunte:

- Quem entregou Jesus para ser crucificado? (Deus)
- Quem matou Jesus? (mãos injustas)
- Quem ressuscitou Jesus? (Deus)

• Por que Jesus ressuscitou? (Porque Ele não podia ser retido pela morte.)
Conclua: Toda noção da morte de Cristo que a relacione a uma necessária transação com o diabo ou com o seu engano está fora de cogitação. Mostre que não podemos pensar na morte de Jesus como uma satisfação para o diabo.

I. Satisfazendo ao diabo

(At 2.23-24)

A noção de que foi o diabo que tornou a cruz necessária é muito forte na igreja até hoje. Os crentes da igreja primitiva reconheciam que desde a queda, e por causa dela, a humanidade esteve cativa não somente ao pecado e à culpa, mas também ao diabo. Pensavam nele como o senhor do pecado e da morte, e como o maior tirano de quem Jesus veio nos libertar. Há três implicações deste pensamento.

1. Conceder ao diabo mais poder do que ele possui

É como se o diabo tivesse adquirido certos direitos sobre o homem, os quais até o próprio Deus fosse obrigado a satisfazer de modo honrável.

2. Pensar na cruz como uma transação divina com o diabo

É como se a cruz fosse o preço do resgate exigido pelo diabo, para libertar os seus cativos.

3. Pensar que o diabo tinha o poder de levar Jesus à cruz

Sobre nós, pecadores, o diabo tem o poder da morte (Hb 2.14), contudo ele não mantinha autoridade nenhuma sobre Jesus, que era sem pecado e que derramou sangue inocente. Negamos que o diabo tenha sobre nós direitos que Deus seja obrigado a satisfazer. Consequentemente, toda noção da morte de Cristo que a relacione a uma transação com o diabo está fora de cogitação.

Aponte o braço da cruz que mostra a satisfação da lei.

Peça que um aluno leia 1João 3.4. Depois da leitura, pergunte.

- O que é pecado? (Transgressão da lei).
- O que acontece com quem transgride a lei? (Peca).

Mostre que toda lei apresenta uma sanção, ou seja, uma pena, um castigo para quem não a cumpre. Cite alguns exemplos: quem mata vai preso; quem não paga os impostos tem que pagar multa; quem não cumpre as leis de trânsito perde pontos na Carteira de Habilitação e pode até perder o direito de dirigir, etc.

O homem pecou e ficou sujeito às sanções da lei. Jesus veio, morreu pelo homem pecador, livrando-o de tais penalidades.

II. Satisfazendo à lei

(1Jo 3.4)

Outra maneira de explicar a necessidade da cruz é a satisfação que ela dá à lei. Pecado é “transgressão da lei”. Esta, uma vez quebrada, requer a punição do infrator.

A lei deve, portanto, ser sustentada, sua dignidade defendida e suas justas penalidades, pagas. Assim ela é “satisfeita”. *“sem derramamento de sangue, não há remissão”* (Hb 9.22).

Em Daniel 6.1-15, o rei Dario, relutantemente, curvou-se ao inevitável e deu ordem para que Daniel fosse atirado na cova dos leões, cumprindo uma lei que ele mesmo sancionara, caindo ingenuamente na armadilha dos sátrapas. Ali, a lei havia triunfado. Deus não pode abolir a constituição moral das coisas que Ele mesmo estabeleceu.

A conexão de Deus com a lei não é uma relação de sujeição, mas de identidade. Em Deus, a lei é viva, reina no Seu trono e é coroada com a Sua glória, pois é a expressão do Seu próprio ser moral, o qual é sempre coerente.

aplicação

Não pode haver nada nas exigências da lei, na sua severidade, na sua condenação, na sua morte, na sua maldição, que não seja um reflexo (parcial) das perfeições de Deus. Tudo o que for devido à lei é devido a ela por ser a lei de Deus, e, portanto, é devido ao próprio Deus - N. Dimock.

Diga que um outro nível de satisfação da cruz se refere à honra e à justiça de Deus. Vá conduzindo o pensamento da classe, através de perguntas.

- Vocês acham que o perdão de Deus a nós tem o mesmo significado de perdoarmos uns aos outros? (Não, porque o pecado é algo muito sério. Significa ferir a honra do próprio Deus.)
- O que o homem deveria fazer para ser perdoado? (Pagar pelos próprios pecados.)
- O homem conseguiria fazer isso? Por quê? (Não, porque ele é pecador.)
- O que foi feito para resolver essa questão? (Jesus, o Deus-Homem sem pecado, morreu na cruz para trazer a salvação ao homem pecador.)

Peça que um aluno leia Filipenses 2.5-8 e pergunte:

- Que sentimento houve em Jesus e que deve haver em nós? (Não devemos querer ser iguais a Deus.)
- Qual a atitude de Jesus diante de Deus? (Esvaziou-Se, tomando a forma de servo e tornando-Se semelhante ao homem.)
- Que atitude Jesus tomou, sob a forma humana? (Atitude de humildade e de obediência até à morte.)
- Qual foi o resultado dessa atitude de Jesus? (Foi exaltado soberanamente por Deus.)

III. Satisfazendo à honra e à justiça de Deus

(Rm 2.23)

Anselmo de Cantuária define o pecado como “não dar a Deus o que Lhe é devido”, a saber a submissão de toda a nossa vontade a Ele. Pecar, portanto, é tomar de Deus o que é Dele, o que significa roubar Dele e, assim, desonrá-Lo (veja Mt 1.6).

Se alguém imagina que Deus pode simplesmente nos perdoar do mesmo modo como devemos perdoar uns aos outros, ainda não considerou a seriedade do pecado (Hb 9.22). O pecado desonra a Deus, que tem como mais justo a honra de Sua própria dignidade (Rm 2.23). Se desejamos ser perdoados, devemos pagar o que devemos. Contudo, somos incapazes de fazê-lo (Is 53.5).

Eis por que, em Cristo, Deus e o homem se encontraram (Jo 1.14). Jesus realizou uma obra singular, pois entregou-Se à morte – não como se Ele fosse devedor, visto que era sem pecado e, portanto, sem nenhuma obrigação de morrer, mas espontaneamente pela honra de Deus (Fp 2.5-8).

Na cruz, a honra de Deus, que Lhe fora roubada pelo pecado do homem, foi-Lhe devolvida através de Jesus (Cl 1.20). O pecado acarretou uma “quebra na ordem do mundo”, uma desordem tão profunda que foi necessária uma reparação ou restituição. A Bíblia chama isso de “expição”.

Continue: Quando Jesus foi à cruz morrer pelo pecador, restaurou a honra de Deus que havia sido atingida pelo pecado do homem. Esse fato provocou uma desordem que só a morte de Jesus poderia restaurar.

Peça que um aluno leia Ezequiel 36.21-23 e pergunte à classe.

- Como Deus Se sentiu diante do pecado do homem? (Ele sentiu que Sua casa fora profanada.)
- Qual a razão que levou Deus a poupar o homem? (O amor a Seu santo nome.)
- Por que Deus fez isso em amor a Seu santo nome? (Para que as nações soubessem que só Ele é o Senhor.)

IV. Deus satisfazendo a Si mesmo

(Ez 36.21-23)

A Bíblia usa várias linguagens para acentuar que, quando Deus é obrigado a julgar os pecadores, Ele o faz porque é verdadeiro a Si mesmo. Reflitamos nelas.

1. A linguagem da provocação

Deus descreve-Se como provocado à ira por causa da idolatria de Israel (Dt 32.16,21; Jz 2.12; Sl 78.58). A linguagem da provocação exprime a reação inevitável da natureza perfeita de Deus ao mal.

2. A linguagem do ardor

Essa palavra é aplicada a Deus, cuja ira se acende sempre que vê Seu povo quebrando Sua aliança (Js 7.1). De fato, é precisamente quando é “provocado” à ira que se diz que Ele Se queima com ela (2Rs 22.17).

No calor seco da Palestina, o fogo acende-se facilmente. O mesmo acontecia com a ira de Deus por causa do mal do Seu povo. Se era fácil acender um fogo durante a estação seca na Palestina, era difícil apagá-lo. O mesmo acontecia com a ira divina (2Cr 34.25).

3. A linguagem da autossatisfação

Em Ezequiel 7.8, a palavra “derramar” vem do termo hebraico *kalá*, que significa satisfazer, realizar, completar a sua ira contra Judá. A ira de Deus só cessa quando é cumprida (Lm 4.11).

aplicação

Deus é provocado à ira zelosa pelo pecado de Seu povo. Uma vez acesa, Sua ira “arde” e não pode ser facilmente apagada. Inevitavelmente, Ele a satisfaz exercendo o Seu juízo.

Escreva no quadro a expressão O SANTO AMOR DE DEUS. Pergunte a seus alunos o que o santo amor de Deus é capaz de fazer:

- ver no pecador um filho que erra;
- ensinar ao filho, através de Sua Palavra, o caminho que deve trilhar;
- alimentar com seu alimento sagrado o filho que está agindo errado.

Diante do pecado desse filho, que faz o amor de Deus? (Não o destrói, mas o entrega a Jesus para que, através da morte de cruz, possa fazer a expiação dos pecados.)

Por que a cruz é o melhor símbolo escolhido por Deus para satisfazer a tudo e a todos? (Porque ela representa o amor de Deus pelos perdidos.)

V. O santo amor de Deus

(Os 11.1-9)

Que tudo isso tem a ver com a expiação? Apenas que o modo que Deus escolhe para perdoar os pecadores e reconciliá-los Consigo mesmo é, acima de tudo, coerente com Seu próprio caráter. Não é somente que deve subverter e desarmar o diabo, a fim de resgatar os seus cativos. Nem é somente que Ele deve satisfazer à Sua lei, à Sua honra, à Sua justiça ou à ordem moral. É que deve satisfazer a Si mesmo.

No capítulo 11 de Oseias, Deus mostra o Seu grande amor por Israel:

- Ele se refere a Israel como Seu filho (v.1);
- a quem ensinou a andar, tomando-o nos braços (v.3);

- inclinando-Se para alimentá-lo (v.4).

Contudo, Seu filho (Israel) provou ser um desgarrado e não reconheceu o Seu terno amor de Pai (v.5-7). Consequentemente, merecia ser punido. Mas o que Deus fez?

“Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel?... Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas compaixões, à uma, se acendem. Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti, não voltarei em ira” (Os 11.8-9).

Conclusão

O madeiro sobre o qual Jesus foi posto para ser crucificado representa para a igreja muito mais do que uma simples estaca. A cruz é o melhor símbolo escolhido por Deus para representar o Seu amor pelos perdidos e para satisfazer a tudo e a todos.

1. A cruz responde a todos os questionamentos a respeito de Deus e da salvação.
2. O diabo não tem sobre nós direitos que Deus seja obrigado a satisfazer.
3. A conexão de Deus com a lei não é uma relação de sujeição, mas de identidade.

Sugestão Final

Utilize as afirmações que estão na parte final do texto do aluno. Há questões que já foram feitas durante o desenvolvimento da lição, mas as que se referem à revisão têm outro objetivo.

- Por que a cruz responde a todos os questionamentos a respeito de Deus e da salvação? (Porque ela é o símbolo do amor de Deus.)
- Por que o diabo não tem nenhum poder sobre nós? (Porque através do sangue de Jesus Deus nos resgatou.)
- O que a lei apresenta em relação a Deus? (A lei, através de suas normas, apresenta a identidade do próprio Deus.)

Entregue a cada aluno um pequeno cartão assim:

O QUE A CRUZ DE CRISTO É PARA MIM?

Nesse cartão, cada aluno deverá expressar seus sentimentos em relação à cruz de Cristo, pensando primeiro no que a cruz representou para o próprio Deus.

7

A autossubstituição de Deus

texto básico	Isaías 53.1-12
versículo-chave	Isaías 53.6

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de conceituar, biblicamente, o que é expiação.

leia a Bíblia diariamente

seg	Rm 3.21-31
ter	Êx 32.25-35
qua	Hb 9.11-15
qui	Êx 12.37-51
sex	Lv 16.29-34
sáb	2Co 5.11-21
dom	1Pe 1.13-21

	O aluno será capaz de
saber	conceituar o que significa “expiação” no âmbito da Bíblia;
sentir	imaginar o que seria o sacrifício do ser humano comum pelo pecado;
agir	anunciar às pessoas a expiação que Deus providenciou para a redenção do ser humano.

Sugestão Inicial

Apresente à classe um cartaz onde estará desenhado um altar de sacrifícios, nos moldes do Antigo Testamento. Sobre o altar escreva: Quem deveria estar aqui?

Fale que, de acordo com o Antigo Testamento, animais eram sacrificados para que houvesse remissão dos pecados. Explique que isso acontecia para que não houvesse o sacrifício do próprio homem. No Novo Testamento, Deus resolveu este problema definitivamente entregando Seu Filho para o sacrifício. Jesus morreu na cruz em nosso lugar, salvou-nos e, a partir daí, não foi mais necessário qualquer sacrifício. Fale que este estudo tratará da substituição.

Como pôde Deus expressar simultaneamente Sua santidade no juízo e Seu amor no perdão? Somente providenciando um substituto divino para o pecador, de modo que o substituto recebesse o juízo, e o pecador o perdão (Rm 3.23-25).

Deus, em Sua misericórdia, desejou perdoar os homens pecadores, sem acoitar o pecado. Para isso, dirigiu contra Seu próprio Ser, na pessoa de Seu Filho, o peso total da justa ira a qual eles mereciam.

O conceito de autossubstituição será o assunto abordado nesta lição, baseada no capítulo seis da obra *A Cruz de Cristo*, de John Stott.

Orientação Didática

Você certamente observou que os estudos deste quadrimestre são bem teológicos. Quando isso acontece, você deve ter mais cuidado quanto à compreensão dos alunos. Assim sendo, vamos sugerir a aula expositiva ou com perguntas, na qual os alunos perguntam e você responde (baseando-se na lição do aluno). As aplicações visam desafiá-los a falar de Jesus às pessoas que ainda não O conhecem.

Nesta aula, estimule, com perguntas, a participação da classe. Escreva as perguntas em tiras de papel numeradas, entregando uma a cada aluno. As perguntas deverão ser feitas pela ordem de numeração. Essa estratégia é muito boa porque faz com que os mais tímidos também participem.

1. Como foi possível Deus, que não admite o pecado, ter misericórdia do homem e perdôá-lo? (Isto só foi possível através da morte de Jesus, que tomou o lugar do homem.)
2. Dentro do conceito de substituição, no caso da cruz, quem substituiu quem? (Jesus substituiu o homem pecador.)
3. Por que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados? (Porque somente o precioso sangue de Jesus tinha valor suficiente para promover essa remissão.)

I. O conceito bíblico de substituição

(Rm 9.1-5)

1. A definição da palavra “substituição”

A noção de substituição é que uma pessoa toma o lugar de outra, especialmente a fim de levar sua dor e livrá-la dela.

2. Dois exemplos de altruísmo na Bíblia

- a. Moisés estava disposto a ter o seu nome apagado do livro de Deus se tão-somente com esse gesto Israel fosse perdoado (Êx 32.32).
- b. Paulo duas vezes expressou esse princípio:
 - em Romanos 9.1-5, diz que desejaria ser separado de Cristo por amor dos israelitas;
 - em Filemom 18-19, prometia pagar a Filemom as dívidas de Onésimo.

3. Um exemplo secular

Da mesma forma, em nosso século, não podemos deixar de nos comover com o heroísmo de Maximilian Kolbe, um franciscano polonês, no campo de concentração nazista de Auschwitz. Quando vários prisioneiros foram selecionados para a execução, e um deles gritou que era casado e tinha filhos, “Kolbe deu um passo à frente e perguntou se podia tomar o lugar do condenado. As autoridades aceitaram a sua oferta, e ele foi abandonado numa cela subterrânea para morrer de fome” (Trevor Beeson).

4. O conceito bíblico

“Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9.22). Portanto, não pode haver perdão sem o sangue, como também não pode haver expiação sem substituição. Tinha de haver vida por vida ou sangue por sangue. Somente o precioso sangue de Cristo tinha valor suficiente (1Pe 1.19).

aplicação

Quando Cristo morreu na cruz, Ele, por amor, nos substituiu da única maneira que poderia satisfazer a Deus.

4. Qual o sentido da Páscoa para os judeus? (Livramento do cativo do Egito.)
5. Qual o sentido da Páscoa para o crente, hoje? (Livramento do cativo do pecado.)
6. Na primeira Páscoa (Egito), que sentido teve a passagem de Deus por cima da casa dos israelitas? (O sentido de protegê-los.)
7. Por que os primogênitos israelitas não foram mortos? (Porque um cordeirinho havia morrido no lugar deles.)
8. Por que foi necessário que os israelitas passassem o sangue do cordeiro imolado no umbral da porta? (Deus precisava ver o sangue do cordeirinho que havia sido sacrificado no lugar do primogênito da família.)
9. Que tipo de relacionamento passou a existir entre Deus e as famílias que passaram o

- sangue no umbral da porta? (Elas foram compradas por Deus e tornaram-se Dele.)
10. O que quer dizer “Jesus levou nosso pecado”? (Quer dizer que Jesus sofreu as penalidades do pecado que deveriam ter sido cumpridas por nós. Quando Ele nos substituiu, assumiu o cumprimento das penalidades.)
11. Na cerimônia de expiação, quantos bodes eram sacrificados e por quê? (Dois. Um era oferecido ao Senhor como oferta e outro era o bode emissário para a expiação dos pecados.)

II. A relação entre Páscoa e “levar o pecado”

(Êx 12.3,12-14; Is 53.1-12)

Ambos são conceitos que nos ajudam a compreender melhor a autossubstituição de Deus.

1. A história da Páscoa

(Êx 11 a 13)

A Páscoa foi uma mensagem absolutamente clara aos israelitas; e igualmente a nós que vemos o cumprimento da Páscoa no sacrifício de Cristo.

- a. Deus passou como Juiz “através do Egito” a fim de julgar os egípcios, e como Redentor “passando por cima” das casas dos israelitas a fim de protegê-los. É o mesmo Deus, que por intermédio de Cristo, nos salva de Si mesmo (Êx 12.12).
- b. A salvação foi por intermédio da substituição. Os únicos primogênitos poupados foram aqueles em cujas famílias um cordeiro tinha morrido em seu lugar (Êx 12.3).
- c. O sangue do cordeiro, depois de derramado, devia ser aspergido. Devia haver uma apropriação individual da provisão divina. Deus tinha de “ver o sangue” antes de salvar a família (Êx 12.13).
- d. Cada família salva era, pois, comprada para Deus. A vida toda deles agora pertencia a Ele, e estavam também livres para ir ao Sinai celebrar (Êx 12.14).

Para que pudéssemos adorar a Deus, o mesmo Se deu por meio de Jesus, o Cordeiro Pascal (Jo 1.29), que morreu em nosso lugar, derramando Seu precioso sangue para nos fazer livres para adorar.

2. A noção de “levar o pecado”

No Novo Testamento, lemos a respeito de Cristo que Ele mesmo carregou “em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1Pe 2.24), e de igual forma que foi “*oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos*” (Hb 9.28). Mas o que significa “levar o pecado”?

“Levar o pecado” não significa que Deus Se tornou simpatizante dos pecadores, mas sim que sofreu a penalidade deles. A expressão “levar o pecado” aparece com frequência nos livros de Levítico e de Números e refere-se àquele que peca, quebrando as leis de Deus, que “levará a sua iniquidade”, isto é, será tido como responsável ou sofrerá pelos seus pecados.

3. O cerimonial da expiação pode explicar melhor

(Lv 16)

1º Passo – O sumo sacerdote devia tomar “*dois bodes para a oferta pelo pecado*” a fim de expiar os pecados da comunidade israelita como um todo (Lv 16.5).

2º Passo – Um bode devia ser sacrificado e seu sangue aspergido nas paredes do tabernáculo. Sobre a cabeça do outro bode, vivo, o sumo sacerdote devia pôr ambas as mãos e confessar “*todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todos os seus pecados, e os porá sobre a cabeça do bode*” (Lv 16.21).

3º Passo – O sacerdote devia enviar o bode ao deserto, e o bode levaria “*sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária*” (Lv 16.22).

O autor aos Hebreus não hesita em ver Jesus tanto como “*misericordioso e fiel sumo sacerdote*” (Hb 2.17) quanto como as duas vítimas, o bode

sacrificado, cujo sangue era levado para o Santo dos Santos (Hb 9.7,12), e o bode expiatório, que tirava os pecados do povo (Hb 9.28).

aplicação

Mais uma vez vemos em Jesus a plenitude de Deus (Cl 1.19). Sua morte na cruz satisfaz a todos, e Seu papel substituiu a todos também.

12. Quem foi Jesus? Um ser humano? (Se fosse somente humano, não poderia salvar os pecados dos outros homens – mas Ele tinha as duas naturezas – humana e divina.)
13. Jesus foi Deus com aparência humana? (Não. Jesus foi Deus-Homem e só assim poderia ser o nosso substituto.)
14. Por que Jesus foi qualificado para representar Deus e o homem? (Por ser Deus-Homem, Ele pôde fazer a mediação entre Deus e o homem.)

III. Quem é o substituto?

(Rm 5.8; 1Tm 2.5)

Quem tomou o nosso lugar, levou o nosso pecado, tornou-se maldição por nós, sofreu a nossa penalidade, morreu a nossa morte? É certo que *“Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Rm 5.8).

Essa seria a resposta simples, superficial. Mas quem foi esse Cristo? Como devemos pensar a respeito Dele?

1. Foi Ele apenas um homem?

Se assim for, como poderia um ser humano substituir outros seres humanos?

2. Foi Ele apenas Deus, com a aparência de homem?

Se assim for, como poderia Ele representar a humanidade? Além disso, como poderia Ele ter morrido?

Devemos pensar em Cristo não como apenas homem, nem como apenas Deus, mas antes, como único Deus-Homem que, por causa da Sua Pessoa, foi singularmente qualificado para fazer mediação entre Deus e o homem. Dessa forma, fica-nos clara a mensagem do texto de 1Timóteo 2.5.

15. O que quer dizer o nome “Jesus”? (Salvador, Deus que salva.)
16. O que quer dizer “Emanuel”? (Deus conosco.)
17. A doutrina da substituição aponta para qual necessidade do homem? (Para a necessidade da remissão dos pecados.)
18. Que visão a cruz nos traz? (A visão de Deus e de nós mesmos.)

IV. Deus em Cristo

(2Co 5.17-19)

O substituto que tomou o nosso lugar e morreu nossa morte na cruz não foi o homem somente, nem Deus somente. Deus, em Cristo, foi verdadeiramente e completamente Deus e homem. Por causa disso, foi qualificado para representar tanto a Deus quanto ao homem e mediar entre eles.

A evidência do Novo Testamento acerca do que acabamos de dizer é clara. Ao examiná-la, parece lógico que inicie com o anúncio do nascimento do Messias.

Os nomes que Ele recebeu foram Jesus (Salvador divino ou “*Deus salva*”) e Emanuel (“*Deus conosco*”), pois, no Seu nascimento, o próprio Deus tinha vindo resgatar o Seu povo, salvá-lo dos seus pecados (Mt 1.21-23).

Essa convicção de que o Pai e o Filho não podem ser separados, especialmente quando falamos sobre expiação, tem em Paulo grande confirmação. Por exemplo, “*tudo provém de Deus*” (referindo-se à obra da nova criatura – 2Co 5.17-18), que “*nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo*” e “*estava em Cristo reconciliando consigo o mundo*” (2Co 5.18-19). Portanto, Deus e Cristo estavam juntos e ativos na obra da reconciliação.

Anselmo de Cantuária tinha razão ao dizer que “somente o homem devia fazer reparação pelos seus pecados, visto que foi ele quem pecou. E também em dizer que somente Deus podia fazer a reparação necessária, visto que foi Ele quem a exigiu”. Jesus Cristo é, pois, o único Salvador, visto que é a única Pessoa em Quem “devemos” e “podemos” ser unidos, sendo Ele mesmo tanto Deus quanto homem.

Conclusão

A doutrina da substituição afirma não apenas o fato (Deus substituiu-nos por Cristo), mas também a sua necessidade (não havia outro meio pelo qual o santo amor de Deus pudesse ser satisfeito, e os seres humanos rebeldes pudessem ser salvos). Portanto, enquanto permanecermos perante a cruz, teremos uma visão clara tanto de Deus, quanto de nós mesmos.

Ninguém expressou melhor esse princípio do que Augustus Toplady em seu hino imortal “Rocha Eterna”:

Nada posso, meu Senhor! Nada eu tenho a Te ofertar! Sou tão só um pecador Teu
amparo
a suplicar. Rocha eterna, mostra, assim, Tua graça e amor por mim!

Sugestão Final

Durante o estudo, a classe fez perguntas a você, agora é a sua vez de fazê-las. Bastam duas perguntas para que se verifique quanto assimilaram. Divida a classe em dois grupos e faça uma pergunta a cada grupo.

Grupo 1

Que quer dizer expiação? (Anulação ou remoção do pecado, por meio de alguém com méritos para tanto.)

Grupo 2

Que quer dizer substituição? (O ato de uma pessoa tomar o lugar da outra, especialmente a fim de levar sua dor e livrá-la dela.)

Peça que cada aluno fale o nome de um parente ou amigo que precisa conhecer Jesus como Salvador. Vá escrevendo no quadro os nomes citados. Forme um círculo com seus alunos e faça uma oração pelas pessoas mencionadas. Ao concluir a oração, desafie seus alunos a procurá-las durante a semana, para falar-lhes de Jesus.

8

A salvação mediante a cruz

texto básico	2Coríntios 5.18-21
versículo-chave	Hebreus 2.3

“Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de alegrar-se por sua salvação e posição em Cristo, por meio das ilustrações apresentadas.

	O aluno será capaz de
saber	compreender a riqueza da salvação em relação com a cruz de Cristo;
sentir	alegrar-se pela salvação e posição em Cristo;
agir	mostrar, por meio de obras e atitudes, o valor que a grande salvação recebida de Cristo tem na sua vida.

leia a Bíblia diariamente

seg	Rm 8.12-17
ter	Gl 3.23-29
qua	Rm 3.21-11
qui	Rm 5.1-11
sex	1Pe 1.13-21
sáb	1Jo 2.1-6
dom	2Co 5.18-21

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Prepare alguns cartazes com as seguintes figuras: templo, mercado, tribunal e casa. (se houver condições, amplie-os).

Fale que esta lição trata da salvação que veio mediante a cruz. Pergunte que relação as gravuras teriam com esse assunto.

Dê tempo à classe para que responda. Explique que a Bíblia apresenta quatro imagens da salvação. Prepare quatro faixas, conforme as expressões sugeridas no texto do aluno, e coloque embaixo das gravuras correspondentes.

- Templo - PROPICIAÇÃO
- Mercado - REDENÇÃO
- Tribunal - JUSTIFICAÇÃO
- Casa - RECONCILIAÇÃO

Diga que o significado das figuras será analisado durante o estudo.

A Bíblia fala do “*dia da salvação*” e da “*tão grande salvação*” (2Co 6.12; Hb 2.3). Deus, em Cristo, nos salvou, isto é, “*nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor*” (Cl 1.13). Nada poderia ser mais precioso para nós do que sermos agraciados com a salvação eterna. Para nós foi de graça, mas para Deus custou o preço do sangue de Seu filho (1Pe 1.18-21).

A Bíblia fala de quatro imagens (figuras) da salvação: propiciação, redenção, justificação e reconciliação. Vejamos as imagens da nossa salvação, sugeridas por John Stott.

Orientação Didática

Divida a classe em quatro grupos. Cada grupo receberá uma gravura e discutirá sobre ela. Você deverá preparar o roteiro da discussão para cada grupo, baseando-se na lição do aluno. (Lembre-se de que o que está entre parênteses é só para você, professor.) Após discutirem, os grupos se reunirão a fim de apresentar as conclusões a que chegaram (determine o tempo a ser empregado para a atividade).

Procure acompanhar os alunos, enquanto acontece a discussão em grupos. Na realidade, eles vão acompanhar o que já está no texto do aluno, procurando trazer o conteúdo para sua realidade. Quando reunir todo o grupo para ouvi-los, procure fazer as correções que julgar necessárias.

Grupo 1 – Tabernáculo

- Que significa propiciação? (O ato de apaziguar a ira de alguém.)
- Local onde foi erguido o propiciatório, sobre o qual era derramado o sangue dos animais oferecidos pelo pecado. (No tabernáculo, e depois no templo.)
- Quem foi entregue em propiciação por nossos pecados? (Jesus Cristo.)
- Que é preciso ser feito para que a ira de Deus em relação ao pecado seja aplacada. (É preciso que haja a propiciação.)

- Discutir o fato de que a propiciação é o resultado da misericórdia e da graça de Deus.

I. Propiciação: acontece no templo

1. Que significa “propiciação”?

Propiciar significa apaziguar ou pacificar a ira de alguém. No tabernáculo (templo), feito por ordem do Senhor, havia o propiciatório (Êx 37.6), uma lâmina de ouro sobre a qual o sangue de animais era oferecido pelo pecado (Lv 16.14-15). Lá era feita a propiciação, a pacificação de Deus com o pecador. Paulo fala que Cristo foi proposto por Deus como propiciação (Rm 3.24-25); João diz que Jesus Cristo é a propiciação pelos nossos pecados (1Jo 2.1-2; 4.10). Quer dizer, então, que Deus Se enraivece? Que ofertas têm de ser feitas para pacificar Sua ira?

2. A ira requer propiciação; a propiciação aplaca a ira

Precisamos buscar a essência destas palavras, ira e propiciação, para encontrar a doutrina pura da santa ira de Deus, do Seu autossacrifício amoroso em Cristo e da própria iniciativa de desviar Sua ira.

A ira requer propiciação; a propiciação aplaca a ira. Jesus foi designado por Deus como remédio para a culpa universal humana. A ira de Deus é causada pela Sua intolerância ao pecado, sob quaisquer formas ou manifestações. O pecador nada pode fazer, dizer ou oferecer para compensar seus pecados ou afastar a ira divina.

3. Deus é graça e misericórdia

Deus (que é amor), em Sua misericórdia e graça, tomou a iniciativa para reconciliar o pecador com Ele. Assim, Sua ira justa ficou apaziguada, pelo fato do próprio Deus, na Pessoa de Cristo, ter tomado nosso lugar e morrido por nós (Rm 3.25-26).

Grupo 2 – Mercado

- Que significa redenção? (A compra de volta, resgate.)
- Redenção pode ser entendida como uma transação comercial, um negócio.
- Nós fomos redimidos. O preço pago: o sangue de Cristo.
- Quando uma pessoa redime alguém, esta passa a pertencer a quem a resgatou. Pode-

se aplicar essa afirmativa também a objetos.

- A atitude do homem diante do seu redentor deve ser de gratidão e de submissão.

II. Redenção: acontece no mercado

1. Que significa “redenção”?

Redimir significa comprar/comprar de volta, ou seja, fazer uma transação comercial feita no mercado; é a efetivação de um resgate. Cristo nos resgatou, pagando o preço de Seu sangue, pela nossa liberdade – um alto preço (Mc 10.45; 1Pe 1.18-19).

2. Qual é esta situação da qual o homem necessita ser resgatado?

O cativeiro do qual fomos libertos é moral – formado por nossas transgressões e pecados (Ef 1.7; Cl 1.14). Porém há mais por vir. Cristo deu Sua vida para “*remir-nos de toda iniquidade*” (Tt 2.14). Esta libertação total ainda acontecerá: a redenção do nosso corpo, a redenção final.

3. Quem pertence ao resgatador?

Devemos atentar para o fato de que os resgatados (nós) pertencem ao resgatador (Cristo). Isso deveria motivar-nos, como cristãos, a uma vida de santidade (1Co 6.18-20; 7.23).

Grupo 3 – Tribunal

- Que significa justificação? (Significa o condenado ser considerado inocente, diante de uma justificativa.)
- No tribunal, isto funciona através de um advogado que comparece perante o juiz com a finalidade de inocentar o culpado.
- Jesus é este advogado. Em razão da justificação que aconteceu pelo sangue de Jesus na cruz, Deus nos recebe como filhos.

III. A justificação: acontece no tribunal

1. Que significa “justificação”?

Agora estamos no tribunal. Justificação é o oposto de condenação. É o juiz considerando o acusado inocente. Deus (o Juiz), além de considerar o pecador inocente, concede-lhe uma posição justa perante Ele (Rm 5.18; 8.34). Lemos no AT sobre o Servo de Deus, justo e sofredor, que “*justificará a muitos*”, porque levará suas iniquidades (Is 53.11).

2. Jesus, como nosso Advogado, nos justifica diante do Pai

(1Jo 2.1-2)

Essa justificação, recebêmo-la pela fé em Cristo Jesus, como Paulo diz em Gálatas 2.16. Antes pecador, agora perdoado e aceito por Deus. Através da justificação, Jesus nos tornou membros da Sua família, filhos de Deus e descendentes espirituais de Abraão, pelo que devemos estar “*ávidos em fazer o bem*” (Tt 2.14; 3.8). E os que estão em Cristo Jesus, nada pode separá-los do amor de Deus (Rm 7.7-25; 8.1,3,33-34,39).

Grupo 4 – Família

- Que é reconciliação? (Restauração de um relacionamento.)
- Mostrar que o relacionamento do homem com Deus foi quebrado quando o homem pecou.
- O sangue de Jesus na cruz é que promoveu essa reconciliação.
- A reconciliação não deve ser somente entre Deus e o homem. Ela também deve acontecer entre os homens, o que dá surgimento ao corpo de Cristo, a igreja.
- Através de Jesus, todas as pessoas podem se reconciliar com Deus.

IV. Reconciliação: acontece na família

Deixemos o recinto do templo, do mercado e dos tribunais e entremos no recinto familiar. A quarta imagem da salvação que veremos agora é a mais familiar dos cristãos, provavelmente por ser a mais pessoal.

1. Que significa “reconciliação”?

Reconciliação significa restauração de um relacionamento, renovação de uma amizade – o que pressupõe que esta tenha sido quebrada, rompida. O Criador e o ser humano criado estavam separados, alienados um do outro – agora estão “*reconciliados com Deus, mediante a morte do Seu Filho*” (Rm 5.9-11).

2. Deus, como Pai, traz os filhos à comunhão

Deus, nesta instância, tem a figura de Pai (não de juiz), trazendo os filhos à comunhão do lar, à paz (Rm 5.1). Aquele que foi justificado, isto é, isento de culpa, agora tem comunhão com o Pai, tem acesso a Ele, especialmente em oração (Ef 2.17-18; 3.12; 1Pe 3.18).

3. Deus também faz reconciliação entre homens

Porém, a reconciliação não é somente vertical (Deus – homem); é também horizontal, porque Deus reconciliou uns com os outros nessa nova comunidade (Ef 2.11-12). Cristo aproximou, pelo Seu precioso sangue, gentios e judeus (povo inicialmente eleito), formando uma humanidade nova, membros do corpo de Cristo e coparticipantes da promessa messiânica (Ef 3.6).

4. Como se realizou a reconciliação?

Que papel coube a cada uma das partes envolvidas neste processo (Deus, Jesus e nós)? Vejamos o que Paulo nos diz em 2Coríntios 5.18-21.

a. Deus é o autor da reconciliação (v.18): é Ele, de Quem todas as coisas provêm (2Co 5.17), que reconcilia, concede, faz Cristo pecado por nós. Jesus realizou a vontade do Pai (Hb 10.7). A iniciativa é de Deus-Pai (Jo 3.16).

b. Cristo é o agente da reconciliação (v.18-19): Deus, presente em Cristo e por meio de Cristo, nos reconciliou com Ele. Essa obra terminou na morte de Cristo: Ele recusou-Se a imputar a nós as nossas transgressões (v.19), fazendo com que fossem imputadas a Cristo. Todas as pessoas, por meio de Cristo, podem ser reconciliadas com Deus-Pai.

Lutero sintetizou essa troca na seguinte frase: “Senhor Jesus, tu és a minha justiça, e eu o teu pecado”.

c. *Nós somos os embaixadores da reconciliação* (v.18-19): da parte de Deus, a reconciliação já foi feita, mas o texto de Paulo nos chama a uma atitude – que nos reconciliemos com Deus (Mt 5.24), ou seja, que a recebamos (Rm 5.11). “Não é suficiente expormos uma doutrina

inteiramente ortodoxa da reconciliação sem jamais apelarmos às pessoas a que venham a Cristo... A regra deve ser não fazer apelo sem uma proclamação, e não proclamar sem um apelo” diz Stott. Por isso, somos embaixadores de Cristo, Seus enviados e representantes pessoais, que falamos em Seu nome e em Seu lugar. Aquele que operou por meio de Cristo, a fim de nos reconciliar, agora opera por nosso intermédio, a fim de anunciar a reconciliação.

Conclusão

A propiciação ressalta a ira de Deus sobre nós, a redenção ressalta o nosso cativo, a justificação a nossa culpa, a reconciliação a nossa inimizade com Deus. Mas Deus tomou a iniciativa salvadora, Ele propiciou a Sua própria ira, Ele nos redimiu de nossa miserável escravidão, Ele nos considerou justos em Sua presença e nos reconciliou com Ele mesmo.

aplicação

Essas imagens mostram a riqueza da nossa salvação e a nossa posição em Cristo. Nele temos esta “tão grande salvação”, a qual não podemos negligenciar (Hb 2.3).

Sugestão Final

Faça a troca dos grupos.

1. Ao grupo 1 pergunte – Que quer dizer justificação?
2. Ao grupo 2 pergunte – Que quer dizer reconciliação?
3. Ao grupo 3 pergunte – Que quer dizer propiciação?
4. Ao grupo 4 pergunte – Que quer dizer redenção?

Lembre-se que, no último encontro, a classe orou por parentes e amigos que precisavam ouvir de Jesus. Pergunte quem conversou com a pessoa pela qual orou. Peça que dois ou três alunos falem das experiências sobre isso.

9

A revelação de Deus

texto básico	João 12.20-28
versículo-chave	João 1.14

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de ver como a cruz de Cristo é a maior e melhor revelação da glória, da justiça e do amor de Deus e como ela responde às perguntas do homem por amor e justiça de Deus, neste mundo repleto de desamor e injustiça.

leia a Bíblia diariamente

seg	Rm 1.1-32
ter	Rm 2.1-29
qua	Rm 3.1-31
qui	Rm 4.1-25
sex	Rm 5.1-21
sáb	1Jo 4.1-21
dom	SI 73.1-28

	O aluno será capaz de
saber	compreender como a cruz de Cristo é a maior e melhor revelação de glória, justiça e amor de Deus;
sentir	perceber o amor e justiça de Deus neste mundo de desamor e injustiça;
agir	levar a mensagem da cruz aos que não a conhecem.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Prepare um painel, cujo tema deve ser a justiça e o amor no mundo de hoje. Faça uma superposição de recortes de reportagens e fotografias de notícias que falem da injustiça social, da violência e do desamor no mundo de hoje. Dê destaque a algumas manchetes de jornais e revistas que chamam atenção para isso. Coloque figuras de pessoas divertindo-se e gastando dinheiro com bebidas, coisas supérfluas, ao lado de pessoas miseráveis catando restos de comida no lixo. Considere essas situações com a classe. Comente um pouco sobre isso. Pergunte: Isso é justo? Deus criou o mundo para que vivesse nessa situação? Após alguns momentos de reflexão, pergunte: Que será necessário para que haja justiça e amor no mundo? Deixe que os alunos respondam e, ao final de alguns segundos, cole em cima do painel o recorte de uma cruz.

Conclua: a justiça e o amor vêm da cruz de Cristo. O mundo será outro quando aceitar essa mensagem.

A cruz de Cristo tem voz. Por meio dela, Deus está falando ao mundo. Pois o Deus que é espírito tem, na Palavra, o Seu principal instrumento de autorevelação ao homem. O que Deus está revelando de Si mesmo ali na cruz? Dentre tantas coisas, cremos que as principais são Sua glória, Sua justiça e Seu amor.

Orientação Didática

Ministre esta lição valendo-se da aula expositiva, juntamente com várias ilustrações e perguntas diretas. A seguir, apresentamos algumas ideias, mas você poderá utilizar-se de outras, dependendo do momento na sua sala de aula.

Sugerimos que, sobre os recortes colocados no painel, vá colocando faixas com a palavra-chave de cada tópico, e, ao lado destas, outras pequenas faixas (veja exemplos ao longo da lição). O objetivo é que, ao final do estudo, todo o painel esteja coberto.

Aponte para a cruz que você colocou no painel, faça esta pergunta e as seguintes:

- Por que a cruz, instrumento de morte e de horror, pode ser considerada um instrumento da glória, da justiça e do amor de Deus?

Comente que, por meio da cruz, Deus Se revelou em todo Seu poder e glória. Coloque no painel uma faixa com a palavra GLÓRIA. Fale que no Novo Testamento essa palavra tem vários sentidos, entre eles: louvor, honra, fama, reputação, brilho.

- Todos esses sentidos estão relacionados com Jesus? Diga que, no Novo Testamento, Jesus é a revelação da glória de Deus.
- Como se revelava a glória de Deus no Antigo Testamento?

Após as respostas, coloque duas pequenas faixas com as palavras NATUREZA e ISRAEL, próximo da palavra GLÓRIA.

- Que momento da vida de Jesus marca o esplendor da glória de Deus, aqui no mundo? (O momento de Sua morte.)

Coloque no painel uma pequena faixa com as palavras MORTE DE JESUS, próximo da palavra GLÓRIA. Fale que, com a morte de Jesus na cruz, Deus Se revelou ao homem.

- Que aspectos podem ser destacados nesta revelação?
Lembre-se que a glória de Deus se manifestou através da morte de Jesus.

GLÓRIA	NATUREZA	ISRAEL	MORTE DE JESUS
--------	----------	--------	----------------

I. A cruz revela a glória de Deus

O termo glória oferece um dos exemplos mais claros da mudança do sentido de uma palavra grega quando se submeteu à influência da Bíblia. O significado básico de *doxa* (“glória”, no grego secular) é “opinião”, “conjectura”. O sentido dessa palavra tem uma gama de variações, desde a opinião acerca de uma pessoa ou coisa que estou disposto a defender, até o valor que outras pessoas atribuem a mim, isto é, “reputação”, “louvor”. O termo ocorre 165 vezes no NT e é traduzido por “honra”, “fama”, “reputação”, “esplendor”, “fulgor”, “glória” (Mt 4.8; 6.29; 16.27; Lc 2.9,14; Jo 1.14; At 22.11; Rm 3.23; 2Co 3.18; Ap 1.6; 21.11,26). (DITNT, vol. II, pp. 308-312).

No AT, a glória de Deus se revela na natureza (*“Os céus proclamam a glória de Deus”* - Sl 19.1), e na história de Israel (Sl 97.2-6; Is 35.2; 40.5), a nação redimida.

No NT, a glória está totalmente associada a Jesus Cristo. O versículo-chave desta lição (Jo 1.14) confirma isso, e o próprio Jesus referiu-Se à Sua morte como um ato de glorificação a Si e ao Pai. O autor aos Hebreus ensina-nos que o Filho é o *“resplendor da glória”* (Hb 1.3). A expressão indica que ninguém expressa melhor o brilho de Deus que o próprio Deus Unigênito. Em três ocasiões distintas, Jesus Se referiu à Sua morte como hora de glorificação.

1. Em resposta ao pedido de alguns gregos que procuravam vê-Lo, Jesus disse: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem” (Jo 12.23).

2. Assim que Judas deixou o cenáculo e entrou na noite, Jesus disse: “Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele” (Jo 13.30-32).

3. Na oração sacerdotal, Ele disse: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1).

Essas três passagens têm em comum dois fatos:

- a. a presença do termo “agora” ou “hora” que, de acordo com o contexto, refere-se claramente à crucificação;
- b. a glorificação será do Pai e do Filho, juntos.

Mas o que a cruz irradia? Olhando para Romanos 3.25-26 e 5.8 podemos concluir que Deus, em Cristo, nos deu uma demonstração clara e pública da Sua justiça e do Seu amor.

Enquanto os alunos respondem as perguntas que seguem, coloque no painel uma faixa com a palavra JUSTIÇA.

- Como pode a cruz revelar a justiça de Deus, num mundo tão injusto? Ouça-os.
- Como é a justiça do mundo? (Os ricos mais ricos, os pobres mais pobres.)
- Quando é que a justiça de Deus, manifesta na cruz, vai se efetivar realmente no mundo? Enquanto os alunos respondem, coloque no painel um cartaz com as palavras JUÍZO FINAL, próximo da palavra JUSTIÇA.

Justiça

Juízo Final

- Como se manifestará a justiça de Deus no juízo final? (Por meio do julgamento que acontecerá.)

No juízo final, todos os desequilíbrios da justiça serão corrigidos. Mostre que as pessoas precisam crer que isso de fato ocorrerá e que somente assim a justiça será manifesta ao mundo. Destaque que não há sistema humano de justiça que possa corrigir as distorções criadas pelo pecado, somente a justiça de Deus.

II. A cruz revela a justiça de Deus

(Rm 3.21-26)

“A cruz demonstra com igual viveza tanto a justiça de Deus em julgar o pecado como a Sua misericórdia em justificar o pecador.”

John Stott

1. Onde está a justiça de Deus neste mundo injusto?

Esta famosa pergunta tem atravessado séculos e séculos: “Por que os ímpios prosperam e os inocentes sofrem?” Os justos parecem guardar, em vão, a sua integridade! É a tônica do salmo 73. Homens e mulheres têm procurado encontrar sinais da presença da justiça de Deus em situações de desgraça e calamidade.

Stott lembra-nos que a Bíblia responde a essas questões de dois modos complementares.

- a. Olhando para o juízo final, onde todas as coisas serão julgadas à luz da justiça de Deus. Isso significa que pecados acumulados serão finalmente tratados (Mt 16.27; 2Co 5.10; 1Pe 1.17; Ap 20.12; 22.12). Preste atenção! Os desequilíbrios da justiça só serão totalmente corrigidos no juízo final. Antes disso, deixe que Deus seja Deus, e não procure encontrar justiça em um mundo que *“jaz no Maligno”*.
- b. Olhando para o juízo decisivo realizado na cruz. O apóstolo Paulo disse aos atenienses que Deus *“estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos”* (At 17.31).

2. De que maneira a cruz revela a justiça de Deus?

Paulo, o mestre e doutrinador da igreja do Senhor, nos responde em dois textos.

- a. Romanos 3.21-23: *“Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos os que creem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”*. A ideia central é dupla:
 - a justiça é “de” Deus. A ênfase recai sobre a posse. Ou seja, como a justiça é Dele, e nós não temos a nossa própria por falta de méritos e pela natureza pecaminosa, precisamos lançar mão do caminho que Deus escolheu para revelar a Sua justiça. E ela é “sem lei” porque a função da lei é condenar, e não justificar;
 - a justiça de Deus é a posição justa que Ele concede àqueles que creem em Cristo. Então, a justiça de Deus é “o modo justo de Deus

justificar os injustos”.

- b. 1Coríntios 1.30: *“Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação e redenção”*. Paulo afirma que *“Jesus Cristo se tornou, da parte de Deus,... justiça”*.

Em Romanos 3.25, lemos: *“a quem Deus propôs, no seu sangue... manifestar a sua justiça”*. Eis um texto bíblico que mostra claramente que a justiça é manifestada na cruz. Portanto, os olhos da humanidade devem se voltar para o Calvário quando estiverem perguntando pela justiça de Deus.

aplicação

Por qual motivo Deus precisou demonstrar Sua justiça na cruz de Cristo? Não haveria outro caminho para Ele fazer isso? Em Romanos 3.25-26 temos a resposta.

Vamos acompanhar com muita atenção o comentário de Stott.

“Paulo afirma duas vezes a necessidade da cruz, embora cada vez ele acrescente uma explicação diferente. Na primeira vez ele olha para o passado e diz que Deus demonstrou Sua justiça na cruz por ter Deus *‘na sua tolerância, deixando impunes os pecados anteriormente cometidos’* (v.25). Na segunda vez ele olha da cruz para o presente e para o futuro, e diz que Deus demonstrou (de fato, continua a demonstrar) a Sua justiça *‘no tempo presente, para ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus’* (v.26).

Por causa da Sua tolerância passada para com os pecadores, Deus havia criado um problema para Si mesmo. Pecado, culpa e juízo deviam estar inexoravelmente (inabalavelmente) ligados em Seu mundo moral... Embora em restrição própria Ele pudesse ter adiado Seu juízo, não poderia permitir que o acúmulo de pecados humanos continuasse indefinidamente, muito menos cancelar de todo o juízo. ... De fato, Ele destruiria tanto a Si mesmo quanto a nós. Ele Se destruiria contradizendo Seu caráter divino de justo Legislador e Juiz, e nos destruiria contradizendo a nossa dignidade humana de pessoas moralmente responsáveis, criados à Sua imagem”.

Agora ninguém pode acusar a Deus de apoiar o mal, apresentar

indiferença ou injustiça moral.

Faça a pergunta que segue e dê tempo para que os alunos emitam opiniões. Enquanto isso, coloque no painel uma faixa com a palavra AMOR.

- Onde está o amor de Deus, diante de terremotos, catástrofes, inundações, doenças, atentados?

Lembre-se que a cruz não é a resposta para as calamidades e tragédias da vida humana, mas explica o mistério da iniquidade. O amor de Deus perdoa, mas a iniquidade do homem continua. Coloque no painel uma pequena faixa com a frase DEUS NOS AMOU SENDO NÓS AINDA PECADORES, próximo da palavra AMOR.

III. A cruz revela o amor de Deus

O espaço dedicado à justiça de Deus na cruz precisava ser maior dentro desta lição por tudo que você mesmo apreendeu. Todavia as indagações humanas persistem. Ou seja, como conciliar o amor de Deus com tragédias pessoais, inundações e terremotos, acidentes que tiram centenas de vidas, fome e pobreza em várias partes do mundo, a tirania e a tortura, a doença e a morte e, por exemplo, com os ataques terroristas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 - que abalaram o mundo? Onde está o amor de Deus nesses momentos?

1. A declaração de Paulo a respeito do amor de Deus

A resposta está em Romanos 5.8: *“Deus prova seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”*. Portanto, o amor de Deus é evidenciado na cruz de Cristo. Stott registra que “se estamos procurando uma definição de amor, não devemos ir ao dicionário, mas ao Calvário”.

Mas você ainda pode estar pensando que a cruz não responde às perguntas levantadas anteriormente! De fato, porque o propósito da cruz nunca foi responder às calamidades e tragédias da vida humana. Billy Graham, em sua mensagem no culto em memorial às vítimas dos ataques terroristas dos EUA, numa tentativa de explicar o horror, falou sobre o *“mistério da iniquidade”*, que a Bíblia afirma em 2 Tessalonicenses 2.7. E o apóstolo diz que ele “já opera”.

O tempo do verbo grego é o presente do indicativo, o que significa duas coisas: ação concreta e atualidade. Sendo assim, muitos acontecimentos

trágicos fazem parte das coisas encobertas que pertencem ao Senhor (Dt 29.29; Mt 24.36; At 1.6-7).

2. A confirmação de João a respeito do amor de Deus

João deixa o assunto bem claro: “Nisto consiste o amor (o texto grego literalmente diz: “Nisto o amor é” - ou seja, o amor é constituído de, é composto de): *não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação* (estudamos esta palavra na lição anterior) *pelos nossos pecados*” (1Jo 4.10).

Encerramos este tópico com uma frase de Stott: “O valor de um dom de amor é medido tanto pelo que custa a quem dá como pelo grau de merecimento de quem recebe.” Por isso, lembre-se que Cristo morreu por nós, “*sendo nós ainda pecadores*”

(Rm 5.8). Ainda resta alguma dúvida do amor de Deus por nós?

Faça as perguntas que seguem e dê tempo para que os alunos respondam. Enquanto isso, coloque no painel duas faixas com as palavras SABEDORIA e PODER.

- Como se manifesta a sabedoria de Deus na cruz? (Através do caminho traçado por Deus, em Sua Palavra.) Como a sabedoria de Deus era encarada pelos judeus e pelos gregos? (Escândalo, para os judeus; loucura, para os gregos.)
- Por que judeus e gregos tinham esse pensamento acerca da sabedoria de Deus? (Eles não podiam entender que, por amor, alguém entregasse seu único filho para morrer numa cruz.)

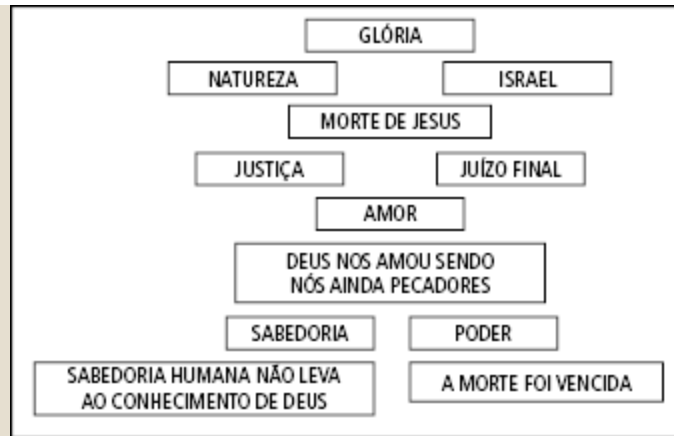
- Que é preciso fazer para entender a sabedoria de Deus? (Aceitar a mensagem da cruz.)

Coloque no painel mais uma pequena faixa com a frase SABEDORIA HUMANA NÃO LEVA AO CONHECIMENTO DE DEUS.

- Como o poder de Deus se manifesta na cruz? Deixe os alunos refletirem um pouco sobre isso, antes de você comentar a resposta correta, que vai estar na próxima pequena faixa que você colocará no painel: A MORTE FOI VENCIDA.

Conclua mostrando que, quando Jesus ressuscitou, a morte foi vencida e o poder de Deus, completamente manifesto.

Note que o painel completo ficará assim:



IV. A cruz revela a sabedoria e o poder de Deus

A última consideração que queremos fazer sobre a revelação de Deus na cruz é a sabedoria e o poder. Mas de que maneira a cruz revela a sabedoria e o poder de Deus? A cruz não era um instrumento de vergonha, humilhação e condenação para malfeitores?

O texto bíblico básico para responder a essas questões é 1Coríntios 1.18-2.5, porque esse é o tema principal dessa passagem. Na verdade, o apóstolo está contrastando a sabedoria do mundo com a sabedoria e o poder de Deus. *“Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria”* (1Co 1.22). Mas a sabedoria e o poder que Paulo tem para apresentar a judeus e gregos é a cruz de Cristo. O que para os judeus é “escândalo” e para os gentios (ou gregos) é “loucura” (1Co 1.23). Nem por isso o apóstolo vai alterar sua mensagem. Por quê? Por três razões.

1. A mensagem da cruz é o centro da pregação apostólica

“Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo” (1Co 1.17). *“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus”* (1Co 2.4-5).

2. O mundo jamais conhecerá a Deus pela sua própria sabedoria

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria” (1Co 1.21). O profeta Isaías (29.14) é citado por Paulo em 1Coríntios 1.19, afirmando que Deus já havia declarado a Sua intenção de destruir a sabedoria do sábio e frustrar a inteligência dos entendidos. Quem quiser conhecer a Deus deve optar em andar pelo caminho que Ele mesmo escolheu. O próprio crucificado afirmou: “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

3. A razão da crucificação de Cristo revela sabedoria e poder de Deus

Já conhecemos todos os benefícios que advêm da cruz aos pecadores. A obra única, completa e perfeita do Filho de Deus demonstra a eficácia e a eficiência da crucificação (leia Hb 9.23-28). Se houvesse alguma falha nesta obra, aí sim, poderia se dizer que faltou sabedoria ou poder de Deus, mas como isso não aconteceu, ou seja, *“tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15.54)*, tal fato não aconteceu. Stott afirma que *“os valores divinos e os valores humanos discordam completamente um do outro. E a cruz que, como meio de salvação, parece o auge da impotência e estultícia, na realidade é a maior manifestação da sabedoria e do poder de Deus”*. Resumindo, Deus não queria *“ler na cartilha”* do mundo ao demonstrar sabedoria e poder. Por quê? *“Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Co 1.25)*.

Conclusão

Deixemos agora o próprio Stott concluir: *“Quando olhamos para a cruz, vemos a justiça, o amor, a sabedoria e o poder de Deus. Não é fácil determinar qual desses aspectos é mais brilhantemente revelado, se a justiça de Deus ao julgar o pecado, se o amor de Deus ao levar o castigo em nosso lugar, se a sabedoria de Deus em combinar com perfeição as duas coisas, ou se o poder de Deus em salvar aqueles que creem. Pois a cruz é, de igual forma, um ato, e portanto uma demonstração da justiça, do amor e da sabedoria de Deus. A cruz nos assegura que esse Deus é a realidade dentro, por trás e além do Universo”*.

Sugestão Final

Escreva no quadro, ou apresente em forma de cartaz, ou mesmo numa transparência, os

versículos bíblicos que seguem:

“Glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1)

“Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15.54)

“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8)

“Porquanto [Deus] estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At 17.31)

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria”

(1Co 1.21)

Peça que os alunos identifiquem verbalmente, através dos versículos, os cinco aspectos da revelação de Deus: glória (1); justiça (4); amor (3); sabedoria (5); poder (2).

Vá até o painel que você apresentou à classe no início do estudo. Agora, ele deve estar completamente diferente, coberto pelas faixas que você colocou. Pergunte: O que você, como cristão, pode fazer para transformar a realidade de um mundo sem amor e sem justiça. Peça que, rapidamente, cada aluno diga uma única palavra como resposta a esta pergunta. Vá anotando no quadro tudo o que os alunos forem dizendo. Ao final, lance um desafio para que, durante a semana, cada um procure pôr em prática o que falou. Diga-lhes que no início da próxima aula você irá pedir que eles narrem as experiências a esse respeito.

10

A conquista do mal

texto básico	Colossenses 2.13-15
versículo-chave	Colossenses 2.13-15

“Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz”

alvo da lição

Ao ministrar esta lição, tenha como alvo que o aluno se torne capaz de: identificar nas Escrituras e compartilhar com outros que somente em Jesus podemos obter satisfação verdadeira.

leia a Bíblia diariamente

seg	Ap 2.1-7
ter	Ap 2.8-11
qua	Ap 2.12-17
qui	Ap 2.18-29
sex	Ap 3.1-6
sáb	Ap 3.7-13
dom	Ap 3.14-22

	O aluno será capaz de
saber	identificar nas Escrituras que somente em Jesus se pode obter satisfação verdadeira;
sentir	desejar obter vitória em todos os setores da vida;
agir	estudar na Bíblia sobre vitória e libertação do pecado, da escravidão da lei, do engano do mundo e do pavor da morte.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Faça uma série de perguntas a alunos diversos (uma para cada).

- Que é o mal?
- Cite duas coisas que, segundo seu entendimento, representam o mal.
- O mal pode ser vencido?
- Todo o mal é representado por Satanás?
- Que certeza podemos ter de que o mal será vencido?
- O crente em Jesus poderá ser vencido pelo mal? Por quê?
- Que acontecerá com este mundo quando o mal for vencido completamente?

Fale que esse é o tema central do estudo.

Embora a palavra “morte” esteja proximamente associada a fim, destruição ou ruína, há um convite a todos nós para que olhemos a crucificação de um outro ângulo: vitória ou conquista.

Este vocábulo - vitória - estava presente nos lábios e na pena dos escritores do NT

(cf. Rm 8.37; 2Co 2.14). E não é sem motivo que cada uma das sete cartas do Apocalipse, capítulos 2 e 3, termina com a expressão “ao vencedor”. A.W. Tozer afirmou: “Nós nos mantemos na vitória de Cristo”. E Paulo bradou: “*Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo*” (1Co 15.57). E todo o caminhar triunfante da igreja só se tornou possível por causa do sangue do Cordeiro (Ap 12.11), o que nos remete à cruz.

Orientação Didática

Desenvolva esta aula usando perguntas. Como sempre, prepare as perguntas em tirinhas de papel numeradas que deverão ser entregues aos alunos. (Lembre-se de que o que está entre parênteses é para você, professor.) Eles deverão fazer as perguntas seguindo a ordem numérica. Isso é importante porque as perguntas foram elaboradas na mesma ordem do texto do aluno. Esteja atento para outras questões que poderão surgir de acordo com as dúvidas e necessidades da classe.

1. Quais as seis etapas da conquista de Jesus sobre o mal? (À medida que você responde, escreva no quadro ou cole tiras de papel, onde estará escrito: a predição da conquista, o início da conquista, a realização da conquista, o anúncio da conquista, a extensão e a consumação da conquista.)
2. Em que ocasião Deus fez a promessa de que Jesus venceria o mal? (No Éden, quando Adão e Eva comeram do fruto proibido.)

I. As dimensões da vitória de Cristo

Em Colossenses 2.15, Paulo atesta que, na cruz, Jesus triunfou sobre o mal. Stott sustenta que embora a derrota decisiva que Deus, por meio de Cristo, trouxe a Satanás se tenha dado na cruz, há seis etapas descritas nas Escrituras que representam o desenvolvimento desta conquista.

1. A predição da conquista

(Gn 3.15)

Às vezes esquecemos que o chamado “proto-evangelho” (primeiro-evangelho) é, na verdade, uma sentença passada à serpente. Ou seja, Gênesis 3.15 é uma palavra de Deus para a serpente e não para o primeiro casal.

3. Por que, em diversas ocasiões, Satanás tentou livrar-se de Jesus? (Porque ele sabia que Jesus derrotaria o mal.)
4. Que Satanás fez para tentar livrar-se de Jesus? (Provocou situações para tirar Jesus do caminho da cruz, como: a matança dos meninos, etc. Apresente e comente outras situações que estão no texto do aluno.)

2. O início da conquista no ministério de Jesus

Há vários fatos que comprovam o desígnio de Satanás em se livrar de Jesus, porque sabia que ali estava seu futuro conquistador.

- a. A matança dos meninos por ordem de Herodes (Mt 2.16-18).
- b. A tentação no deserto (Mt 4.1-11).
- c. Alguns homens que, após a multiplicação dos pães, queriam fazer de Jesus um rei - sem a cruz (Jo 6.15).
- d. A repreensão ao apóstolo Pedro - “para trás de mim, Satanás” (Mt 16.21-23).
- e. A traição de Judas, em quem Satanás havia, de fato, “entrado” (Jo 13.27).

5. Que provas Jesus deu, antes de Sua crucificação, de que venceria o mal? (Expulsou demônios, curou enfermidades, agiu sobre as forças da natureza, ressuscitou mortos, etc.)
6. O que aconteceu com os nossos pecados, quando Jesus morreu? (Eles foram cancelados, quando Jesus derramou Seu sangue na cruz.)

Todavia, mesmo antes da crucificação, há evidências da vitória de Jesus sobre o mal. A expulsão de demônios (Mc 1.24), a cura de enfermidades (Mt 4.23) e a própria natureza submetendo-se a Ele (Mc 4.39) são alguns exemplos, além do relato dos discípulos que voltam da missão e a declaração do Senhor: “*Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago*” (Lc 10.17-20).

3. A realização da conquista

Em três ocasiões, Jesus Se referiu ao diabo como “*o príncipe deste mundo*” (Jo 12.31; 14.30; 16.11), acrescentando que ele estava prestes a “vir” (no sentido de lançar sua última ofensiva), mas que seria “expulso” e “julgado”. Os intérpretes do NT têm visto nessas palavras de Jesus uma referência antecipada à vitória que Jesus aplicaria sobre os poderes das trevas por ocasião da Sua crucificação.

O texto de Colossenses 2.13-15 demonstra isso ao relatar dois fatos que ocorriam enquanto o Cordeiro de Deus era moído e traspassado.

- a. O perdão dos nossos pecados – O perdão veio mediante o cancelamento das dívidas.

7. Paulo usa determinadas expressões para mostrar a derrota do mal através da cruz. Quais são elas? (Enquanto você fala as expressões, vá escrevendo no quadro ou colocando tiras de papel com as palavras: despojar, expor, triunfar):

- b. O triunfo sobre os poderes das trevas – De que maneira a cruz de Cristo é um triunfo sobre os poderes das trevas? Paulo usa três verbos para retratar a derrota do mal: “despojar”, “expor” e “triunfar”.

8. Que quer dizer “Jesus despojou o poder do mal”? (Quer dizer que Jesus desarmou o mal, que Jesus tirou o poder do mal.)

- Despojar podia significar que Deus, em Cristo, “desnudou” os poderes das trevas como se faz com uma roupa imunda. E “desnudar” pode significar “desarmar”, “privar da posse ou do poder”.

9. Quem Jesus expôs na cruz: Ele mesmo ou nós? (Os principados e potestades que queriam derrotá-Lo, desviando-O da cruz.)

- Ele “*publicamente os expôs ao desprezo*” - a NVI traduziu “*fez deles um espetáculo público*”. Parece-nos que há uma espécie de “jogo de palavras”, porque a crucificação era também a exposição do criminoso ao público, todavia, na morte de Jesus Cristo, quem estava sendo exposto não era Ele, que não tinha crime algum (Jo 19.6), mas os principados e potestades, que não conseguiram evitar que o Senhor não chegasse até a cruz. Estes eram os verdadeiros desprezados e derrotados.

10. Como Jesus poderia triunfar na cruz? (A cruz estava nos planos de Deus. Se ela não tivesse acontecido, a vontade de Deus não teria sido feita, então haveria a vitória de Satanás.)

- Triunfando sobre eles na cruz é provavelmente uma referência à procissão de cativos que celebrava a vitória. Calvino comentou, “foi como se a cruz, que era cheia de vergonha, houvesse sido transformada numa carruagem triunfal!”.

Satanás adquire poder sobre o homem (condenando-o a viver distante de Deus) por meio do pecado trazido ao mundo pela serpente. Cristo, ao cancelar e remover o pecado, desarmou, desacreditou e derrotou os poderes das trevas. Ele também venceu o mal mediante a resistência total às suas tentações (Fp 2.8). “*Se Jesus tivesse desobedecido, desviando-Se um pouquinho que fosse do caminho da vontade de Deus, o diabo teria ganho um ponto e frustrado o plano da salvação*” - Stott.

11. Que significa a ressurreição? (Significa que Jesus viveu de novo, vencendo a morte.)

4. A ressurreição foi a confirmação e o anúncio da conquista

(At 2.24; Ef 1.20-23; 1Pe 3.22)

A cruz foi a vitória conquistada e a ressurreição a vitória endossada. Aquele que começou Seu ministério anunciando a vida não poderia terminá-lo tragado pela morte. E os poderes das trevas que haviam sido privados de suas armas e domínio na cruz, agora, como consequência da derrota, foram colocados sob os pés de Cristo e sujeitos a Ele.

12. Como se dá a expansão da vitória de Jesus? (Ela acontece à medida que as pessoas vão aceitando Jesus como Salvador, porque a luz vai brilhando e as trevas vão se dissipando.)

5. A extensão da conquista

A conversão é descrita na Bíblia não apenas como processo de levar os homens do pecado para Cristo, mas também de *“convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus”*, dos *“ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro”*, *“do domínio das trevas... para o Reino do seu Filho amado”* (At 26.18; 1Ts 1.9; Cl 1.13 NVI). Isto significa que, à medida que pessoas vão se convertendo, as trevas se vão dissipando e a luz vai brilhando. O poder de Deus chega, e o mal perde o controle ou o domínio da vida escravizada.

13. Que acontecerá no fim dos séculos, quando a conquista do mal se consumir? (“Todo o joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor”).

6. A consumação da conquista

Na verdade, a conquista do mal é um processo. Começou na cruz e caminhará até a consumação do século. Quando Cristo morreu, a cabeça da serpente foi esmagada, e o diabo tem os seus dias contados. A partir daí, Deus está aguardando o Senhor colocar todos os Seus inimigos debaixo dos Seus pés (Hb 10.12-13). Quando isso acontecer, todo joelho se dobrará em sua presença e toda língua confessará que Ele é Senhor (Fp 2.9-11). O diabo será jogado no lago de fogo, onde a morte e o inferno o seguirão. Então, quando todo o domínio, autoridade e poder do mal tiver sido destruído, o Filho entregará o reino ao Pai, e Ele será tudo em todos (Ap 20.10,14; 1Co 15.24-28).

14. Que o crente deve fazer para se proteger dos ataques de Satanás, que continua “vivo e ativo no planeta terra”? (Usar a armadura de Deus, conforme está descrita em Efésios 6.10-20.)

II. Desfrutando da vitória de Cristo

Nós precisamos, como crentes, aprender quem somos em Cristo Jesus. Olhando para alguns textos do NT, aprendemos que temos o “direito” de desfrutar de algumas coisas que Cristo conquistou pelo reino do Pai para nós, os Seus co-herdeiros (1Jo 2.13; Ef 2.5-6; Ap 3.21).

Entretanto não é tão simples assim, porque, embora o diabo tenha sido derrotado, ele ainda não admitiu a derrota. Na verdade, como diz o título de

um livro, ele continua “vivo e ativo no planeta Terra”. E isso traz muita tensão, tanto para a nossa teologia quanto para a nossa experiência. Parece um paradoxo: recebemos a certeza de que aquele que é nascido de Deus “*o Maligno não lhe toca*”, mas recebemos também aviso para vigiar porque o nosso adversário, o diabo, “*anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar*” (1Jo 5.18; 1Pe 5.8).

Porém, existe o dilema cristão-teológico do “já” e do “ainda não”. O reino de Deus já foi instaurado; Cristo já morreu por nossos pecados, Ele já triunfou sobre principados e potestades na cruz; mas a era antiga ainda não passou completamente. Já somos filhos de Deus, e não mais escravos; mas ainda não entramos na “*liberdade da glória dos filhos de Deus*” (1Jo 2.8; Rm 8.21). Sabemos que Jesus veio destruir as obras do diabo (1Jo 3.8). Vejamos quais são elas.

15. Em que sentido podemos entender que Cristo é o fim da lei? (Cristo nos resgatou da maldição da lei quando morreu na cruz em nosso lugar.)

16. Qual deve ser a conduta do crente diante da lei de Deus? (Deve ser de obediência porque a lei determina a conduta moral das pessoas.)

1. A cruz de Cristo aboliu a tirania da lei

Paulo diz que a lei é “*santa, justa e boa*” (Rm 7.12). Porém, ela condena a desobediência, levando-nos assim à sua “maldição” ou juízo. Cristo nos resgatou da maldição da lei fazendo-Se Ele próprio maldição por nós (Gl 3.13). É nesse sentido que “Cristo é o fim da lei” e já não estamos “sob” ela (Rm 10.4). Contudo isso não quer dizer que de agora em diante já não existem absolutos morais a não ser amor, ou que já não temos obrigação de obedecer à lei de Deus. O que acontece é que a lei não nos escraviza por meio da sua condenação ou maldição, porque não estamos “debaixo” dela (Rm 6.14). Estamos “em Cristo” e já nenhuma condenação há para estes (Rm 8.1-4). Devemos lembrar que na tentação de Jesus o Maligno “usou” as Escrituras de forma errada. Ele ainda as usa para tentar escravizar os filhos de Deus, como instrumento de acusação ou condenação. Mas Cristo nos libertou da impossível missão de guardar a lei (Tg 2.10; Rm 3.28). Então, é nesse sentido que recebemos a libertação da lei. Mas antes de encerrar este ponto, atente para esta frase: “Devo observar a lei não para ser salvo, mas

porque já sou salvo”.

2. A cruz de Cristo desfez a tirania da carne

A carne é a nossa natureza caída, herdada de Adão, a qual se abre para o pecado. Algumas das obras da carne são bem conhecidas de todos nós: imoralidade sexual, bebedice, idolatria, feitiçarias, ódio, ciúme, ira, inimizades, etc. Quem vive na prática dessas e outras coisas semelhantes a elas, diz a Escritura, “*não herdará o reino de Deus*”...“*é escravo do pecado*” (Gl 5.19-21; Jo 8.34). Nossa liberdade só é possível por intermédio de Jesus, pelo poder do Espírito Santo. (Rm 7.24; 6.6; 8.13; Jo 8.36).

17. Que quer dizer “o mundo jaz no Maligno”? (Quer dizer que o mundo faz a vontade de Satanás.)
18. Que quer dizer “vencer o mundo como Jesus venceu”? (Significa rejeitar por completo os valores do mundo.)
19. Como é possível a pessoa vencer o mundo? (Somente é possível por meio de Jesus.)

3. A cruz de Cristo anulou a tirania do mundo

“Se a carne é o ponto de apoio que o diabo tem dentro de nós, o mundo é o meio pelo qual ele exerce pressão de fora sobre nós” (Stott). Esse “mundo” é a sociedade humana sem Deus que, por isso, abre suas portas para toda influência maligna: “o mundo jaz (está deitado, reclinado) no Maligno” (1Jo 5.19). As três coisas que caracterizam o mundo são “*a concupiscência* (desejo de coisas proibidas) *da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida*”, Jesus, porém, replicou: “*Eu venci o mundo*” (Jo 16.33). Ele venceu rejeitando, por completo, os valores distorcidos e fixando os olhos somente na vontade do Pai. Nós, por meio de Cristo, também podemos vencer o mundo (1Jo 5.4-5). Nada tem mais poder que a cruz de Cristo para nos afastar do mundanismo (Gl 6.14).

20. Que garantias Jesus nos dá em relação ao livramento da morte? (“O que vive e crê em mim não morrerá eternamente”.)

4. A cruz de Cristo destruiu a tirania da morte

Essa verdade está muito clara em Hebreus 2.14-15: “*por sua morte, destruiu aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida*”. O medo da morte é próprio do ser humano. É necessário lembrarmos que a morte é o salário do

pecado, ou seja, é um castigo - e ninguém gosta de castigo! E depois da morte, virá o juízo (Hb 9.27).

Paulo comparou a morte a um escorpião, cujo aguilhão (ferrão) foi retirado, e a um conquistador militar, cujo poder foi quebrado (1Co 15.55). Agora que Cristo tirou nossos pecados, que fomos perdoados, a morte já não nos pode causar danos, nem nos apavorar, mas ela ainda continua sendo um inimigo desnaturado, desagradável e indigno, *“o último inimigo a ser destruído”* (1Co 15.26). Jesus nos deu livramento ao proclamar: *“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?”* (Jo 11.25-26).

Conclusão

O mal entrou no mundo pelo pecado, porque o homem abriu-lhe a porta. Para ele poder sair, Cristo teve de derramar Seu precioso sangue na cruz, porque *“sem derramamento de sangue, não há remissão”* (Hb 9.2). No Apocalipse, a derrota de Satanás vem por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que homens deram, homens que, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida (Ap 12.11). Sendo assim, a vitória sobre o mal tem dois lados para a humanidade: crer no sangue do Cordeiro e confessar com a própria língua o senhorio de Jesus. Daí o livro de Provérbios nos ensinar que *“a morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto”* (Pv 18.21). O mal já foi conquistado, mas o homem precisa crer Naquele que o conquistou.

Sugestão Final

Escreva no quadro a palavra VITÓRIA. Peça que a classe dê sugestões sobre o que representa a vitória sobre o mal e vá completando o acróstico, conforme o exemplo. Entregue a seus alunos um cartão como o que segue, pedindo que respondam.

V

I

T

O BEDECER SEMPRE A JESUS

R

I

A

11

A comunidade da celebração

texto básico	1Coríntios 11.23-34
versículo-chave	1Coríntios 11.26

“Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de identificar que a cruz de Cristo uniu todos os que Nele creem, formando a comunidade cristã.

leia a Bíblia diariamente

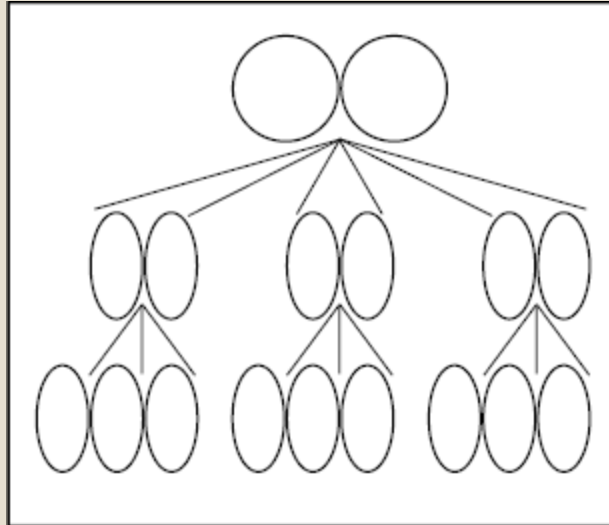
seg	Ef 1.3-14
ter	Ef 1.15-23
qua	Ef 2.1-10
qui	Ef 2.11-22
sex	Hb 10.1-18
sáb	Hb 10.19-25
dom	Sl 126.1-6

	O aluno será capaz de
saber	identificar a importância da cruz na formação da comunidade cristã;
sentir	perceber o resultado da celebração da ressurreição;
agir	consagrar-se ao Senhor e participar conscientemente da Ceia.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Faça a pergunta: Como se forma uma comunidade? Sugira que pensem na formação de uma comunidade a partir de seu núcleo básico, a família. Numa folha de cartolina, apresente um esquema assim:



Desperte a atenção da classe para o fato de que uma comunidade se inicia sempre com uma base.

- Como começou a comunidade da cruz? Vocês sabem que comunidade é essa? Dê tempo para que respondam e, após, conclua: a comunidade da cruz é aquela formada pelos seguidores de Jesus, O que morreu na cruz.
- Vocês sabem que passo deve ser dado por quem deseja pertencer a essa comunidade? O passo foi dado pelo próprio Jesus. A resposta deve ser: cada um deve tomar a sua cruz e seguir a Jesus. A partir daí, a pessoa passa a fazer parte da comunidade da cruz.

Por meio da cruz de Cristo, Deus está formando para Si um novo povo, exclusivamente Seu, zeloso de boas obras (Tt 2.14). Sendo assim, a partir desta lição, vamos sair do foco individualista da cruz de Cristo para o coletivo. “Assim, o mesmo propósito da sua autodoação na cruz não foi só salvar indivíduos isoladamente, perpetuando a sua solidão, mas também criar uma nova comunidade cujos membros pertencessem a Ele, amassem uns aos outros e zelosamente servissem ao mundo” -Stott.

Essa nova comunidade de Cristo é a comunidade da cruz. Sua existência se deve à cruz, continua a viver pela cruz e debaixo dela. Nossa perspectiva e nosso comportamento agora são governados pela cruz. Todos os membros dessa nova comunidade passaram, necessariamente, por essa cruz, e foram

radicalmente transformados por ela. Na verdade, cada um toma a sua cruz. A cruz não é apenas um distintivo que nos identifica e um pendão sob o qual marchamos; é também a bússola que nos dá direção num mundo desorientado.

Orientação Didática

Com antecedência, combine com três alunos uma participação especial neste estudo. Eles deverão fazer comentários dos tópicos da lição, seguindo um roteiro que você lhes oferecerá. É necessário que se preparem para fazer bem o trabalho, contudo, você deverá ficar atento a fim de corrigir qualquer informação que não esteja adequada. O roteiro possibilitará ao aluno não se desviar do tema central do estudo.

I. Um relacionamento novo com Deus

Aluno 1 – Um relacionamento novo com Deus

- A pessoa, quando se relaciona com Deus, adquire algumas marcas novas no viver: ousadia, amor e alegria.
- A ousadia permite que a pessoa fale de Jesus, sem medo algum, seja qual for a circunstância.
- O crente deve ser ousado e passar a mensagem de Jesus do jeito que ela é.
- A mensagem deve ser apresentada sem “jeitinho” nenhum, mas tal como foi entregue por Jesus.

- Amor, na mensagem de Jesus, representa a doação de Sua vida.
- Amar, para o cristão, não é uma opção. É exemplo a ser seguido como marca de vida.
- O crente é alegre e gosta de cantar porque está salvo, liberto e regenerado.
- Não se pode conceber um cristão de “cara fechada”.

Depois dessa exposição, convide a classe para cantar com você o cântico “A alegria está no coração.”

O apóstolo Paulo coloca de forma bastante evidente em suas epístolas (principalmente Efésios) o que éramos antes (sem Cristo) e o que somos agora (em Cristo). Aos Coríntios, afirma que fomos, por meio de Cristo, reconciliados com Deus. É um novo relacionamento com Deus, mais íntimo e mais próximo, que possui algumas marcas.

1. Ousadia

Parece-nos que essa palavra é própria do meio evangélico. Não é tão comum em outras religiões. Os apóstolos gostam dela! O termo ousadia significa abertura, franqueza, coragem, tanto em nosso testemunho ao

mundo, quanto em nossas orações a Deus. Em seu comentário de Atos, Stott certifica que, quando se diz que os apóstolos falavam com intrepidez, fala-se de um discurso franco (sem omissão de verdades), claro (sem expressões obscuras) e confiante (sem medo das consequências). Por meio de Cristo, agora somos capazes de *“nos aproximarmos de Deus com liberdade e confiança”*. Por causa do sumo sacerdócio de Cristo, temos ousadia de chegar ao trono da graça de Deus e temos ousadia pelo sangue de Cristo para entrar no Santo dos Santos da própria presença de Deus (Ef 3.12; Hb 4.16; 10.19). Essa liberdade de acesso e essa franqueza de aproximação a Deus em oração não entram em choque com a humildade, pois são devidas inteiramente ao mérito de Cristo, e não ao nosso.

2. Amor

Amor gera amor. Depois da cruz de Cristo, o conceito de amor foi aprofundado. Ao afirmar que *“ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos”* (Jo 15.13 NVI), Jesus revolucionou a palavra amor, pois demonstra, com a própria vida, a mais profunda, alta, larga e extensa medida dessa palavra. Portanto, nesse novo relacionamento com Deus, os fiéis, ao se reunirem para celebrar e ter mútua comunhão, têm como modelo, exemplo e parâmetro Alguém que deu a vida para formar essa comunidade. Dessa forma, qualquer coisa que se fizer em prol de um membro da família de Cristo terá sempre de ser comparada com o que Ele mesmo fez por essa pessoa. Afinal, *“nós amamos porque ele nos amou primeiro”* (1Jo 4.19).

3. Alegria

Quando o Senhor restaurou a sorte de Sião, houve muito riso na boca e júbilo na língua (Sl 126.1-2). A alma salva, liberta, regenerada e perdoada quer cantar, salta de alegria. E a alegria da salvação é única, exclusiva, incomparável (Sl 51.12). Os crentes da igreja primitiva tomavam suas refeições juntos, *“com alegria e singeleza de coração”* (At 2.46). O convite de Paulo à igreja de Filipos é estendido também a nós: *“Alegram-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegram-se!”* (Fp 4.4 NVI).

O povo de Deus é um povo que canta. E é impossível fazer com que

parem de cantar. **“Por tudo que Deus fez, por tudo que faz e por tudo que irá fazer”**, produz gratidão e louvor em nosso coração. Paulo exprime essa jubilosa alegria ao mencionar, para a igreja de Corinto, a mais bem conhecida festa judaica: *“Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa”* (1Co 5.7-8).

Stott cita W.M. Clow, autor do livro *A cruz na experiência cristã*, que tinha razão em chamar a atenção para o cântico como um aspecto singular do culto cristão, e para o motivo dele:

“Não há perdão neste mundo, ou no vindouro, a não ser através da cruz de Cristo.
Através deste homem vos é pregado o perdão dos pecados”.

“As religiões do paganismo raramente conheciam a palavra “perdão”. As grandes crenças dos budistas e dos maometanos não dão lugar nem à necessidade nem à graça da reconciliação. Provar esse fato é a coisa mais simples. O júbilo jaz nos hinos do culto cristão. O templo budista jamais ressoa com o clamor do louvor. Os adoradores maometanos jamais cantam. (No Alcorão, o perdão de Alá deve ser ganhado e jamais é concedido como uma dádiva aos que não o merecem. Daí a ausência no culto muçulmano da nota de celebração jubilosa - nota de Stott). Suas orações são, no que tiverem de mais elevado, orações de submissão e pedido. Raramente atingem a nota mais alegre da ação de graças. Jamais se jubilam com os cânticos dos perdoados.”

II. O sacrifício de Cristo e a ceia do Senhor

Aluno 2 – O sacrifício de Cristo e a ceia do Senhor

- A ceia do Senhor foi instituída na Páscoa, pouco antes de Jesus morrer na cruz.
- A ceia é um memorial para lembrarmos a morte de Jesus: *“Fazei isto em memória de mim.”*
- A ceia nos leva à comunhão de uns com os outros e com o corpo de Cristo.
- A ceia deve ser celebrada até à volta do Senhor, como um meio de anunciar o Seu sacrifício.
- A ceia nos lembra que em Cristo somos um.
- A ceia aponta para o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

Após a explanação do aluno, cante com a classe o hino *Alvo mais que a neve*.

A ceia do Senhor se encontra no centro da vida de celebração da igreja. Foi instituída por Jesus durante a refeição pascal. Substituiu a recitação cerimonial que dizia: *“Este é o pão da aflição que nossos pais comeram”* por: *“Isto é o meu corpo, que é dado por vós... Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado por vós”*. O pão e o vinho da festa cristã nos convidam a olhar de volta para o centro da história da nossa salvação - a cruz de Cristo.

Na ceia do Senhor, não ministramos os elementos a nós mesmos. Eles nos são dados; nós os recebemos. Assim como comemos o pão e bebemos o vinho fisicamente, da mesma forma, espiritualmente, pela fé, nos alimentamos do Cristo crucificado em nosso coração. Assim, na ceia, somos mais ou menos passivos, recipientes e não doadores, beneficiários e não benfeitores.

Stott sustenta que o que fazemos na ceia do Senhor está relacionado com o sacrifício de Jesus na cruz, de cinco modos.

1. Lembramo-nos do Seu sacrifício

“Fazei isto em memória de mim” (1Co 11.24-25). O pão e o vinho são usados para *“refrescar”* nossa memória; trazer a cruz de volta aos nossos pensamentos.

2. Participamos dos Seus benefícios

O propósito do culto ultrapassa a *“comemoração”* e chega à *“comunhão”*: *“Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo?”* (1Co 10.16). Por esse motivo, é corretamente chamada de *“santa comunhão”* (visto que, através dela, podemos participar de Cristo) e *“ceia do Senhor”* (visto que através dela podemos nos alimentar de Cristo).

3. Proclamamos Seu sacrifício

“Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11.26). A ceia do Senhor é um evento extraordinário, pois olhamos em duas direções ao mesmo tempo: passado e

futuro. Anunciamos a morte do Senhor e, ao mesmo tempo, proclamamos Sua segunda vinda.

4. Atribuímos nossa unidade ao Seu sacrifício

Na ceia, nós nos “reunimos” (1Co 11.20). Em todas as culturas, a refeição é um momento para reunião. Pelo fato da mesa ser a mesma, o ambiente é propício para se reunir. “*Porque nós*”, completa o apóstolo, “*embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão*” (1Co 10.17).

5. Damos graças por Seu sacrifício

E como prova de nossa ação de graças, oferecemos a nós mesmos, nossa alma e corpo, como “*sacrifício vivo*” ao Seu serviço (Rm 12.1).

Dessa forma, sempre que celebramos a ceia do Senhor, lembramos e participamos do Seu sacrifício como o fundamento de nossa unidade, proclamamos e reconhecemos esse sacrifício e respondemos a ele em grata adoração.

III. O nosso sacrifício e a ceia do Senhor

Aluno 3 – O sacrifício de Cristo e a ceia do Senhor

1. Deus espera que cada crente apresente o próprio corpo em sacrifício vivo, conforme Paulo fala em Romanos 12.1.
2. Apresentar-se como sacrifício vivo é viver para Cristo, fazendo a Sua vontade.
3. O sacrifício a Deus se apresenta através da oração, da fé, das boas obras e das ofertas.
4. Apresentar-se ao Senhor como sacrifício vivo é celebrar o sacrifício de Jesus na cruz. Com seu grupo, grupo, cante a música “Consagração.”

Será que, ainda hoje, existe algum sacrifício que a igreja de Cristo pode oferecer a Ele, já que ela é chamada de “sacerdócio santo”? De acordo com Stott, a Escritura menciona oito.

1. Nosso sacrifício

Devemos apresentar-Lhe o nosso corpo com sacrifício vivo. Isso parece uma oferta material, mas é chamado de nosso culto racional (Rm 12.1),

presumivelmente porque agrada a Deus e se expressa na adoração que procede do coração.

2. Oferta ao Senhor

Oferecemos a Deus o nosso louvor, adoração e ações de graça, *“fruto de lábios que confessam o seu nome”* (Hb 13.15). A expressão *“sacrifício de louvor”* coloca o sacrifício do cristão em contraste com os sacrifícios judaicos (cf. Lv 7.12-13,18 com Hb 13.10).

3. A oração

A oração também é um sacrifício, a qual se diz que sobe a Deus como fragrante incenso (Ap 5.8; 8.3-4).

4. O coração

(Sl 51.17)

Um *“coração compungido (quebrantado) e contrito.”* O qual Deus aceita e jamais despreza.

5. A fé

A fé também é chamada de *“sacrifício e culto”* (Fp 2.17).

6. As ofertas e as boas obras

São classificadas como sacrifícios dos quais Deus Se agrada (Fp 4.18; Hb 13.16; At 10.4).

7. Nossa vida

A nossa vida derramada como uma libação no culto de Deus, até à morte (2Tm 4.6).

8. Oferta especial

A oferta especial do evangelista, cuja pregação do evangelho é chamada de *“dever sacerdotal”*, porque ele é capaz de apresentar os seus convertidos como *“uma oferta agradável a Deus”* (Rm 15.16).

Só duas coisas queremos acrescentar a este maravilhoso apanhado de textos e ideias bíblicas que Stott fez sobre o sacrifício do povo de Deus no

Novo Testamento: um texto bíblico e uma pergunta.

- O texto é: Efésios 5.1-2: *“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave.”*
- E a **pergunta**: será que, com tantas coisas a serem feitas de que indubitavelmente Deus Se agrada, ainda queremos andar atrás de outras que não temos tanta certeza de que estão subindo como aroma suave e agradável a Ele?!

Conclusão

Há tantos motivos para celebrarmos a Deus pela cruz de Cristo que nada precisamos inventar sobre ela. A morte do Filho de Deus comprova a nossa total incapacidade de fazer algo por nós mesmos. Aliás, este é o significado do termo “misericórdia” - ajuda que alguém vem dar a outro alguém que não pode ajudar a si mesmo. Daí a necessidade de ele entregar a Si mesmo para fazer-nos Seu povo. Celebremos!

Sugestão Final

Faça três perguntas com a finalidade de verificar o nível de aprendizagem da classe.

- É possível uma pessoa aceitar Jesus e continuar vivendo sem que novas marcas apareçam na sua vida? Por quê? Quais são essas marcas?
- Por que a ceia do Senhor deve ser celebrada até à volta de Jesus?
- Como deve ser expressa, em nossa vida, a celebração ao Senhor, pelo Seu sacrifício na cruz?

Peça aos alunos que citem pelo menos cinco exemplos do que deve ser feito ou praticado pelos componentes da comunidade da cruz, e vá anotando no quadro.

Ao final, desafie-os a colocarem em prática o que está ali escrito.

12

Autocompreensão e autodoação

texto básico	Filipenses 2.5-11
versículo-chave	João 15.13

“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus inimigos”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de perceber que, somente quando iluminado pela cruz, o homem é capaz de compreender a si mesmo.

leia a Bíblia diariamente

seg	Lc 9.57-62
ter	Mc 12.28-34
qua	Lv 19.11-19
qui	Mt 7.7-14
sex	2Tm 3.1-9
sáb	Lc 22.24-30
dom	1Jo 3.16-24

	O aluno será capaz de
saber	compreender que somente quem conhece Jesus pode ter um bom conhecimento sobre si mesmo;
sentir	ter claro em mente o seu próprio valor por causa da verdade da obra de Jesus;
agir	praticar a vida cristã seguindo o exemplo deixado por Jesus.

Sugestão Inicial

Coloque no quadro a figura da silhueta de um homem, e a seguinte pergunta: QUEM É O HOMEM? E logo abaixo escreva algumas características, exemplo: Nobre? Santo? Rico? Altruísta? Ignóbil? Demônio? Miserável? Orgulhoso?
Complete a lista acima com a ajuda da classe. Ao final, escreva: E você, quem é? Faça essa pergunta diretamente a seus alunos e conclua: A resposta está na cruz de Cristo. Vamos conhecê-la?

“O homem é um mero acidente cósmico e não possui nenhum valor

intrínseco”, afirma o humanismo ateu. O budismo e as religiões orientais também possuem uma visão bastante negativa, pois ensinam o despojamento da humanidade por meio da abolição de todos os desejos, até dos mais básicos como alimento e água.

De outro lado, movimentos populares como os do “potencial humano”, da “confissão positiva” e da “teologia da prosperidade” estão reagindo e fazendo com que o homem se sinta um verdadeiro deus. Os pregadores desses movimentos estão empenhados em realizar uma verdadeira lavagem cerebral, produzindo frases de grande impacto mental, tais como: “se você quer, você pode”, “declare e tome posse”, dando assim a impressão de que nosso potencial é ilimitado.

O resultado desses pensamentos é o aparecimento de dois tipos de pessoas: de um lado os que carecem de valor pessoal, e de outro, os que sofrem de complexo de deus. Porém a mensagem da cruz é única e perfeita em sua concepção do homem.

- Única porque se distingue das inúmeras religiões e filosofias que encontramos em no mundo atual.
- Perfeita porque humilha todo orgulho e acaba com qualquer esperança de salvação própria, ao mesmo tempo que fala do insondável amor de Deus, que provê senso de valor e significado para o homem.

Afinal, que é o homem? Nobre ou ignóbil? Santo ou demônio? Rico ou miserável? A cruz supre a resposta certa. Só ela é capaz de comunicar luz para discernirmos como devemos ver a nós mesmos. Diferente das demais, a mensagem da cruz leva o homem a quatro atitudes básicas.

Orientação Didática

Coloque no quadro uma tira de papel com o versículo:

“Se alguém quiser vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.” (Mt 16.24)

Faça algumas perguntas a seus alunos (as respostas, entre parênteses, são para auxiliá-lo, professor). Você poderá escolher entre fazer a pergunta para toda a classe ou determinar quem vai responder. Esta última opção é melhor para evitar que somente os mais desinibidos falem. A classe deve acompanhar o andamento da lição pela revista.

- Quem disse essas palavras? (Jesus)
- O que elas sugerem? (um convite)

- Que quer dizer “tomar a cruz”? (morrer)
- De que tipo de morte Jesus está falando? (a morte do ego)

Diga para seus alunos que à morte do ego se dá o nome de: (escreva a palavra no quadro ou numa tira de papel)

AUTONEGAÇÃO

- Por que Jesus pediu autonegação às pessoas? Deixe que os alunos deem opiniões. (As pessoas são muito egoístas, precisam aprender a pensar nas outras.)
- Como Jesus deu o exemplo de autonegação? (Dando a vida pelos homens.)

Faça, com a classe, uma lista de atitudes e comportamentos do homem que mostram seu egoísmo. Vá anotando no quadro.

A PESSOA É EGOÍSTA QUANDO...

1. Quer o melhor só para ela
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.

Ao completar o quadro, conclua falando que o processo de autonegação do crente deve ser contínuo e constante, a fim de que seu comportamento seja o que Cristo deseja.

I. Autonegação

1. A ordem

Este convite de Jesus é claro – “*Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me*” (Mt 16.24). Leia também Lucas 14.26-27. A verdade é que, quando Cristo chama uma pessoa, ela é chamada para vir e morrer (a morte do nosso ego).

2. O exemplo

O próprio Cristo nos deixou o exemplo. É mister que sigamos Seus passos. Do modo como Jesus renunciou a Seus próprios interesses e Se deixou crucificar, por amor a outros, também devemos dizer “não” ao egocentrismo (Lc 9.23-26).

3. O incentivo

O exemplo de Jesus deve afetar nossa atitude. A disposição demonstrada

por Ele para morrer para o próprio EU quando subiu à cruz (2Co 5.14-15) é um incentivo para nós morrermos para o próprio eu e vivermos para Ele.

Em que sentido o cristão deve morrer? Além da morte física, observamos dois tipos de morte experimentados pelos cristãos, que Stott identifica.

- a. A morte legal - O cristão morreu para a penalidade do pecado, e sua ressurreição espiritual resultou numa nova vida de liberdade. É o que chamamos de justificação.
- b. A morte moral (para o ego) - À medida que mortificamos a antiga natureza e seus ímpios desejos, a ressurreição implica uma nova vida de justiça em comunhão com Deus. É isto que chamamos de santificação.

A morte legal foi de uma vez por todas, mas a morte moral é uma experiência diária e contínua para o discípulo cristão.

Coloque no quadro o versículo:

- O que Jesus fez para mostrar o valor das pessoas? (Ele ensinou sobre isso.) Com os alunos leia o versículo que você colocou no quadro.
- Por que o homem tem valor? (Porque ele é a imagem e a semelhança de Deus).
- Qual a atitude de Jesus em relação às crianças, às mulheres e aos marginalizados da sociedade? (Ele valorizou todos os seres humanos.)

Conclua este segmento: Jesus reconheceu o valor de cada pessoa, morrendo na cruz com o propósito de restaurá-las. Apresente um cartaz com a figura de um homem com as seguintes frases: “Negar” o que ficou do homem que pecou; “Valorizar” o que foi criado por Deus.

II. Afirmação própria

Autonegação é apenas um lado da verdade. Pois, se de um lado Jesus ensina que devemos repudiar o nosso ego pecaminoso, de outro afirma o valor do ser humano.

1. Considere o ensino de Jesus acerca das pessoas

Ele falou do valor dos seres humanos aos olhos de Deus. Em Mateus 6.26, Ele declara: *“Porventura, não valeis vós mais do que as aves?”* É a imagem de Deus em nós que nos dá esse valor maior.

2. Considere a atitude de Jesus para com as pessoas

Ele não desprezou ninguém e a ninguém rejeitou. Ele foi cortês com as mulheres em público. Convidou as crianças para que fossem a Ele. Foi paciente com os pecadores e marginalizados. Enfim, Jesus reconheceu o valor da humanidade e a amou.

3. Considere a missão e morte de Jesus pelos seres humanos

Quando olhamos para a cruz, vemos o verdadeiro valor dos seres humanos. Como expressou William Temple: “o meu valor é o que valho para Deus; e esse é grande e maravilhoso, pois Cristo morreu por mim”.

Até aqui, vimos que a cruz de Cristo é tanto uma prova do valor do ser humano quanto um incentivo a negá-lo. Mas como é possível valorizar e negar a nós mesmos ao mesmo tempo? Novamente Stott explica: “O que somos é, em parte, resultado da Criação (a imagem de Deus) e, em parte, resultado da Queda (a imagem estragada). O ego que devemos negar, rejeitar e crucificar é o caído, tudo o que dentro de nós for incompatível com Jesus Cristo. O ego que devemos afirmar e valorizar é o criado, tudo o que em nós for compatível com Jesus Cristo”.

O quadro a seguir ilustra exatamente o que o cristão deve afirmar ou negar.

AFIRMAR	NEGAR
A racionalidade	A irracionalidade
O senso de obrigação moral	A perversidade moral
A sexualidade	O obscurecimento das distinções sexuais
A vida familiar	O egoísmo que deturpa a vida familiar
Os dons de apreciação estética e criatividade artística	A recusa em desenvolver os dons de Deus e a fascinação pelo feio
A mordomia dos frutos da terra	A poluição e dano que causamos ao ambiente
A fome de amor e experiência de comunidade	A atitude antissocial que inibe a comunhão
A consciência da majestade divina	A autonomia orgulhosa
O impulso inato para prostrar-se e adorar a Deus	A recusa idólatra em adorar o Deus vivo

Entregue aos alunos uma pequena folha de papel, dizendo-lhes que você dará dois segundos para que escrevam o que se pede.

O que posso sacrificar para melhor
servir ao meu Senhor?

Diga que este é um momento de reflexão em que eles devem pensar que Jesus sacrificou a própria vida.

III. Amor autossacrificial

Até aqui, falou-se somente da decadência, no que ela precisa ser negada. Mas Deus nos chama também para que sacrifiquemos a nós mesmos em coisas que, embora em si mesmas não sejam erradas, nem possam ser atribuídas à queda, entretanto, impedem que façamos a vontade de Deus de forma plena. Nós, os cristãos, temos mais a negar do que apenas o pecado. É por isso que Jesus, cuja humanidade foi perfeita e não caída, ainda teve de negar-Se a Si mesmo (Fp 2.5-11). O mesmo princípio é aplicável aos Seus seguidores.

1. O exemplo de Cristo deve afetar nossa atitude (Jo 15.13; 1Co 8.11; 10.24; 2Co 8.9).
2. O apóstolo Paulo se identificou plenamente com o Senhor Jesus (1Co 9.6-18; 2Co 6.4-10; 11.7,23-28).

Que tipos de sacrifícios se espera de Seus servos hoje? Pode ser da vida de casado (1Co 9.5); da segurança de um bom emprego; de uma promoção profissional; da convivência com os familiares; de um lar confortável, para viver nas áreas mais pobres das cidades entre destituídos e famintos.

aplicação

Onde estão os cristãos dispostos a colocar o serviço acima do conforto e da vida fácil? Onde está o espírito desinteressado, o senso de servo? A insistência na segurança física e conforto pessoal é incompatível com o caminho da cruz.

Promova outro momento de reflexão, entregando aos alunos mais uma pequena folha de papel que deverá ser igualmente por eles preenchida.

Que marcas devo deixar,
como cristão?

Em meu lar _____

Em minha igreja _____

No mundo _____

Conclua mostrando que quando uma pessoa é atingida pela mensagem da cruz, é impossível que ela não deixe marcas no mundo.

IV. Esferas de serviço

Considerando-se que a comunidade de Cristo é uma comunidade da cruz, portanto, marcada pelo sacrifício, serviço e sofrimento, isso se refletirá em todas as esferas da nossa vida.

1. No lar

A cruz deve marcar nosso relacionamento no lar (Ef 5.25-29). O marido deve amar a mulher com o mesmo amor que Cristo demonstrou pela igreja. A mulher deve reconhecer a “chefia” que Deus deu ao marido e submeter-se a ele. Mas a qualidade do amor autodoador exigido do marido é ainda mais difícil – amar a ponto de dar sua vida pela esposa.

- a. O amor é autossacrificial - *“a si mesmo se entregou por ela”* (v.25).
- b. O amor é construtivo - *“para que a santificasse ... para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa”* (v.26-27).
- c. O amor é protetor e cuidador - *“os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo... como também Cristo o faz com a igreja”* (v.28-29).

aplicação

Os lares só podem ter estabilidade e solidez se forem marcados pela cruz.

2. Na igreja

Os crentes devem amar uns aos outros. Esse amor sempre se expressa em altruísmo, olhando para os interesses dos outros. Essa foi a atitude de Cristo. Lembremos que nosso companheiro cristão é “irmão” por quem Cristo morreu, e assim jamais desprezaremos seu bem-estar e sempre procuraremos servi-lo.

3. No mundo

Lembremos que, assim como Cristo foi enviado ao mundo, Ele também nos envia a nós. A essência do amor verdadeiro é ação prática em favor do próximo. O amor alimenta os famintos, abriga os desamparados, ajuda os destituídos, oferece companhia aos solitários, conforta os tristes (1Jo 3.16-18).

Conclusão

O que se pode concluir de tudo isso é que a cruz de Cristo é tanto uma chamada para a autonegação quanto para a autoafirmação, porém muito mais ainda ela é um incentivo ao serviço de amor. A maneira como Cristo aceitou voluntariamente a morte, e morte para a pior espécie de criminoso, é um poderoso motivador para que tenhamos o mesmo sentimento e atitude (Fp 2.5-8).

Sugestão Final

Divida a classe em dois grupos.

Grupo 1

Vai dizer o que é autonegação e que atitudes devem ser negadas pelo crente.

Grupo 2

Vai dizer o que é autoafirmação e que atitudes do crente mostram sua autovalorização.

Entregue a cada aluno o recorte de uma cruz em que esteja escrito: Que posso fazer para servir a Cristo como servo que tem se autonegado e como servo que se autoafirma?

Explique que essa cruz deve estar ao alcance deles, para que sempre estejam alertas a essa mensagem.

13

Amando nossos inimigos

texto básico	2Pedro 1.19-21
versículo-chave	Hebreus 11.39-40

“Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de conhecer as formas como Deus preparou a história do homem no Antigo Testamento para a obra da cruz.

leia a Bíblia diariamente

seg	Mt 5.3,21-24
ter	Mt 18.15-17
qua	Lc 17.3-4
qui	Hb 12.5-8
sex	Rm 12.3-8
sáb	Rm 13.8-10
dom	Gl 6.1-3

	O aluno será capaz de
saber	aprender que não é impossível amar os inimigos;
sentir	amar, de forma bíblica, os inimigos;
agir	fazer o bem sem esperar retribuição.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Faça um cartaz com algumas marcas conhecidas.



Comente que a marca que identifica uma empresa ou um produto é um de seus bens mais valiosos. Faça um pequeno teste com a classe. Você dirá o nome de um artigo e eles dirão imediatamente uma marca, como por exemplo: sabonete, detergente, açúcar, arroz, macarrão, gasolina, etc. Mostre a seus alunos como as pessoas prestam atenção nas marcas dos produtos que consomem. Destaque isso como próprio do sistema capitalista que coloca seus produtos no mercado e quer vendê-los de qualquer maneira.

Ao final desse momento de descontração, coloque no quadro um pequeno cartaz com a pergunta.

Qual a marca do cristão

Deixe que comentem por um instante. Seria interessante que você fosse colocando no quadro as ideias dadas por eles. Ao final, diga-lhes que a fórmula da marca do cristão foi dada por Jesus em Mateus 5.47. Escreva o texto no quadro e peça que todos façam a leitura, em conjunto.

“E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?”

Conclua: A marca do cristão é amar até mesmo os inimigos. Diga que esse é o tema central do estudo.

Amando os inimigos. Neste tema, encontramos uma das maiores e mais gloriosas verdades que podem emanar da mensagem da cruz. Trata-se do mais exaltado ensinamento que alguém pode encontrar no Novo Testamento. É neste detalhe, mais do que em nenhum outro, que se evidencia se somos discípulos de Jesus. A lição é que, quando você e eu nos defrontamos com pessoas que nos assediam e nos odeiam, devemos comportar-nos como Jesus Se comportaria, ser semelhantes a Ele, tratar as outras pessoas como Ele mesmo as trata. Amar os inimigos é uma qualidade sem igual, que nos distingue de todo aquele que não é crente. Em Mateus 5.47, Jesus diz: *“E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?”*

O crente é aquela pessoa que vai além e faz muito mais do que o homem natural é capaz de fazer. É como diz Martin Lloyd-Jones: “O crente é alguém separado de todos os demais, não somente dos piores dentre eles, mas até dos melhores e mais excelentes”. É aquele que demonstra amor até pelos inimigos, fazendo o bem aos que o odeiam e orando por aqueles que dele abusam e o perseguem. Do crente se espera nada menos que a semelhança a Jesus.

O descrente, na melhor das hipóteses, consegue se conter passivamente, a fim de não devolver o insulto e retaliar. Ele ignora o que está sucedendo ou afasta-se das pessoas que o tratam mal. O homem natural não é capaz de amar seu inimigo. O crente, porém, vai além. Ele não apenas resiste passivamente, mas ama positivamente o seu inimigo e abençoa aquele que o amaldiçoa. Jesus disse que é nisso que Se conhece quem são os Seus discípulos (Jo 13.35).

O ensinamento de amar os inimigos não é algo simples de se entender. Essa questão tem causado confusão na mente de muitos crentes. O próprio apóstolo Pedro, perplexo, perguntou: “até quantas vezes devo perdoar?” Porém, quando nos aproximamos da cruz e entendemos sua mensagem, nosso coração é iluminado. Vejamos como a revelação de Deus na cruz, nos ajuda a lidar com o mal e as agressões sofridas.

Orientação Didática

Comece mostrando que o amor está ligado ao perdão. Não há como amar o agressor sem que tenha havido o perdão.

Apresente um cartaz, conforme sugerido a seguir, dizendo que cada parte representará uma área da vida. Coloque apenas os títulos. O restante vai sendo escrito conforme a classe for respondendo a questão após o cartaz.

VIDA SOCIAL
1. Havendo problemas com alguém, se eu for o culpado, devo me humilhar e pedir perdão. 2. Se o outro for culpado, devo repreendê-lo, conforme Lucas 17.3.
VIDA FAMILIAR
1. Como pai, devo aplicar a disciplina, conforme a Bíblia ensina. 2. Como pai, devo agir de acordo com o padrão bíblico.
VIDA NA IGREJA

1. Devo procurar meu irmão, se houver ofensas.
2. Devo chamar pessoas para ajudar na reconciliação.
3. Se não resolver o problema, devo levar o assunto à igreja.

- Como se pode resolver a questão do perdão ao ofensor, nessas três áreas da vida? Você pode seguir o texto do aluno para obter a resposta. Antes, porém, procure obtê-la dos alunos. Vá preenchendo o quadro, que deverá ficar completo (como está aqui) depois das respostas dadas.

I. A reconciliação e a disciplina

Uma das lições centrais apresentadas pela cruz é que o perdão concedido por Deus jamais é um perdão barato, mas sempre custoso. Todo o trabalho de reconciliação entre Deus e o homem exhibe tanto amor quanto justiça. Ali, misericórdia e severidade estão de mãos dadas. Na cruz, Deus está, ao mesmo tempo, salvando e punindo. O evangelho ensina que a graça teve um alto custo. Quando Deus perdoa os pecados, eles não ficam impunes, foram pagos por Cristo na cruz. Consideremos de que forma esse princípio funcionará nas diversas áreas da vida.

1. Na vida social

Embora não tenhamos o direito de negar o perdão, nem de fazer vingança, não nos é permitido desvalorizá-lo, oferecendo-o prematuramente onde não houve arrependimento genuíno. O ensino bíblico é este: “*Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o*” e só então “*se ele se arrepender, perdoa-lhe*” (Lc 17.3). Mas note que o perdão sempre requer alguma forma de pagamento e sofrimento.

- a. Se a culpa for nossa, haverá a humilhação do pedido de perdão.
- b. Se formos vítima da ofensa, talvez tenhamos de suportar o embaraço de reprovar ou repreender a outra pessoa, e até perder a amizade.

2. Na vida familiar

“Os pais hão de querer que sua atitude para com os filhos seja marcada pela cruz. Devem amá-los, mas esse não é amor mole e sem princípios, que estraga as crianças, mas “amor-santo”, que procura seu bem-estar maior não importando o custo” -Stott.

- a. A cruz dá aos pais o direito de aplicar a disciplina (Hb 12.5-8).
- b. A cruz modela o papel dos pais à paternidade divina. Ao mesmo

tempo que o pai se enraivece contra o mal, ele disciplina com amor.

3. Na vida da igreja

“A igreja hoje tem a tendência de oscilar entre severidade extrema, que excomunga os membros por ofensas triviais, e a frouxidão extrema, que jamais admoesta os ofensores” - Stott.

Em Mateus 18.15-17, Jesus determinou um procedimento que se desenvolve através de fases:

- a. confrontação pessoal: “entre ti e ele só” (v.15); “se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão” (v.15);
- b. confrontação com testemunhas: a fim de estabelecer a repreensão (v.16);
- c. confrontação com igreja: para que a pessoa possa ter uma terceira oportunidade de se arrepender. Caso se recuse a ouvir, deve ser excomungada (v.17).

Note-se que, de acordo com Gálatas 6.1-2; 1Timóteo 1.20 e 1Coríntios 5.5, a disciplina tem um propósito positivo.

Diga que essas devem ser as atitudes do cristão perante uma ofensa.

- Que atitudes o cristão deve ter diante do mal? Propicie a participação de todos, apresentando um pequeno cartaz (só com o título) que você vai preencher, anotando as respostas.

ATITUDES DO CRISTÃO PARA COM O MAL

1. Odiar o mal, porque o mal é pecado.
2. Não tomar a atitude da vingança.
3. Aplicar a receita de Jesus, vencendo o mal com o bem.
4. Buscar a punição do mal através da ação da justiça.

Faça as perguntas a seguir (as respostas, entre parênteses, são para ajudá-lo, professor.)

- Por que o mal deve ser odiado e rejeitado, completamente? (Porque ele é pecado.)
- Por que o crente não deve se vingar? (Para não piorar o mundo e porque a Bíblia diz que a vingança a Deus pertence, conforme está escrito na carta aos Hebreus.)
- Por que o crente deve perdoar e não usar o mal contra o mal? (Porque o mal somente será vencido pelo bem. Pagar o mal com o mal vai aumentar o problema.)
- Por que (caso haja necessidade) o crente deve recorrer à justiça divina e à justiça dos homens para punir o mal? (Porque a lei de Deus e a lei dos homens existem para punir

o mal e corrigir o que está errado.)

II. Atitudes cristãs para com o mal

Abençoar os que nos perseguem e fazer o bem aos nossos inimigos são os mandamentos bíblicos. Mas como devemos reagir às ofensas de nossos inimigos? De especial instrução, são as quatro considerações que Paulo faz a respeito do mal em Romanos 12.9-21.

1. Odiar o mal

(Rm 12.9)

O cristão jamais finge que o mal é sem importância, nem o justifica. Ele o chama de pecado e odeia o mal. Deus odeia o mal, porque Ele é santo, e nós também devemos odiá-lo. Porém, ao odiar o mal, Deus não nos odeia com ele.

2. Não devemos tornar a ninguém mal por mal

(Rm 12.17,19)

O povo de Deus está totalmente proibido de fazer vingança. Na cruz, Jesus exemplificou com perfeição o Seu próprio ensino (1Pe 2.23). Ao retribuirmos o mal, tornamos pior o mundo em que vivemos.

3. Devemos vencer o mal

(Rm 12.21)

Como fazer isso? A receita de Jesus é esta: Fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem; orai pelos que vos caluniam (Mt 5.44). Agora, Paulo: “*Abençoai aos que vos perseguem*” (Rm 12.14) e “*Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer*” (Rm 12.20).

4. O mal deve ser punido

(Rm 2.9)

Se estamos proibidos de vingar o mal, quem pode fazê-lo? A maneira de resolver o problema é a seguinte: individualmente, estamos proibidos de fazer vingança, porém podemos acionar a justiça. É preciso distinguir vingança individual

(esta Deus proíbe) de vingança judicial (esta Deus aprova). A vingança judicial é aquela feita pelas mãos de Deus (Na 1.2) ou dos magistrados instituídos pelo Estado.

Chame à frente cinco ou seis alunos e realize uma pequena enquete com eles, dirigindo uma pergunta a cada um.

- Como entender que toda a autoridade é constituída por Deus, quando tantas delas são arbitrárias e fazem o que é contrário ao que Deus ensina?
- Esta afirmação de Paulo aos romanos é suficiente para justificar a arbitrariedade?
- Qual a diferença entre a força do Estado e a violência, no combate ao mal?
- Como o crente deve encarar o uso de armas atômicas, biológicas e químicas?
- O que deve ser feito com a pessoa que é surpreendida em delito e reconhecidamente uma malfetora?
- Como deve agir um crente que é delegado de polícia ou comandante das forças armadas?

Deixe que os alunos que vieram à frente respondam às perguntas livremente, conforme o pensamento deles. Certamente será um momento muito interessante. Se outros quiserem participar, permita que isso aconteça.

III. A autoridade do estado

Como o cristão deve ver o Estado e sua autoridade? Paulo responde, em Romanos 13, que o Estado é ministro de Deus, e seu propósito é punir o mal e promover o bem. Ora, para cumprir esse propósito o Estado pode usar a força, tanto contra o agressor que ameaça de fora (guerra), quanto contra o agressor de dentro (criminoso). Porém, Romanos 13 não pode ser usado como desculpa para exercer governo arbitrário ou exagerar na força. É preciso distinguir entre violência (o uso do poder sem controle e sem princípios) e força (seu uso controlado para punir o malfetor). Portanto, controle rigoroso deve ser exercido pelo Estado na aplicação da força.

1. Restrição

A força deve ser exercida como último recurso se esgotadas todas as outras opções.

2. Discriminação e controle

A Bíblia expressa horror para com o derramamento do sangue inocente. Isso torna ilegal o uso de armas atômicas, biológicas e químicas, e todo uso

indiscriminado de armas convencionais (por exemplo, bombardeio de civis). Esses são usos profundamente ofensivos à consciência cristã. A ação da força requer, pois, alto grau de discernimento, de modo que somente o mal seja punido e não os inocentes.

3. Proporção

O sofrimento causado deve ser menor do que o que está sendo suportado.

4. Confiança

O Estado deve oferecer uma expectativa razoável de êxito na punição dos culpados.

O uso que o Estado faz da força, em caso de guerra, deve ser, com igual cuidado, aplicada aos criminosos. Deve ser usada força suficiente para mantê-los sob custódia, levá-los à justiça e, após sentenciados, obrigá-los a sofrer o castigo.

IV. Vencendo o mal com o bem

Como pode o mal ser ao mesmo tempo “*vencido*” (Rm 12.21) e “*punido*” (Rm 13.4)? Novamente a cruz é a resposta. Cristo, na cruz, não venceu o mal recusando-Se a puni-lo, mas aceitando Ele mesmo o castigo. Na cruz, o mal humano foi punido e vencido. Daí derivam-se dois princípios para a prática da justiça cristã.

1. O retributivo

O malfeitor deve ser punido. O cristão reconhece a realidade do mal, do erro, da injustiça, e procura puni-lo com equidade.

2. O reformativo

Deve-se tentar reabilitar o malfeitor. O cristão condena a culpa, mas não o malfeitor; e reage ao pecado de modo a remodelar o futuro à luz do erro, da maneira mais criativa possível.

Conclusão

Nestes tempos de guerras, rumores de guerras e tanta violência urbana, que a cruz seja a nossa resposta aos malfeitores de hoje!

Sugestão Final

- Diante de um agressor, qual a resposta bíblica que você daria a ele?
- Diante do malfeitor social, um ladrão ou assassino, que mensagem bíblica você daria a ele?
- Diante de uma autoridade, que mensagem bíblica você daria a ela?

É importante destacar que toda a mensagem deve girar em torno do amor e do cuidado de Deus para com a pessoa, seja qual for a circunstância em que ela se encontrar.

Entregue uma pequena ficha de autoavaliação, conforme o modelo que segue (reproduza-o de maneira que haja espaço para que os alunos possam escrever).

AUTOAVALIAÇÃO

1. Há alguém que me ofendeu e que ainda não consegui perdoar?

Sim () Não ()

2. Que devo fazer para resolver esse problema?

3. Tenho tido cuidado de pedir perdão quando sei que ofendi alguém?

Sim () Não ()

4. Qual tem sido a minha conduta diante do mal?

5. Que tenho feito em relação às autoridades constituídas do meu país?

a) Tenho orado em seu favor? () Sim () Não

b) Tenho falado contra elas? () Sim () Não

c) Tenho me pronunciado em sua defesa? () Sim () Não

d) Tenho entregue as autoridades diariamente nas mãos do Senhor?

() Sim () Não

14

Sufrimento e glória

texto básico	1Pedro 2.20-25
versículo-chave	1Pedro 2.21

“Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de entender o sofrimento à luz da Bíblia.

leia a Bíblia diariamente

seg	Sl 32.3-7
ter	Jo 9.1-5
qua	Hb 12.3-7
qui	Tg 1.2-4
sex	Rm 5.1-6
sáb	Hb 2.5-10
dom	Sl 22.19-28

	O aluno será capaz de
saber	entender o sofrimento à luz da Bíblia;
sentir	desejar seguir os passos de Jesus;
agir	não cobrar de Deus vida sem sofrimento, mas permanecer firme na fé, apesar do sofrimento.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Coloque no quadro um grande cartaz que você pode fazer em papel pardo, transparência para retroprojektor ou *slides*, conforme sua disponibilidade, com algumas questões que deverão ser comentadas e discutidas pelos alunos.

QUEM SOFRE MAIS

1. A criança que perde seus pais na infância?
2. O adolescente que perde sua mãe?
3. Os pais que veem um filho nas drogas?
4. Uma esposa cujo marido é sequestrado e morto?
5. Pais cujo filho é vítima de uma chacina?
6. Filhos que veem a mãe morrendo aos poucos, vítima de um câncer devastador?
7. Pais que veem seu filho vítima da AIDS?
8. Jovem que vê seu noivo sendo assassinado por bandidos?
9. Filhos que perdem seu pai na guerra?
10. Mãe que vê seu filho morrendo de fome?

A essas questões você poderá acrescentar outras, inclusive que tenham relação com fatos acontecidos durante a semana do estudo. Depois que os alunos derem opiniões, diga-lhes que Jesus falou para Seus discípulos que todos passariam por aflições neste mundo. Fale que o estudo se refere à promessa de Jesus de que todos os crentes terão aflições, mas serão vitoriosos.

“**N**ão sofra mais... pare de sofrer!” Isso é o que ensina um número cada vez maior de pregadores em nossos dias. A Bíblia, porém, não se cansa de avisar que os piedosos em Cristo também sofrerão neste mundo. Então, não importa o que se diz por aí, pois a palavra de Deus diz o contrário. O próprio Cristo já havia avisado: “*No mundo tereis aflições*” (Jo 16.33 ARC). Essa mensagem também era importante no ministério de Paulo, que ia pelas igrejas “*fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus*” (At 14.22). Quem disse que não é da vontade de Deus que sofram? Lembremo-nos do que Pedro escreveu: “*Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem*” (1Pe 4.19). Note-se, portanto, que nem Cristo, nem os apóstolos jamais pregaram o tipo de evangelho indolor da felicidade plena que está sendo pregado hoje.

Deus nunca prometeu liberdade temporal do sofrimento. Pelo contrário, Ele nos adverte, quase que em todas as páginas das Escrituras, a que estejamos preparados para o sofrimento. Como disse Edward Welsh:

“Embora possa parecer difícil, o evangelho não elimina o sofrimento presente. A Bíblia não fornece uma tecnologia para remover o sofrimento, mas nos ensina a viver em meio a ele”. Como, pois, a Bíblia nos ajuda a enfrentar o sofrimento? A seguir, trabalharemos o assunto por meio de dois ângulos. Apresentaremos algumas declarações bíblicas acerca do sofrimento e, logo após, veremos como ele foi tratado na cruz.

Orientação Didática

Divida a classe em grupos de quatro alunos. Explique que o estudo será discutido por todos. Diga-lhes que você apresentará uma questão a ser discutida ou uma pergunta a ser respondida e que cada grupo terá quatro minutos para resolvê-la (consultando a revista). Logo após, os grupos apresentarão suas conclusões. Assim será feito, sucessivamente, até que todo o conteúdo tenha sido estudado. Controle bem o tempo da discussão e da apresentação, a fim de que todas as questões sejam tratadas.

Questão 1 – Por que o homem sofre? Quais as reais razões do sofrimento do homem? Há como evitar o sofrimento?

Após discussão e apresentação das respostas, faça os seguintes comentários:

- o homem sofre em consequência do pecado que praticou;
- é impossível evitar o sofrimento porque, apesar do perdão dos pecados, o homem sofre as consequências do pecado;
- na eternidade, a dor será removida, e o sofrimento passará.

Questão 2 – Quem é o culpado de nosso sofrimento? Adão, o primeiro homem a desobedecer? Satanás, o tentador? Deus que quer nos testar?

Depois do tempo estipulado para discussão e da apresentação dos resultados, conclua mostrando que:

- não devemos responsabilizar ninguém por nosso sofrimento. Cada um deve cuidar de si e de seus próprios pecados;
- há um propósito no sofrimento - a manifestação da glória de Deus, conforme João 9.3 e 11.4.

Questão 3 – Que relação existe entre o sofrimento de Cristo e o nosso? Como a cruz pode falar de nossa dor?

Após o momento dado aos grupos, fale:

- a cruz diz que não há sofrimento maior do que um inocente ser sacrificado por pecadores;
- o sofrimento de Cristo nos ensina que, em momentos de dor, o crente deve ter paciência e clamar ao Senhor Deus para que tenha condições de suportá-la;
- o sofrimento pode ser visto pelo cristão como um instrumento de seu amadurecimento.

Questão 4 – “A cruz de Cristo é o símbolo do serviço sofredor” e é um sinal de esperança. Como isto pode ser entendido?

Após a atividade dos grupos, conclua esta questão falando que:

- o sofrimento está ligado ao serviço. Jesus sofreu em razão de Sua missão;
- o servo que fala de Cristo está sujeito a sofrimentos;
- o sofrimento se torna suportável quando pensamos na glória futura ao lado de Deus.

Questão 5 - Diante do sofrimento, qual a atitude mais provável de uma pessoa? Sentir

pena de si mesma ou reagir? É possível ser racional no sofrimento?

Depois das apresentações dos grupos, comente:

- no sofrimento, frequentemente as pessoas tendem a perder a racionalidade;
- o sofrimento pode ser um meio pelo qual as pessoas busquem as maravilhas do Senhor, através da fé e da esperança;
- através do sofrimento, as pessoas podem lembrar que, por maior que seja o seu sofrimento, o de Jesus por nós foi muito maior.

I. O sofrimento humano

Eis algumas declarações bíblicas sobre a dor e o sofrimento humano.

1. O sofrimento não é o real problema do homem

Precisamos corrigir este conceito de um homem sofredor para um homem mau e pecador. Antes de ser um sofredor, o homem é um pecador. Seu sofrimento é consequência desse fato. A dor humana é, antes de mais nada, inimidade com Deus. O problema do coração humano não é que ele é necessitado e vazio, mas *“enganoso mais do que todas as coisas”*

(Jr 17.9). A prioridade do homem, pois, não é se ver livre do sofrimento, mas ser nova criatura. Antes de se libertar do sofrimento, ele precisa aprender a ser fiel e obediente, e a ter um coração ardente por Deus. Por isso, a prioridade de Deus não é nos poupar do sofrimento, mas restaurar a imagem de Deus em nós (Rm 8.29; 1Co 15.49; 2Pe 1.4).

2. A dor e o sofrimento: intrusos no universo de Deus

A dor e o sofrimento são intrusos no universo de Deus, e um dia eles serão abolidos definitivamente. O mal entrou no mundo por causa do pecado do homem. A dor é agora uma parte permanente de nossa existência aqui na terra, devido à maldição de Deus sobre o pecado, mas um dia ela será removida (Rm 5.12-20).

3. O nosso sofrimento pessoal pode ter diferentes causas

- a. **Outras pessoas** – Às vezes, nosso sofrimento pode ser culpa de outros. É o marido que abandona a mulher, a mulher que ofende o marido; um motorista bêbado que mata uma criança; um homem

que estupra uma moça. Alguns perguntam: Por que Deus permitiu isso? Mas a resposta é: “Foi o marido, ou pai, ou o assassino, foi o pecado deles”.

- b. **Eu mesmo** – Eu sofro porque pequei. Perdi o amor dos meus filhos, porque os provoquei. Estou doente, por causa dos meus vícios, da minha ira, da minha inveja, da minha ambição sem limites (1Co 11.30; Jo 15.14; Lc 1.20; Sl 32.3-5; 38.1-8).
- c. **Adão** – Romanos 5.12 ensina que fomos culpados em Adão, por isso perdemos pessoas queridas pela morte, temos de trabalhar arduamente e somos tão injustos e maus uns com os outros.
- d. **Satanás** – 1Pedro 5.8 diz que o sofrimento pode vir dele. Jesus disse que ele é homicida (Jo 8.44); que ele aflige as pessoas com doenças (Lc 13.16; 4.35,39; 2Co 12.7; At 10.38). Além disso, faz acusações e promove divisões na igreja de Cristo.
- e. **Deus** – Parece que Noemi cria que Deus era o responsável para o seu sofrimento (Rt 1.20), e até certo ponto ela estava certa, pois havia um plano sendo executado. Veja 1Pedro 4.19.

Tudo isso nos ensina a não reduzir o sofrimento a uma única causa.

4. O sofrimento tem uma razão de ser

É como diz Stott: “Sempre tem havido aqueles que insistem em que o sofrimento é sem sentido, e que não podemos detectar absolutamente nenhum propósito nele... Mas os cristãos não podem seguir por este beco sem saída. Pois Jesus mencionou o sofrimento como sendo tanto para a ‘glória de Deus’, como ‘para que se manifestem nele as obras de Deus’ (Jo 11.4 e 9.3)”.

O propósito de Deus para o sofrimento é o bem. O bem não inclui necessariamente um cessar imediato da dor; o bem maior é conformar-nos à imagem de Cristo (Rm 5.3-5).

II. A solução oferecida na cruz

Nosso objetivo agora é expressar a relação que possa existir entre a cruz de Cristo e os nossos sofrimentos. O que será exposto a seguir é um resumo do argumento de Stott, que, ao falar sobre a revelação da glória de Deus na cruz de Cristo, pergunta: “Qual é, pois, o relacionamento entre o sofrimento de Cristo e o nosso? Como é que a cruz nos fala da nossa dor?” Ele mesmo sugere, com base nas Escrituras, seis possíveis respostas a essa questão.

1. Perseverança paciente

Primeiro, a cruz é um estímulo à perseverança paciente. Embora tenhamos de reconhecer o sofrimento como mal e, portanto, resistir a ele, chega um momento em que ele tem de ser aceito realisticamente (1Pe 2.18-23; Hb 12.1-3). Cristãos de todas as gerações, ao contemplarem os sofrimentos de Cristo, os quais culminaram na cruz, têm obtido a inspiração para suportar com paciência a dor não merecida, sem reclamar nem revidar.

2. Santidade madura

A cruz de Cristo é o caminho da santidade madura. As Escrituras desenvolvem três imagens gráficas a fim de exemplificar como Deus usa o sofrimento em relação ao Seu propósito de nos tornar santos.

- a. O pai que corrige o filho (Dt 8.5; Hb 12.5-11; Ap 3.19)
- b. O ourives que refina o ouro (Sl 66.10; Is 48.10; 1Pe 1.6-7)
- c. O lavrador que poda a vinha (Jo 15.1-8; Is 5.1-7; Gl 5.22-23)

Não podemos hesitar em dizer, portanto, que Deus pretende que o sofrimento seja um “*meio da graça*” (veja o Sl 119.67).

3. O serviço sofredor

A cruz de Cristo é o símbolo do serviço sofredor. Em Isaías 53, percebemos o elo entre sofrimento e serviço. Para a igreja, portanto, como para o Salvador, sofrimento e serviço vão lado a lado (Jo 12.23-26,32-33). Jesus ensinou, pelo Seu próprio exemplo, que a semente deve morrer para que possa multiplicar-se. Essa deve ser uma realidade também para nossa vida. Paulo é o exemplo mais notável desse princípio (Ef 3.1,13; Cl 1.24; 2Tm 2.8-10). O ensino aqui é que o servo, se quiser levar a luz às nações, deve sofrer, como a semente, a fim de se multiplicar, deve morrer.

4. Esperança e glória

A cruz de Cristo é a esperança da glória final (Hb 12.2). É, pois, a esperança da glória que torna o sofrimento suportável. É nessa visão que *“nos gloriamos nas próprias tribulações”*, porque *“gloriamo-nos na esperança da glória de Deus”* (Rm 5.2-3).

5. A fé e o livro de Jó

A cruz é o fundamento de uma fé racional. Quando a calamidade nos atinge, como podemos agir com racionalidade? A melhor resposta a essa questão é a providenciada pelo livro de Jó. Lá, percebe-se que a atitude de Jó é uma mescla de autocomiseração e autoafirmação. Ele se defendeu, teve pena de si mesmo, afirmou a si mesmo e acusou a Deus. Mas no capítulo 42.5-6, ele muda de atitude. O que foi que ele “viu” que o converteu da autoafirmação à autoentrega?

- a. Jó foi convidado a examinar de novo a criação e vislumbrar a glória do Criador. O que Deus lhe deu foi uma extensa introdução às maravilhas da natureza e, por meio dela, uma revelação do Seu gênio Criador, que silenciou as acusações de Jó e o levou a humilhar a si mesmo, arrepender-se da sua rebeldia e confiar novamente em Deus.
- b. A cruz não soluciona o problema do sofrimento, mas supre a perspectiva essencial da qual podemos examiná-lo. Visto que Deus demonstrou Seu santo amor e justiça amorosa num evento histórico (a cruz), nenhum outro acontecimento na trajetória da humanidade pode superar ou desaprovar esse evento.

6. A dor de Deus

O sexto modo é o mais importante da série. A cruz de Cristo é a prova do amor solidário de Deus, isto é, de Sua empatia pessoal e amorosa conosco na dor. Pois o verdadeiro aguilhão do sofrimento não é o infortúnio em si, nem mesmo a dor ou a injustiça, mas o aparente abandono de Deus. A dor é suportável, mas a aparente indiferença de Deus não é. Não devemos vê-Lo indiferente diante de todo sofrimento no mundo, mas devemos vê-Lo numa cruz. A dor de Deus foi revelada de modo supremo na cruz. Verdadeiramente Seu nome é Emanuel “Deus conosco” (Is 63.9; At 9.4; Mt

26.67-68).

Na cruz de Jesus, o próprio Deus está crucificado. O Pai sofre a morte do Filho e toma a Si mesmo a dor e o sofrimento da história.

Conclusão

Terminamos citando o testemunho desse grande servo de Deus numa das suas mais profundas declarações:

“Eu mesmo jamais poderia crer em Deus se não fosse a Cruz. No mundo real da dor, como se pode adorar um Deus que seja imune a ela? Ele deixou de lado a Sua imunidade à dor. Ele entrou em nosso mundo de carne e sangue, lágrimas e morte. Ele sofreu por nós. Nossos sofrimentos tornaram-se mais manejáveis à luz dos Seus” - Stott.

Sugestão Final

Chame à frente quatro alunos. Apresente as perguntas sugeridas aos quatro.

- Por que sofreremos?
- Qual deve ser a atitude do crente diante do sofrimento?
- Vale a pena sofrer com a perspectiva da vida futura com Cristo?

Preste atenção para que as respostas deles estejam de acordo com o que foi discutido no estudo.

Termine o estudo lendo a declaração de Stott que está na conclusão do texto do aluno. Conclua mostrando que nenhum sofrimento poderá ser comparável ao de Jesus, por isso Ele nos garante a vitória diante das aflições.

15

A influência da cruz (1)

texto básico	Gálatas 2.17-21
versículo-chave	Gálatas 6.17

“Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de manter a cruz em todas as áreas do pensamento e da vida.

leia a Bíblia diariamente

seg	Gl 1.3-5
ter	Gl 2.19-21
qua	Gl 3.1-3
qui	Gl 3.10-14
sex	Gl 5.11; 6.12
sáb	Gl 5.24
dom	Gl 6.14

	O aluno será capaz de
saber	entender que a verdade da cruz deve estar presente em todas as áreas da vida;
sentir	almejar vida íntima com a cruz;
agir	identificar áreas na vida que podem ser alcançadas pela influência da cruz de Cristo.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Chame a atenção dos alunos, inicialmente, para o fato de que somos permanentemente influenciados pelos mais diversos fatores. Entregue-lhes uma pequena folha de papel com uma enquete que deverá ser respondida individualmente.

AS INFLUÊNCIAS DE MINHA VIDA

1. Qual a maior influência que recebi de minha mãe?
2. Qual a maior influência que recebi de meu pai?
3. Qual o professor de escola que mais me influenciou?
4. Qual o professor de EBD que mais me influenciou?
5. Que amigo no trabalho mais me influencia?
6. Qual a influência da igreja em minha vida?
7. Qual a influência da propaganda nos meus hábitos de consumo?

Peça que os alunos respondam com muita seriedade. Depois fale ou escreva no quadro: Influência é o poder ou ação que alguém exerce sobre outrem ou sobre certos fatos ou negócios.

Chame a atenção para o fato de que a influência de alguém sobre outrem é algo muito sério, podendo até eliminar a capacidade de raciocínio da pessoa influenciada. Diga-lhes que o cristão deve agir sob a influência da cruz de Cristo. Explique que este estudo está dividido em duas partes. A primeira parte será vista hoje.

Devemos louvar a Deus por pessoas como John Stott, por seu dom especial de uma exposição bíblica ao mesmo tempo tão profunda e acessível. Que grande privilégio será o de, nesta lição e na próxima, visitarmos a carta de Paulo aos Gálatas monitorados por tão hábil mestre das Escrituras!

Você já deve ter tido a experiência de comprar um computador, uma TV ou mesmo um aparelho de som para o carro e, por absoluta inabilidade, preguiça ou falta de interesse, não aproveitar da maioria dos recursos contidos naquela aquisição.

O mesmo pode se dar em relação ao cristão e à cruz de Cristo – porém, nesse caso, a perda é infinitamente mais grave. Um grande desperdício pode estar acontecendo agora mesmo com minha vida cristã, e talvez, quem sabe, com a sua. Esta foi a razão de Stott terminar seu livro (roteiro desta revista) com esta conclusão. Ele sabe muito bem que não podemos eliminar a cruz de nenhuma área de nosso pensamento e vida.

Creio ser muito bom guardar um resumo de tudo que já foi estudado nas quatorze primeiras lições.

Aproximando-se da cruz (Lições 1 a 4)

A vida cristã tem como ponto central a cruz de Cristo – uma história preparada por Deus desde o Antigo Testamento.

O coração da cruz (Lições 5 a 7)

Cristo morreu por determinação do Pai, pela vontade do Filho e por amor de nós. Jesus pagou um alto preço para conduzir-nos a Deus e para satisfazê-Lo, porém, para nós, a salvação é gratuita.

A realização da cruz (Lições 8 a 10)

Cristo é a maior e melhor revelação da glória, da justiça e do amor de Deus. Pela Sua cruz, Deus nos trouxe vitória e libertação do mal.

Vivendo sob a cruz (Lições 11 a 14)

Somente quando iluminados pela cruz podemos nos compreender a nós mesmos. Uma vez unidos em Cristo, temos novo relacionamento com Deus, o que modifica nossa reação ante os malfeitores.

aplicação

Há alguma área do seu pensamento ou vida em que a cruz de Cristo não tem causado seu efeito maravilhoso? Quais?

Temos, na carta de Paulo aos Gálatas (quem sabe a primeira a ser escrita), sete afirmações admiráveis acerca da morte de Cristo, e cada uma delas ilumina uma faceta diferente. Colocando-as juntas, obteremos uma compreensão espantosamente completa da influência penetrante da cruz. Estudaremos três dessas afirmações na lição de hoje e quatro na próxima. Vamos lá? Oremos antes do estudo.

Orientação Didática

Divida a classe em três grupos. Cada grupo receberá a tarefa de discutir um item do estudo, e ao final do tempo determinado por você os grupos apresentarão os resultados das discussões. É importante que você forneça ao líder do grupo o roteiro para discussão, a fim de que não se percam no conteúdo (devem consultar a revista).

Grupo 1 – A cruz e a salvação

- Jesus Se entregou voluntariamente para morrer em nosso lugar, cumprindo assim a vontade do Pai.
- Jesus não morreu por uma razão qualquer, mas pelos pecados da humanidade.
- Através da morte de Jesus, o homem foi resgatado.
- Através da morte de Jesus, o homem se reconcilia com Deus.

Grupo 2 – A cruz e a experiência

- Deus providenciou o cumprimento da lei em Cristo, a fim de que nós tivéssemos a garantia da vida eterna.
- Quando Cristo foi crucificado, todos os pecadores o foram com Ele.
- A partir da morte de Jesus, o homem passou a viver uma nova vida em Cristo, sob a influência da cruz.

Grupo 3 – A cruz e a pregação

- Quando o crente fala de Jesus para outra pessoa, ele está anunciando a mensagem que vem da cruz.
- A influência da cruz atravessou séculos e chegou até nós, hoje, alcançando-nos pela graça maravilhosa de Jesus.
- A mensagem da cruz é permanente, não é passageira, nem se destina a uma época específica da história.
- Falar da mensagem da cruz é testemunhar do que Cristo fez por nós.

Ao final do tempo determinado por você, reúna todos os alunos e peça que o representante de cada grupo apresente as conclusões a que chegaram. Encerre este momento falando que a conclusão deste estudo acontecerá no próximo encontro.

I. A cruz e a salvação

(Gl 1.3-5)

Leiamos o texto com atenção, pois esta saudação é uma declaração teológica cuidadosamente equilibrada acerca da cruz:

1. A morte de Jesus foi tanto voluntária quanto determinada

- Voluntária** – *“Ele se entregou a si mesmo pelos nossos pecados”* – livre e voluntariamente. Jesus dispôs Sua vontade a fim de fazer a vontade do Pai.
- Determinada** – *“Segundo a vontade de nosso Deus e Pai”* – Deus Pai propôs e desejou a morte de Seu Filho e a predisse nas Escrituras do Antigo Testamento.

2. A morte de Jesus foi pelos nossos pecados

O pecado e a morte (causa e efeito, conforme as Escrituras) são

relacionados sempre à mesma pessoa (quem peca, morre). Neste caso, embora os pecados fossem nossos, foi Cristo quem sofreu a pena por eles, na cruz.

- a. O propósito da morte de Jesus foi nos resgatar – Não há possibilidade de autossalvação, daí a necessidade de resgate. Jesus morreu a fim de nos salvar “deste mundo perverso”. Jesus inaugurou uma nova era e nos transportou a ela.
- b. O resultado presente da morte de Jesus é graça e paz.
 - **Graça:** favor livre e imerecido. Paulo exprime seu espanto de que os gálatas tão rapidamente tivessem desertado aquele que os tinha chamado “na graça de Cristo” (v.6). O chamado de Deus é o chamado da graça. O evangelho de Deus é o evangelho da graça.
 - **Paz:** reconciliação com Ele e de uns com os outros.
- c. O resultado eterno da morte de Jesus é que Deus será glorificado para sempre. A graça e a glória são parte da mesma sentença. A graça provém de Deus; a glória é devida a Ele.

aplicação

Há duas questões fundamentais aqui:

1. recebi a salvação paga pela cruz de Cristo?
2. comecei bem (pela graça mediante a fé) e me dispus a seguir (esforço próprio) pelo caminho da santificação?

II. A cruz e a experiência

(Gl 2.19-21)

1. Contexto

Paulo está ensinando que a função da lei é condenar, não justificar (v.16). Contando apenas com a lei, o meu fim se daria na minha merecida morte, mas Deus providenciou que Cristo levasse minha penalidade pela quebra da lei, desde que eu esteja unido a Ele (v.19-20).

2. Experiência

(Rm 6 e Gl 2)

Paulo aqui está falando do problema da heresia de antinomianismo, que diz que ninguém pode ser justificado mediante a observância da lei. Mas também ninguém está livre para quebrá-la (livre para pecar).

- a. O pecador morreu (v.5-6) – Está crucificado com Cristo. A verdade bíblica é bem simples: a parte de mim que estava ligada ao pecado morreu. De certa forma, “não devo saber mais pecar”.
- b. Mas está vivo para Deus (v.11). O “novo eu” (justificado e livre de condenação) deve viver do modo como Cristo vive. Essa segunda afirmação fala de uma “nova inclinação” recebida a partir da cruz de Cristo – que passa a ser nossa experiência. É como o gato que pode até se sujar aqui e acolá, mas sempre estará procurando a limpeza. O contrário se dá com o porco, que até poderá ser surpreendido numa condição de boa higiene, mas sua tendência será sempre a lama.

aplicação

Qual é a minha tendência (ou inclinação)? Pureza ou pecado? Com essa resposta, podemos avaliar a “autenticidade” do novo nascimento. Pelos frutos conhecemos a árvore.

III. A cruz e a pregação

(Gl 3.1-3)

Paulo lembra que até mesmo o apóstolo Pedro, assim como os gálatas, havia sido fascinado, em alguma medida, por abandonar a doutrina da justificação pela fé. Paulo implica que devem ter sido enfeitiçados, talvez pelo Arquienganador, embora sem dúvida pelos falsos mestres humanos. Nesse contexto, ele nos ensina sobre a pregação do evangelho:

1. Pregiar o evangelho é proclamar a cruz

Outros itens devem ser acrescentados: a ressurreição (1.1; 2.19-20), por exemplo. Mas o evangelho em essência são as boas-novas do Cristo crucificado.

2. Pregar o evangelho é proclamar visualmente a cruz

“Jesus Cristo exposto como crucificado” – no grego, a palavra exposto significa desenhado ou pintado para apresentação pública ante os olhos. Paulo compara sua pregação do evangelho a uma enorme pintura de um cartaz em que Cristo aparece na cruz. Uma das maiores artes ou dons da pregação do evangelho é transformar os ouvidos das pessoas em olhos, e fazê-las ver o que estamos falando.

3. Pregar o evangelho é proclamar visualmente a cruz como uma realidade presente

A carta aos Gálatas foi escrita, provavelmente, 15 anos após a cruz de Cristo. A maioria de seus leitores, senão todos, não tinham sido testemunhas oculares da cruz. O que Paulo fez foi trazer aquele evento do passado para o presente por meio da pregação, e é isso que devemos também fazer. O ministério da palavra e do sacramento tem este poder: vencer a barreira do tempo, tornando presentes os eventos da crucificação do passado, a fim de que as pessoas, vendo, possam reagir a eles: aceitando ou rejeitando.

4. Pregar o evangelho é proclamar visualmente a cruz como uma realidade presente e permanente

O termo “Cristo exposto como crucificado” não está no tempo verbal grego “*aoristo*”, mas no “perfeito”. A gramática, portanto, indica que Paulo estava dizendo que a crucificação tem poder e benefícios permanentes. A cruz jamais deixará de ser o poder da salvação de Deus para os que creem.

5. Pregar o evangelho é proclamar a cruz também como objeto de fé pessoal

Paulo expôs Cristo crucificado ante os olhos dos crentes da Galácia, não apenas para causar admiração, mas para persuadi-los a vir e colocar a confiança em Cristo como seu Salvador crucificado. E assim continuarem por toda a vida – o que eles *não* estavam fazendo.

aplicação

Temos anunciado aos perdidos a mensagem da cruz? Ou maquiamos tanto a nossa

evangelização que a cruz está “escondida”? Sem a cruz, a mensagem pode fazer a igreja crescer (ou inchar), mas não é o evangelho de Cristo.

Conclusão

A salvação (onde tudo começou), a experiência (o dia a dia) e a pregação (o ministério) estão bem claras na cruz de Cristo, que é a própria essência da fé cristã.

aplicação

Faça uma autoavaliação. Estou vivendo essa realidade ou será que estou me afastando da cruz de Cristo?

Vamos refletir mais sobre isso nesta semana, enquanto nos preparamos para a segunda parte da mesma lição.

Sugestão Final

Aos alunos do grupo 1, pergunte:

Quando falamos de Cristo a uma pessoa, que mensagem estamos anunciando?

Aos alunos do grupo 2, pergunte:

Qual a influência da cruz na nossa salvação?

Aos alunos do grupo 3, pergunte:

Que tipo de vida o homem passou a ter depois da morte de Jesus na cruz?

Peça que, durante a semana, os alunos façam uma lista de 10 itens de sua vida que podem ser alcançados pela influência da cruz de Cristo. Diga-lhes que, na próxima semana, você iniciará o estudo com a apresentação das listas preparadas por eles.

16

A influência da cruz (2)

texto básico	Gálatas 2.17-21
versículo-chave	Gálatas 6.17

“Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de manter a cruz em todas as áreas do pensamento e da vida.

leia a Bíblia diariamente

seg	Gl 1.3-5
ter	Gl 2.19-21
qua	Gl 3.1-3
qui	Gl 3.10-14
sex	Gl 5.11; 6.12
sáb	Gl 5.24
dom	Gl 6.14

	O aluno será capaz de
saber	compreender a total influência da cruz na vida do cristão;
sentir	desejar que o significado da cruz de Cristo seja uma realidade pessoal;
agir	buscar a cada dia a influência da cruz na própria vida.

Sugestão Inicial

Lembre-se que na última aula você entregou uma tarefa à classe. Para iniciar este estudo, peça que alguns alunos apresentem as respostas.

Na lição anterior já vimos três das sete afirmações admiráveis acerca da cruz de Cristo em Gálatas.

I – A cruz e a salvação (Gl 1.3-5)

II – A cruz e a experiência (Gl 2.19-21)

III – A cruz e a pregação (Gl 3.1-3)

Somadas às próximas quatro, obteremos uma compreensão espantosamente completa da influência penetrante da cruz. Assim, certamente, estaremos prontos a receber e repartir o poder contido na cruz de Cristo. Vamos lá? Oremos, novamente, antes do estudo.

Orientação Didática

Este estudo é a continuação e complementação do anterior. Por isso, sugiro que você continue com a metodologia de grupos. Divida a classe em quatro grupos. Em folhas de papel, prepare o roteiro da discussão que deverá ser seguido pelos grupos. Determine o tempo que terão e acompanhe as discussões nos grupos, cuidando para que tudo fique muito bem compreendido.

Grupo 1 – A cruz e a substituição

- Jesus foi amaldiçoado em nosso lugar. A cruz era instrumento de morte para malditos.
- Nenhuma pessoa cumpre completamente a lei. Jesus a cumpriu por nós.
- Jesus livrou o homem da maldição da lei, quando morreu na cruz por nós.
- Quando Jesus morreu na cruz, todas as famílias da terra puderam ser abençoadas, conforme Deus prometeu a Abraão.

Grupo 2 – A cruz e a perseguição

- A salvação que vem pela lei é humana, depende do esforço individual de cada um.
- A salvação que vem da cruz nos é dada pela graça de Deus.
- O verdadeiro crente que leva a mensagem da cruz está sujeito a perseguições.
- O crente não pode e não deve mudar a mensagem da cruz com medo de perseguição.

Grupo 3 – A cruz e a santidade

- Quando a pessoa entende e aceita a mensagem da cruz, ela busca um constante e contínuo processo de santidade.
- O processo de santidade leva à crucificação dos prazeres da carne.
- Aceitar a mensagem da cruz e buscar a santificação é deixar o Espírito Santo agir na vida.

Grupo 4 – A cruz e a vanglória

- Gloriar-se na cruz de Cristo é aceitar plenamente a Sua mensagem.
- O crente não pode se vangloriar em nada mais além da cruz.
- A cruz de Cristo leva o crente a negar-se, a abandonar os ensinamentos do mundo e a confiar em Jesus.

Vencido o tempo estipulado, junte os grupos e peça que os líderes, em rápidas palavras, falem do que foi discutido. Lembre-se que os roteiros dados aos alunos servem apenas de orientação. O estudo do texto deve ter sido feito por eles em casa. Ressalte a importância do aluno estudar na revista os temas, antes de que sejam explanados em classe.

I. A cruz e a substituição

(GI 3.10-14)

1. A mensagem

Essa palavra é deliberada, propositada e biblicamente forte, e assim se mantém, apesar de esforços para suavizá-la.

- a. A Bíblia é agressiva nesta matéria: *“o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”* (Dt 21.23). Isso é ainda mais forte do que o termo “maldição da lei” usado por Paulo.
- b. É um sinal histórico, não apenas uma ficção forense – Cristo, de fato, morreu envolvido num “genuíno sentimento de companheirismo”.
- c. É a expressão exata da grande humilhação que Cristo assumiu por nós: Cristo Se tornou “maldição” é uma metonímia (figura de linguagem que usa o autor no lugar da obra, por exemplo: “Você já leu Jonas?”) do amaldiçoado. É como se disséssemos: “por nossa causa, Deus fez Cristo um amaldiçoado”. Assim como Cristo Se tornou “pecado” por nós – 2Co 5.21 – *“Ele [Deus] O [Jesus] fez pecado por nós”*.

2. A lógica do ensino de Paulo é clara

- a. Todos os que confiam na lei estão sob maldição (v.11 cf. Dt 27.26). O ser humano é maldito porque jamais “permaneceu” em “praticar” o que requer a lei.
 - b. O justo viverá pela fé (v.12 cf. Hb 2.4). Viver “pela fé” e viver “pela lei” são dois estados completamente diferentes. Embora teoricamente os que obedecem à lei viverão, na prática, ninguém viverá porque ninguém é capaz de obedecer (exceto Cristo). Quem obedece a todos os mandamentos menos um é culpado de todos (Tg 2.10).
 - c. Cristo nos redimiu da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós (v.11,13; cf. 2Co 5.19,21).
 - d. Cristo fez isso a fim de que Nele a bênção de Abraão pudesse ir para os gentios, pela fé (v.14 cf. Gn 12.3): com a justificação do pecador em Cristo (o descendente prometido a Abraão), todas as famílias da terra podem ser abençoadas.
-

aplicação

É fundamental que jamais deixemos de agradecer, louvar e adorar a Deus pela dádiva de Cristo. Eu (Daniel) até poderia (se não tivesse muito tempo para pensar) dar minha vida por alguém. Mas jamais entregaria um dos meus dois filhos por alguém. Mas foi exatamente isso que Deus fez, e Ele só tinha um.

II. A cruz e a perseguição

(Gl 5.11; 6.12)

1. Pregar a circuncisão é pregar a salvação pela lei

Isto é, por meio da realização humana. Significa fugir da cruz com seu escândalo e da consequente e inevitável perseguição. Nos tempos de Paulo, havia muitos mestres que evitavam a perseguição pregando a circuncisão em lugar da cruz.

2. Pregar a cruz é pregar a salvação pela graça de Deus somente

Tal mensagem é a pedra de tropeço (1Co 1.23) porque humilha o homem, encurralando-o num beco com uma única saída: a salvação pela graça, sem mérito humano. Logicamente essa mensagem é impopular.

aplicação

Quanto à sublime tarefa de pregar a palavra de Deus, há apenas dois caminhos: o primeiro é o caminho da fidelidade; o último, o caminho da popularidade. Não é possível ser fiel e popular ao mesmo tempo (Lc 6.26). Ou pregamos a ira de Deus sobre o pecador rebelado e a cruz de Jesus como única solução para esse “impasse” humano, ou não seremos pregadores do evangelho. Em qual dos dois você (e sua igreja) está?

III. A cruz e a santidade

(Gl 5.24)

1. O contexto

(Gálatas, capítulo 5)

- a. O significado da liberdade moral (Gl 5.13). Não é autoindulgência, é domínio próprio. Não é servir a nós mesmos, é servir uns aos outros, em amor.
- b. O conflito interior. A carne com seus atos (Gl 5.16-18) – imoralidade sexual, apostasia religiosa e quebra social – contra o Espírito com Seu fruto em relação a Deus, ao próximo e a nós mesmos. O predomínio se dá andando no Espírito (Gl 5.25), ao mesmo tempo em que “*crucificamos a carne*” (Gl 5.24).

2. O texto

(Gl 5.24)

“*crucificar a carne*” Paulo enfatiza a necessidade de rejeitar a carne de modo cruel, juntamente com seus desejos.

- a. Como Jesus havia ensinado quando mandou “tomar a cruz” a fim de segui-Lo. Lutero esclareceu – o povo de Cristo prega a sua carne à cruz, “*de modo que embora a carne ainda viva, contudo não pode realizar o que faria, pois se encontra atada de pés e mãos, e firmemente pregada na cruz*”. Não crucificar a carne implica crucificar novamente a Cristo. É como passar do lado do Crucificado para o dos crucificadores.
- b. Dois tipos de crucificação:
 - somos crucificados com Cristo (Gl 2.20): voz passiva;
 - crucificamos a velha natureza (Gl 5.24): voz ativa.

aplicação

Hoje em dia, os livros e os púlpitos evangélicos têm ensinado a orar pedindo vitória na empresa, dinheiro e prosperidade, apesar da oração modelo que Jesus nos deixou, dizer: “dá-nos o pão de cada dia”. Creio ser saudável, à luz dessa verdade da cruz, passarmos a orar mais: “Santifica-nos, Senhor!” Ver Isaías 6.1-7.

IV. A cruz e a vanglória

(Gl 6.14)

Que significa gloriar-se na cruz?

- 1.** Vê-la como o caminho da aceitação diante de Deus. Este é o ponto central e o motivo da carta: mostrar aos gálatas como poderiam comparecer diante de Deus: gloriar-se na cruz de Cristo. Deus nos livre de que nos gloriemos a não ser na cruz; ela exclui todos os outros tipos de vanglória (Rm 3.27).
- 2.** Vê-la como padrão de nossa negação própria – As três cruzes da doutrina de Paulo:
 - a.** a cruz de Cristo – substituição;
 - b.** a crucificação do cristão para o mundo – o abandono da carne e seus valores;
 - c.** a crucificação do mundo para o cristão – o abandono do sistema maligno e corrupto que sempre está à disposição dos homens: valores do mundo, materialismo ímpio, vaidade e hipocrisia.

aplicação

Gloriar-se é o mesmo que: confiar em, regozijar-se em, ter prazer em, viver para alguma coisa. O objeto de nossa vanglória enche os nossos horizontes, domina nossa atenção e absorve o nosso tempo e energia. Numa palavra, nossa “vanglória” é a nossa obsessão. Pergunte-se: “qual é a minha obsessão na vida?”

Conclusão

Reagrupemos as grandes declarações de Paulo na carta aos Gálatas acerca da cruz numa ordem teológica.

1. A cruz é o fundamento da nossa justificação

- a. resgatou-nos do presente mundo perverso (Gl 1.4);
- b. redimiou-nos da maldição da lei (Gl 3.13).

Para nos apresentar perante Deus como filhos e filhas, para sermos declarados justos e recebermos a habitação do Espírito.

2. A cruz é o meio da nossa santificação

- a. crucificados com Cristo: onde estou incluído Nele (Gl 2.20);

- b. crucificação da carne: de nós mesmos para o mundo (Gl 6.14);
- c. crucificação do mundo: do mundo para nós (Gl 6.14).

3. A cruz é o assunto do nosso testemunho

Apresentar a Cristo crucificado de modo que vejam e creiam (Gl 3.1).

- a. O assunto é a cruz: mérito de Cristo (Gl 6.12).
- b. O assunto não é a circuncisão: mérito do homem (Gl 5.11).

4. A cruz é o objeto de nossa glória

(Gl 6.14)

Quatro iniciativas humanas inaceitáveis para Deus que nos tornam Seus inimigos:

- a. a justificação própria – em vez de ir à cruz e depender de Cristo;
- b. a autoindulgência – em vez de tomar a cruz e segui-Lo;
- c. o anúncio próprio – em vez de pregar a Cristo crucificado;
- d. a glorificação própria – em vez de nos gloriarmos na cruz.

Para Paulo, a cruz não era apenas uma imagem para apoiar a fé. Era um compromisso, um alvo, uma agenda, uma companheira: na perseguição, na pregação, na alma, na mente e até no corpo (Gl 6.17).

aplicação

Campbell Morgan definiu muito bem a penetrante influência da cruz: “Só o homem crucificado pode pregar a cruz”.

Disse Tomé: *“Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos... de modo algum acreditarei”*. O Dr. Parker, de Londres, afirma que, o que Tomé falou acerca de Cristo, o mundo hoje está dizendo a respeito da igreja.

E o mundo também está dizendo a cada pregador: a menos que eu veja em suas mãos as marcas dos cravos, não creerei. É verdade. Só o homem que morreu com Cristo pode pregar a cruz de Cristo.

Sugestão Final

Coloque no quadro sete tiras de papel, assim:

SALVAÇÃO

EXPERIÊNCIA

PREGAÇÃO

SUBSTITUIÇÃO

PERSEGUIÇÃO

SANTIDADE

VANGLÓRIA

Lembre que a cruz provoca na vida do crente esse tipo de influência. Pergunte o que acontece com a pessoa que se diz crente e que não tem a vida transformada. Deixe que deem respostas espontâneas.

Entregue a cada aluno um pequeno cartão assim:

Se eu tomar minha cruz cada dia, vou encontrar nela:
...a justificação de meus pecados,
...forças para buscar minha santificação,
...condições para testemunhar e
...alegria em Cristo.

Diga aos alunos: É isso que vocês desejam para a vida de alguém amigo que ainda não tem essa certeza? Vá até ele e fale da mensagem da cruz.

17

O túmulo vazio valida a cruz de Cristo

texto básico	2Pedro 1.19-21
versículo-chave	Hebreus 11.39-40

“Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”

alvo da lição

Ao estudar esta lição, você terá condições de conhecer as formas como Deus preparou a história do homem no Antigo Testamento para a obra da cruz.

leia a Bíblia diariamente

seg	1Co 15.1-11
ter	1Co 15.12-19
qua	1Co 15.20-28
qui	1Co 15.29-34
sex	1Co 15.35-49
sáb	1Co 15.50-58
dom	Sl 1.1-6

	O aluno será capaz de
saber	compreender que a mensagem do túmulo vazio autentica a mensagem da cruz;
sentir	ter expectativa positiva de que Jesus aguarda os Seus nos céus;
agir	renovar a mente para experimentar a vontade de Deus.

Sugestão Inicial

Sugestão Inicial

Convide seus alunos a cantar um dos mais tradicionais hinos evangélicos que fala da mensagem do túmulo vazio.

Depois do cântico, conte a seus alunos a ilustração que segue, de *Kraft und Licht*.

Numa aldeia do norte da Índia, um missionário pregava em praça pública. Depois da pregação, aproximou-se-lhe um maometano dizendo:

- O senhor tem que admitir isto: temos uma coisa que os senhores não têm, e por isso a nossa religião é mais rica do que a sua.
- Gostaria de saber o que é – respondeu o missionário.
- Quando fazemos uma romaria a Meca, voltou o maometano – lá encontramos o esquife no qual se acha Maomé; mas quando o cristão vai a Jerusalém, nada mais encontra senão um sepulcro vazio.

Com um sorriso, respondeu o missionário:

- Pois aí, exatamente, é que está a diferença entre nós e os senhores! Maomé está morto! Jaz em seu esquife, e nada mais pode fazer. Mas Jesus Cristo não está aqui, Ele ressuscitou! A Ele foi dado todo o poder. Essa é a nossa esperança.
- Fale para seus alunos: O túmulo vazio autentica a mensagem da cruz.

Há alguns anos, eu estava andando pelo centro velho da cidade de São Paulo e, curioso, parei para ouvir a mensagem do evangelho anunciada aos gritos por um pregador de rua. Ele estava bem no centro do Largo São Bento, início da famosa Avenida São João.

Parei ali, com toda a minha teologia ancorada nos diplomas enquadrados na parede do gabinete pastoral de uma igreja centenária. Minha credencial de reverendo queimava em meu bolso, e muitas memórias interessantes vieram à minha mente.

Cresci numa igreja fervorosa na evangelização. Uma de suas marcas registradas eram os “cultos ao ar livre”. Não há uma esquina do nosso bairro onde eu não estive na minha infância e adolescência em meio a violões, acordeões, trombones, muita pregação do evangelho a plenos pulmões, sem nenhuma amplificação eletrônica, e com folhetos e mais folhetos. Gritos de guerra tais como “Jovem, você é feliz?” ecoavam para chamar a atenção dos que passavam enquanto eu orava silente e envergonhado: “Jesus, manda uma chuva para eu poder ir embora logo”, ou “Senhor, não permita que nenhum dos meus amigos passe por esta esquina agora. Se eles me virem aqui no meio destes crentes berrantes, estarei perdido amanhã na escola”.

Meu senso crítico carnal foi convocado às pressas. Lá estava eu na posição oposta à da minha infância e juventude, com muitas pedras nas mãos.

O pregador, trajado de modo a indicar ter saído diretamente do século passado, dizia apaixonado: “No túmulo de Elvis Presley está escrito: ‘Aqui jaz Elvis Presley’. No de Adolf Hitler, Elis Regina, Tiradentes, Maomé... e todos os seres humanos que já pisaram neste pó para onde todos iremos voltar está escrito: ‘Aqui jaz Fulano de Tal’. Exceto num túmulo: o de Jesus Cristo de Nazaré. Seu túmulo está vazio.”

Rapidamente terminou convidando as duas ou três dezenas de ouvintes a entregar a vida a Jesus mediante o arrependimento de seus pecados. Eu já havia rasgado em minha mente o diploma da parede e amassado a credencial de reverendo no bolso: quase me converti novamente a Jesus naquela tarde.

A ressurreição de Cristo é o adorno final à cruz do nosso Salvador. A cruz só tem valor porque o túmulo está vazio.

Quem parou na cruz está doente, senão morto. Vejamos isso na vida de dois dos nossos irmãos do passado e sejamos curados, se for o caso.

Orientação Didática

Peça aos alunos que se lembrem de algumas ocasiões em que Jesus fez questão de dizer a Seus discípulos que morreria, mas ressuscitaria. Dê-lhes tempo para que se lembrem e citem alguma ocasião.

- Por que, mesmo sabedores da promessa da ressurreição, os discípulos fugiram e se esconderam quando Jesus foi morto? (Tiveram medo de também ser julgados como seguidores de Jesus.)
- Considerando que os discípulos não se lembravam das promessas de Jesus, vocês acham que nós também nos esquecemos das promessas da Bíblia?

Após as reações dos alunos, mostre a eles que quase sempre nos esquecemos das promessas bíblicas. Você pode até dar alguns exemplos de como nos esquecemos das bênçãos que o Senhor nos promete.

- Por que os discípulos que estavam a caminho de Emaús a princípio não reconheceram Jesus? (Jesus era o futuro, a esperança, tinha vencido a morte e aqueles discípulos estavam presos ao passado.)

Peça que deem exemplos de pessoas que só pensam no passado e que, com isso, são impedidas de ver as bênçãos de Deus.

- Que é preciso para que se tenha consciência da mensagem do túmulo vazio?

Deixe que deem respostas espontâneas mas, ao final, deixe claro que:

- é preciso confiar em Jesus;
- é preciso aceitar a mensagem da cruz;
- é preciso ter a consciência de que o túmulo está vazio.

I. A enfermidade: mente bloqueada

Em inúmeras ocasiões, Jesus havia dito aos discípulos que haveria de morrer, mas que, com absoluta certeza, ressuscitaria. Porém, quando o Mestre foi capturado, torturado, julgado e morto, ninguém foi capaz de lembrar-se daquelas palavras, ou nelas crer. A mente deles estava bloqueada, entorpecida pelas imagens recentes.

Que havia acontecido com eles?

1. Memória fraca

(Lc 24.25-26)

Não podiam se lembrar das promessas de ressurreição.

aplicação

Jeremias lutou também contra uma memória sem esperança. Em meio a essa aflição mental, suplicava a si mesmo e a Deus: “Quero trazer à memória o que me pode dar esperança” (Lm 3.20-21). Sua mente não está bloqueada como resultado da memória sem esperança? Você tem, na ponta da língua, as “provas em sua própria vida” da ressurreição de Cristo? Ainda recorda o hino “Conta as muitas bênçãos?” Veja se é capaz de enumerar os sinais da ressurreição em sua própria vida cristã.

2. Olhos impedidos

(Lc 24.16)

A Bíblia fala que olhos maus põem todo o corpo em trevas. No caso destes dois discípulos a caminho de casa, havia um véu sobre seus olhos. O próprio Messias ressurreto estava diante deles e continuavam a lamentar Sua morte. Ridículo! Ridículo, mas muito comum.

3. Raciocínio acorrentado ao passado

(Lc 24.14-24)

- a. Os dois discípulos só sabiam conversar sobre as tragédias ocorridas

naquele final de semana com feriado – a Páscoa (Lc 24.14,18).

- b. Os dois discípulos tinham conhecimento dos fatos e da sua importância (v.20). Note os tempos verbais (v.21): o subjuntivo (“nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel” – ARA) reflete desencanto produzido pela mente bloqueada.
- c. Os dois discípulos não conseguiam levar em conta notícias contrárias às conclusões obtusas (v.22-24) – o depoimento das mulheres confirmado por alguns discípulos. E havia fatos: “túmulo vazio”.

aplicação

Acho isso um dado impressionante. Notícias, confirmações, evidências; todas concordando para o cumprimento de vários sermões que haviam recebido pouco tempo antes. Mas nada parecia conseguir sequer mover sua desesperança. É isso que dá fixar os olhos num Salvador morto, crucificado. É isso que dá viver para seguir uma religião, frequentar uma igreja, colocar o nome num livro, ou incluí-lo num cadastro eletrônico – simplesmente – mesmo que seja o banco de dados de uma boa igreja cristã. Que evidências você dá de que é um discípulo do Jesus ressurreto, não apenas um evangélico tupiniquim da Era Gospel?

4. Emoções travadas

Assim é aquele que só conhece a morte de Cristo, mas não experimentou o poder de Sua ressurreição: suas emoções estão travadas. Os hinos não o alcançam mais, os sermões em fogo não o retiram da mornidão. A renovação dos retiros não dura mais do que três ou quatro míseros dias.

Depois de ficar extremamente clara a “demência” desses dois discípulos (um ótimo espelho para nós mesmos), vejamos como Cristo tratou de curá-los.

aplicação

É bom que fique bem claro que Jesus jamais abandona Seus discípulos na escuridão. Não é preciso entrar em pânico.

II. O tratamento do Médico dos médicos

1. Uma boa visita

(Lc 24.29)

“Quem é vivo, sempre aparece” – não é assim que a gente fala? Jesus aparece para promover fé em Seus discípulos (Lc 24.15). Note: “o próprio Jesus” – que delícia! Não apenas pelo caminho, mas também em sua casa.

2. Uma boa bronca

(Lc 24.25-26)

“Néscios e tardos de coração” – nada substitui um bom puxão de orelhas: com açúcar e com afeto, é verdade; mas também com um bocadinho de força.

aplicação

Ler e meditar em Hebreus 12.4-13 é sempre muito bom para os filhos de Deus, lembrando-nos de que, de vez em quando, Deus tem de nos dar, também, “uma bronca”!

3. Um belo sermão

(Lc 24.27)

Que sermão maravilhoso deve ter sido aquele! Quando chegar ao céu, pedirei uma cópia dele para escutar à sombra da Árvore da Vida. Que privilégio ouvir Cristo falando de Cristo; a Palavra Viva explicando a Palavra Escrita! O Poder de Deus caminha na história através da Palavra de Deus.

4. Um belo gesto

(Lc 24.30)

Alguns entre nós não valorizam a ceia do Senhor e o batismo com água à altura do que de fato são. Mesmo mantendo as ordenanças no campo do testemunho, da simbologia, devemos procurar neles uma oportunidade de extrema comunhão. A última ação estratégica de Cristo para “curar” esses dois foi cear com eles. Jesus tem um repertório infinito de gestos provocadores de luz e fé: a saliva no barro, uma ordem ao mar, um toque em um leproso ou em um morto, um colo para uma criança, um atraso sem explicação aparente, etc. Serão sempre gestos curadores, promotores de fé e visão espiritual.

aplicação

Leia Apocalipse 3.20 e responda: o que Jesus faria, sendo-Lhe permitido, para selar Seu retorno a esta igreja morna, pronta a recebê-Lo novamente?

Conclusão

Olhos abertos e coração ardente – o que mais um cristão precisa para manter-se no caminho estreito que conduz à salvação? Só um Jesus Vivo, como o nosso, é capaz de efetuar milagres como este em alma tão escurecida por mente tão adoecida como a nossa, maculada pelos efeitos do pecado.

Notou os sinais práticos de ressurreição nestes dois discípulos?

1. Olhos abertos (Lc 24.31)

Os discípulos nem precisavam mais da presença física do Mestre para Nele crer.

2. Fogo no coração (Lc 24.32)

As emoções fazem parte da verdadeira vida cristã. Não são seu fundamento e alicerce, mas fazem parte: chorar, sorrir, ajoelhar-se, dobrar-se, levantar a voz, aquietar-se longamente, tremer, pôr a boca no pó. Há expressões emocionais por toda a Bíblia.

3. Prazer nas Escrituras (Lc 24.32; Sl 1.2)

4. Prazer e disposição para as celebrações de crentes na ressurreição (Lc 24.33-35)

- a. *“Na mesma hora”* – Não era o horário adequado para iniciar uma viagem.
- b. *“Levantando-se, voltaram”* – o sentido de sua caminhada, antes da iluminação da ressurreição, era “sair” de Jerusalém.
- c. *“Ouviam e falavam”* – É assim que ficamos cheios do Espírito Santo (Ef 5.18-21).

aplicação

Eu creio na ressurreição de Cristo?

Sugestão Final

Fale para seus alunos que somente os cristãos podem cantar que o seu Deus está vivo, cantem juntos o hino “Porque vivo está.”